O Muyraktã

O

MUYRAKYTÃ

Estudo da origem, Asiatica, da Civilização do Amazonas nos tempos prehistoricos

POR

J. BARBOSA RODRIGUES

Director do Museu Botanico do Amazonas, Cavalheiro da Antiga e Nobillissima e Esclarecida Ordem de S. Thiago da Espada, Fiscal do Governo no Conselho superior da Instrucção Publica, Membro do Instituto Hist. Geogr. e Ethnogr. do Brazil, do Inst. Archeol. de Pernambuco, do Inst. Pharm. do Rio de Janeiro, da Real Soc. Anthrop. e Ethnol. de Florença, da Academia Real de Sciencias de Lisboa, do Inst. de Coimbra, da Soc. dos Naturalistas de Friburgo, da Imp. e Real Soc. Bot. de Vienna, da Real Soc. Bot. de Edinburgo, da Soc. Bot. de Marseille, das Soc. de Geogr. de Paris, do Rio de Janeiro, e do Amazonas, Laureado pelo Inst. de Sciencias phys. e nat. de Florença e pela Academia Nacional de Paris, etc.

Arthur Cezar Ferreira Reis
Manaus, 1930

Am
909
R696m

MANAOS

TYP. DO AMAZONAS—RUA GUILHERME MOREIRA

1889

INTRODUCÇÃO

Si des recherches ausssi delicates, aussi pénibles, apportent quelques résultats nouveaux, quelques considérations importantes; si nous indiquons un point de vue plus espéciale, sous le quel on puisse envisager l'étude de l'homme; si l'ensemble de ce travail, jugé utile á la science, est acueilli avec bienveillance: heureux d'avoir osé l'entreprendre, trop payé de nos éfforts, nous ne regretterons ni les fatigues, ni le veilles, ni le temps qu'il nous aura coutés.

D'Orbigny.—*L'homme Américain.*

Apezar da noite dos tempos envolver na negrura d'espessa mortalha os factos e costumes das gerações que se sumiram, difficil, mas não impossivel, é soletrarem-se as phrazes do livro em que elles estão registrados.

Esse livro não tem caracteres; porem, a esculptura, os monumentos, a tradicção, as lendas e as linguas illustram e enchem as suas paginas que, abertas, a ethnologia, a muito custo e com sacrificio, illumina com uma luz que, se não espanca as trevas, esclarece os mysterios de muitos seculos.

A origem de muitos povos do Brazil e principalmente os da região cortada pelos rios para os quaes o Amazonas é artéria gigante, está n'uma d'essas paginas; e com um pequeno monumento mineralogico, precioso luzeiro nas mãos do archeologista, o *Muyrakytã,* procuro estudal-a e, se não vejo esclarecida toda a população d'essa grande zona, apresenta-se-me clara a parte que habitou uma determinada região.

II

Guiado por esse amuleto emprehendi viagens e explorações, procurando cercar-me de tudo quanto podesse auxiliar o meu empenho. Consultei a historia, agarrei a tradicção, abracei as lendas, investiguei o solo, ouvi as linguas, estudei a ceramica, revolvi as *iukaçauas* e observei os costumes do selvicola moderno no meio em que vive e nos jogos de seus instrumentos. Foi assim que achei ligados ao muyrakytã costumes de tribus do Rio Negro, Purús, Yapurá, Içá, e outros, que representam figurativamente nas suas festas uma lenda, que secretamente occultam. As leis estabelecidas n'essa lenda são guardadas e cumpridas tão fielmente como foram ditadas pelo ente que, com o correr dos seculos, tornou-se quasi mythologico, e que por isso o vulgo já lhe empresta um papel infernal.

Ninguem ainda havia tomado por guia esse amuleto archeologico quando d'elle me apossei e, seguindo a estrada em que elle é encontrado, com muito estudo e trabalho fui achar a sua origem no centro da Asia.

E' elle quem illumina a civilisação pre-Columbiana e nos mostra a marcha do povo que d'ahi emigrou em epocas prehistoricas.

A' medida que o estudava, maior numero de provas se me antolhavam esclarecendo as questões e varrendo a duvida, apresentando-se-me sempre como pégadas de um estranho caminheiro. As circumstancias que o revestem o apresentam como Karaiba embuido de crenças do Oriente.

A principio foram presumpções, mais tarde factos, que se accumularam, que parecem exprimir a verdade, pois que a luz que elle derrama faz com que possam ser interpretadas as paginas d'esse livro que occultam a historia das primeiras éras Amazonenses.

Estes factos são observados na região em que habitaram as fabulosas Amazonas, e n'aquella em que medram os enxertos tirados dos troncos cujas radiculas se prendem ao Mexico, á America Central, á Columbia e ao Perú e a raiz mãe ao solo dos filhos do sol e das serpentes.

As notas que pude tomar são resteas de luz que, se frouxas e vacillantes vem de um lado, firmes e claras apparecem de outro. Assim as enfeichei e, se não formam um facho que esclareça completamente o passado, servem, ao menos, para não nos deixar tactear n'elle ás tontas.

Presos a esse muyrakytã, o fanal que me tem guiado para diversos pontos, acham-se varios episodios que se consideram

lendas, e são estas que muito favorecem a peregrinação pelos estadios dos tempos idos.

Os indios e tapuyos me referiram na Lingua Geral, historias que passam cômo fabulas que, comparadas com outras mais civilisadas, assimilam-se e dão-me uma pagina que interpretada é uma lição d'historia.

A lenda principal é a de um heróe, que já fazem sahir do Averno, como disse: a do *Yurupary Yaui*. Ouvi outr'ora, aqui e alli, differentes episodios d'ella que, seguidos, só me referiram os sectarios cumpridores das leis que essa lenda prescreve.

Por ser longa essa historia nem todos os indios a referem inteira, assim como apparece modificada, pelo meio, entre as tribus, tendo todas comtudo o mesmo fundo. Os nomes proprios modificam-se, os episodios alteram-se, mas essa carnação cobre sempre o mesmo esqueleto.

Essa lenda divide-se em tres partes.

A primeira trata da apparição de um legislador e da instituição de suas leis e sua execução, a segunda da propagação das mesmas pelo filho de um dos companheiros do heróe e a terceira dos factos mais recentes e da modificação das mesmas leis.

O muyrakytã levou-me a Yurupary e commentando a sua historia, pelos seus mysterios descobri a sua patria. Os meus *Commentarios* poderão nada valer, para alguns, mas são subsidios que ficam registrados para que outrem melhor desenvolvendo faça surgir a verdade nùa e radiante.

Para mim esta está occulta nas ruinas da civilisação Tolteca e a cadeia que a prende tem uma extremidade soldada nos blocs da nephrite de Yuthian, a *terra da jade* (1), emquanto que a outra, quebrada, tem seus fuzis espalhados pelo Norte da America do Sul, e pelas encostas da cordilheira dos Andes e que são descobertos entre as tribus Karaibas.

Denomino genericamente tribus Karaibas todas aquellas que tem entre si um cunho de familia que conservam com o nome KARA.

---

(1) Em Abbeville, a *Abbatis* Gauleza, da *Belgica secunda*, foram achados pelo archeologo Boucher de Perthes, quatro amuletos, que apezar de não serem de nephrite, comtudo são da mesma escola d'aquelles que eram usados pelos povos da Yuthian. Diz elle, nas suas *Antiquités celtiques et antidiluviennes*, á pags. 345 do 1º vol., «qu'il y avait de rapport entre ces pierres et celles qu'on a trouvées en Amérique, il y a peu d'années, dans des sepultures mexicanes.» A' pags 112 observa: «J'en ai trois en jade verte qui sont presque semblables. L'une a été trouvée prés d'Abbeville: l'autre en Italie, prés de Naples; la troisiéme, dans l'Inde, prés Calcutá».

Esse cunho por toda a linha migratoria da nephrite, não só na que se estende pela America, como na que atravessa a Asia e a Europa, tem o mesmo significado, mais ou menos modificado pelo tempo e pelo meio, porém preso sempre a uma só ideia radical. Nas linguas aryanas como nas semiticas e americanas tem sempre o mesmo significado. Apesar de no corpo d'este trabalho tratar d'esse vocabulo, devo ainda, para melhor intelligencia, occupar-me d'elle n'esta introducção.

Sabemos que os Tartaros lhe dão, tambem, a significação de *negro*, quando o empregam nas cousas inanimadas, d'onde vem *kára-sou*, o rio negro; *kára tapa*, o outeiro negro; *kára-tag*, o monte negro; *kara-koun*, as areias negras; *kàra-hissar* o castello negro, *kuru-sivo*, a corrente negra, etc; porem, esse *negro*, devemos frizal-o bem, é no sentido de *máo, ruim*, e refere-se ás difficuldades, á naturesa das terras e das aguas, ou mesmo a factos de crueldade que n'ellas se praticaram.

Os montes, os rios, as areias, as correntes *negras*, têm esse appellativo não porque sejam de *côr negra*, mas sim porque a passagem por esses logares é tão *má*, tão cheia de perigos, que corre-se risco de vida em atravessal-as; como os peixes dos rios, de *Kara-sou* por exemplo, não se comem porque produzem febres malignas.

Tanto assim é que, os Turcos, fazem esse *negro* synonimo de *cru*, *cruel*, *deshumano* ou *tyranno*, como se vê n'estes exemplos:

Yazidjy, conhecido tambem por Djelalys, chefe rebelde, contemporaneo de Mehemed 3.º, entre outras crueldades que praticou, mandou pelo seu exercito matar, nas planicies da Cezarea, 16.000 musulmanos. Pela sua tyrannia, quando morreu, esquartejaram o seu cadaver e enterraram os pedaços em differentes logares.

Mustaphá, Vizir de Mahomet 4.º, por maldade, sacrificou as suas melhores tropas levantando vergonhosamente o cerco de Vienna, na guerra da Hungria.

Mehemet, entre muitas maldades que praticou mandou degollar quarenta christãos.

Iosuf, depois de tirar o poder do proprio protector e bemfeitor de seu pae, o Sultão Aouis, tornou-se o flagello da Mezopotamia, da Caldéa e Media, acabando por fazer matar o mesmo Sultão, tendo por castigo, quando morreu, ficar o seu cadaver insepulto depois de se lhe cortar as orelhas.

Jorge Iskaki, heroe da revolução grega, depois de muitas crueldades que praticou, assassinou seu pae.

Poderiamos citar muitos outros exemplos, mas basta saber-se que depois de todos estes actos de *malvadez* deshumanamente praticados por estes *poderosos*, que tinham *negro* o coração, foi que se lhes deu o appelido de *Kára* Yazidjy, *Kára* Mustaphá, *Kára* Yassuf e *Kara* Yskaki.

Esse sentido liga-se sempre aos poderosos, soberanos, conquistadores e a guerreiros, sobretudo quando são barbaros. Quando hoje, na Turquia, se dá esse tratamento é porque o Sultão é despota, tyranno ou máu, como tambem se lhe dá o titulo de *Hunkiar* que corresponde, como *Kára*, a *S. Magestade*, quando, entretando, significa o *sanguinario, o que derrama sangue.*

Estas linhas eram necessarias para que se não fosse suppor que o nome *Kára* dado a logares da Tartaria e d'outros paizes, cortados pela linha migratoria da nephrite, tinha uma significação diversa.

A côr preta em tartaro é *Siah*, em turco *A'ssuct* ou *Aswad*, em arabe *Kah'l*, e em hebraico *Cahor*.

Tanto universalmente tem *kára* a significação de *poderoso*, *chefe*, etc, e exprime *o primeiro*, *o mais antigo*, *o que governa*, que quazi todas as tribus da Colombia tem, como na Asia, para exprimir o numero *um* ou o *primeiro* o termo *kari*.

Dirão que no Kechua, do Perú, existe a palavra *kára* exprimindo *pelle*, *sarna*, *trigo;* porém explicarei que a pronuncia é differente, porque, *khara*, (pelle) pronuncia-se muito gutturalmente, com aspiração gargarejada; *ccara* (sarna), sendo tambem um som guttural é explosivo e *kcara* (trigo), tem pronuncia tambem guttural, porém, expressa com os dentes serrados a parecer *çara*. O tratamento dado ao *senhor poderoso*, *estrangeiro*, é simplesmente *kára* ou *cara* como o pronuncia o Karaiba, o Turcomano, o Magyar, o Vasconço e o Peruano excluindo, no entanto, toda a ideia de malvadez que dá o povo do Oriente da Europa.

O *kára* no Aymára-dugo (1) e no Chilidugo, noto tambem, é o mesmo *kára*, inca, porem o seu sentido modificou-se porque passou a significar *povo*, que tambem representa, pela collectividade, a soberania e o poder e muitas vezes a malvadez.

Habitavam o littoral da Provincia da Bahia os Tapiyas, quando ahi chegaram, do Norte, os Tupynaês, que appossando-se do terreno os expellio para o centro. Já por largos annos gozavam a sua conquista quando, por sua vez, foram tambem atacados por novos conquistadores, os Tupynambás, que fugindo dos Karaibas se dirigiam para o Sul. Os Tupynaês, tiveram de atacar nova-

mente os Tapiyas, para tomar lhes o terreno do sertão, obrigando estes a se refugiarem mais para o centro, ficando os Tupynambás de posse do littoral. Algum tempo depois, um Tupynambá, á força, raptou uma donzella dos da sua tribú, o que suscitou o odio paterno e levantou a discordia.

O pae offendido, sua familia, seus amigos e alliados, levantaram acampamento e atravessando para Itaparica formaram nova tribu que se tornou inimiga da do raptor e para destinguil-a, estabeleceu uma linha alem d'aqual ninguem passava porque os separava dos *Karamborés*, nome que lhes foi applicado e que queria dizer *os que se fizeram karas*, isto é: os que tinham o mesmo procedimento dos *conquistadores*, o de tomarem as mulheres á força.

Direi ainda mais:

Cresce na Tartaria e na China uma Ranunculacea que, desde a maior antiguidade, é tida como medicinal, tendo mesmo as suas raizes, que são trazidas ao pescoço, propriedades de talismã:—é a *Mou tan* (flôr escarlate), scientificamente conhecida por *Paeonia officinalis* Linn.

Com esta planta Paeon, o medico dos deuzes, segundo a Mythologia grega, curou a Plutão.

O Japão a importou da Tartaria e, cultivada, propagou-se, produzindo innumeras variedades, não só em flor como tambem em porte. Os Japonezes corromperam a palavra *Mou-tan*, em *Bottan*, e ás suas variedades deram differentes nomes, designando sempre a *primitiva*, a *mãe*, a *estrangeira*, pelo nome de *Kára-bottan* (a primitiva flôr *escarlate)* ou *Kara-yokusa* (a primeira e a mais bella).

Soo kung, que no seculo 6.º publicou um tratado sobre Philosophia natural, entre os annos de 656 a 660, a ella se refere dando-lhe o nome de *kára mou-tan*.

Temos, pois, *kára* indicando a *primeira* flor de sua especie que appareceu no Japão, sahida do *estrangeiro*, que serviu de *mãe* ás variedades que appareceram, sendo sempre a *mais bella*.

O que exprime na humanidade, isto é: sempre a palavra *kará* indicando origem *estranha* e *poder* entre as raças humanas, que se prendem á nephrite, exprime no reino vegetal a primeira flôr, a *exotica*, que entre todas de seu genero conserva o poder da bellesa.

Quando passou pela Grecia o povo que atravessou a Bactriana, a Hyrcania, a Media, a Armenia, a Paphlagonia, Troya e Creta,

deixou n'ella o vocabulo *kuru* ou *karu* (1) que os Eolios, acceitando-o, modificaram em *kyrios* e que os Doricos fizeram *karanos* e *koyranos*, d'onde veio o *Tyrannos*, do grego moderno, que deu o *Tyrannus* latino e o *Tyranno* portuguez.

Kuru, filho de Savarana e de uma filha do Sol, descendente de Bharata, o *primeiro monarcha* que *avassalou* toda a terra, segundo o MAHABHARATA, a grande epopeia Sanskrita, era o *chefe* da *poderosa* familia dos *Kuravas* ou *Karavas* (2) que, derrotada pelos Pandavas, deu logar a que subisse uma nova dynastia, emigrando os povos que se uniram na luta contra os Pandavos protegidos por Krishna e os seus Jadavas.

Como *kâra* era termo usado por invasores e estranho para o povo em que ia ficando, tambem passou a significar o *estrangeiro*, o *conquistador*, o *destruidor*, para indicar os que vinham de fóra.

Assim os Arabes, modificando a pronuncia, para indicar o *estrangeiro* dizem *gharéb*, pronunciando o *ghain* (gh) como o *ghâmma* (g) grego, e mudando o gh em *qaf*, (q) que sôa como o *khapa* (k) grego, empregam o mesmo termo, *Qarib* ou *Qdrayb*, no plural, para designar o *parente* ou os *parentes*, reservando o *kharab*, para exprimir o *destruidor*. Recebendo tambem a significação de *sciencia*, *saber*, foi modificado em *qara* pelos hebraicos que os arabes fizeram *karaa* ou *k'ra*, vindo d'elle o *Koran*, conhecido por *Alcorão*, em portuguez.

Outrosim a esse vocabulo se prendem outros da mesma origem: o *Pâró* e o *Tuna*, companheiros tambem da nephrite.

Aquelle é puro Sanskrito e contracção de *Ap*, agua, e *Uru*, o verbo *ru*, ir, mover-se, significando *agua estensa*, que se *estende longe*, que *se move*, e d'ahi veio *Puru*, *Pâró*, *Paru*, *Pará*, e *Peru* a significar *Rio* e *Mar*, assim como de *Ap* e *Saras*, acção de *andar*, *levantar-se*, veiu *nuvens*, por *vapores d'agua*, personificados nas *Apsaras*, nymphas da côrte de Indra, *Apuru* pelo adoçamento do *u* passou a *Aparô* e por metaplasma tornou-se *Paru* ou *Puru*, e que os Tartaros fizeram *Parok*, com o significado de *torrente*.

---

(1) Modificada a pronuncia, no proprio sanskrito, modificou-se tambem o sentido, tanto que *kârú* significa o *artista*, *o que faz á*.

(2) *Kara-vas*, descendente dos *karas*, dos poderosos. No Perú, diz Garcillasso de la Vega:—«le seigneur qui a plusiers vassaux» se chama *Kuraka*.

Não devemos confundir este *karava* com o de que Max Muller, na sua *Science u Langage*, diz que os etymologistas indianos fazem *corvo* derivar, porque a radical é outra:—*karava*, fazer ruido desagradavel.

Tanto assim é, que quasi todos os indios do Peru, como verifiquei, quando ahi estive, dão ás aguas correntes o nome de Parô. Wiener (1), me justifica quando diz: «J'estime que ce nom signifie *eau en mouvement*, car ils appellent des ruisseaux également *Parô*.

Na Araukania modificou-se em *Puri*.

O *Ap*, no Persa, como no Quiché, modificou-se em *ab*, no Zend em *âf*, no Maya em *at* e no Nahuá em *atl*.

Foi d'este Párô ou Paru que veiu o moderno nome do Imperio dos Incas. Os hespanhóes deram a todo o paiz que conquistaram o nome, de Perú, quando este nome, por mal ouvido ou já por adulterado, mesmo pelos naturaes, foi dito para designar o *rio*, a *agua corrente* em que estava o indio que elles aprehenderam e que lhes disse chamar-se *Beru* on *Pelu*. O Rev. Padre Acosta, no cap. XIII da sua *Historia natural das Indias*, diz:—«os hespanhóes que fizeram esta descoberta chamaram todo o paiz de *Piru*, do *nome de um rio*, onde pela primeira vez saltaram».—Garcillaso de la Vega nos diz a verdade quando descrevendo a passagem dos navios hespanhóes pela costa do Perù, nos diz que, um d'elles «apparaît fortuitement un indien, qui pêchait á l'embouchure *d'une rivière*». Preso o indio e trazido para bordo «ils lui demandérent & par signes & par paroles quel était ce pays lá; & comment il s'appellait ? »—O indio pensando que perguntavam o que era o logar em que estava pescando, respondeu que um rio, isto é, disse *Beru*, *Pelu*. Garcillaso explica estes dois vocabulos dando o primeiro como nome proprio de indio e o segundo como significando rio e accescenta:—«Car *Pelu* est un appellatif que signifie *Rivière*.» — Entretanto Beru e Pelu são uma e mesma coisa. Quem como eu tem tido a pratica de fallar com indios sabe perfeitamente que a mesma palavra ouvida por ouvidos não educados parece que cada vez que o indio falla muda de letras e pronuncia a palavra differentemente. O mesmo Inca Garcillaso termina dizendo: —«J'ajoute que le nom appellatif *Pelu* étant auparavant commun á *toutes les rivières* en général, fut depuis fait un nom propre par les Espagnols, qui lui donnèrent particulièrement à cette rivière, qu'ils appellaient *Perou*».

A mudança do *r* para *l* é vulgar, e, não é só na America que isso se dá. Tanto assim é que a propria palavra *kara*, *kari* pronuncia-se tambem *kâla*, *kâle* e *kâli* em diversas tribus.

---

(1) *Perou et Bolivia*. pag. 365.

IX

O Indio que disse aos hespanhóes que o rio tinha o nome de Paru pertencia á raça platicephala, e adorava as *pedras verdes*. Garcillaso nos diz—«qu'ils adoraient une Emeraude qui était presque aussi grosse qu'un oeuf d'autruche».

O *Parô* com o correr dos seculos, com a mescla de outras linguas, quando chegou á Hespanha, depois de atravessar a Italia e a Gallia, estava modificado, se a modificação não foi em epocas posteriores, porque entre os Vasconços, na sua lingua, a *Euskara*,, a agua é expressa por *ur*, isto é: *a que se move, a que se estende*, que não é mais do que o *ru* Sanskrito modificado por uma metathese.

Note-se quo os Vasconços, ùma das raças das *questiones vexatae* da ethnographia, e que tem um idioma *fort ancien, dont l'origine est inconnue* (1), são os que mais se orgulham da sua nobreza e se julgam com o privilegio de possuir a *nobreza universal*, por descenderem dos que na historia são conhecidos por *karistos*, avoengos que sahindo da Tartaria se espalharam pelo Globo, protegidos pelo muyrakytã de nephrite.

Ainda mais, hoje, são os unicos que na propria lingua conservam, por orgulho, um distinctivo para mostrar ser a primeira, a mais distincta e a dos que pelo *trabalho do campo* se nobilitaram.

O nome *Euskara*, da sua lingua, compõ-se de *Eus* e *kara*. *Eus* ou *Us* não é mais do que um prefixo do dialecto *Osca*. E' o *Osci* ou *Opsci* que os Sammitas herdaram e legaram aos Sabinos da Italia, que modificou-se depois em *osc, vesc, vasq, gasc* e *basc* que produziu o *osca*, o *vasco* o *vasque*, o *vasconço*, o *gascon* e o *basque*. Este *osc* os Gregos traduziram no *opikoi* que produziu o *opicus* dos latinos, de *opus*, a mão d'obra. *Euskára* ou *Uskàra* exprime, pois, a lingua do *invasor valente* e *lavrador*, de *osci*, o lavrador, e *kára* o estrangeiro ou invasor.

Querem alguns que *Basque* se derive de *basac* e *hos*, selvagens *montanhezes* e que o nome que a si tambem dão de *Eusq Aldunac* se derive de *Escu*, mão, *alde* habil, e *aunac*, os que tem. Os *montanhezes, os que tem mão habil*, são exactamente os *lavradores, os trabalhadores do campo*, como bem exprime o antigo *osci*, que deu o moderno *escuald*. Tanto a Iberia importou o vocabulo da Italia já em segunda mão, que Humboldt nos diz que:—«Des traces de leur langue se peuvent encore retrouver

---

(1) Augusto Brachel. *Nouvelle Grammaire Francaise*, 1884, Pag. 3.

dans une partie considérable de l'Italie, ou peut-être ils précidèrent les nations italiques de race ariane». (1)

Que a lingua tambem foi emigrada para Italia, temos uma prova no ter Klaproth, nas 600 palavras que vêm no *Mithridates*, achado 150 cujas raizes são sanskritas.

Analogias entre o Vasconço e alguns dialectos da America tem sido achadas e entre outras, sobre a propria palavra *opikoi* apresento, apenas no Guarany, *Akopi*, que significa *labrar la tierra*, como nos diz Montoya.

Assim como os Vasconços perpetuaram o *kára* no nome de sua lingua,, assim, tambem, os Finnezes guardam-no com grande respeito, posto que, avassalados pelos Suecos e depois pelos Russos, como nome patronimico. Os Finnezes, em geral, conhecidos por *Suomalaiset*, isto é: *povo das lagunas*, por habitarem hoje as terras alagadas da Finlandia, se dividem em duas tribus, a dos *poderosos* e estranhos e a dos montanhezes: a dos *Kariaelaiset* e a dos *Haemaelaesit*. Antes de emigrarem para o Norte da Euroqa, em tempos mythologicos, habitaram um paiz em que a cultura intellectual florescia, tanto que se prova isso com a sua Iliada, que tomou o nome d'esse paiz, a *Kalevala*, a morada dos Káras, que perpetua os feitos heroicos do povo de então. Esse paiz supponho ser o *Karakorum*, a morada de Genggis-khan, que fica na terra de Yuthian, proximo a *Kotan*, d'onde partiram os emigrantes primitivos, e por isso com rasão se appellidam—o povo das montanhas (Haemaelaiset) e o dos valentes (Kariaelaiset).

Sahiram de Kalevala trazendo de memoria os cantos epicos que mais tarde reunidos e escriptos, na terra a que deram o seu nome, a Karelia, deram um poema considerado como um dos melhores.

Os Karelianos no novo dialecto que fallam, cheio de vocabulos estranhos, conservam o vocabulo primitivo e apresentam n'elle uma particularidade que tem affinidade com as linguas *Karaibas* e com a Kariny: não tem as lettras *b*, *d*, *f* e *g*.

Para melhor certificarmo-nos de que os Karelianos perpetuam esse nome, como um distinctivo de supremacia de raça, basta dizer que ainda hoje ajuntam sempre ao nome proprio o do torrão natal. Assim o individuo de nome *Mik*, nascido em *Moutka*, firma o *Mik-Moutka*, e para designar a nacionalidade assigna-se *Mik-Moutka Kariaelaiset*.

---

(1) Migne. *Dict de linguistique*, Pag. 410.

XI

Em synthese, finalmente. *Kara* (1), em toda a linha migratoria do muyrakytã é o *invasor estrangeiro*, que *conquista* um paiz, *usurpa* terras, conservando nas mãos o seu dominio e o seu *poder* supremo, sendo muitas vezes *sabio* e até *máo*, *cruel* e *tyranno*, quando tem *negro* o coração, mas a quem todos obedecem e tratam por *magestade*, por *grão senhor*, por ser o *primeiro*, o *senhor* (2), o *soberano*, o *valente*, qualidades estas que o selvagem encontrou no *branco* depois da descoberta da America, conhecendo tambem n'elle *astucia*, *habilidade*, *manha* e *destreza* misturada com a *lisonja*.

Sobre o *Tuna*, que produziu entre as Nahuás o *Tona-tiuh*, o sol d'aguá e a *Tona*, a mãe d'agua, a lua resplandecente dos Tainis tenho a observar tambem, que se não é uma adulteração phonetica, pela nasalisação, qne transformou *ap* em *yá*, *niá*, *nhá*, *uná*, *uná*, *umá*, veio do *U*, *Un* ou *Um* que produziu o *Tun*, e que em quazi todas as linguas da Tartaria significa *agua*.

---

(1) Até hoje o vocabulo *kára*, no Brazil, não tinha sido interpretado por nenhum autor, tanto que o meu distincto amigo Baptista Caetano, de saudosa memoria, por diversas vezes procurou interpretal-o, sempre, porem, sem resultado algum. Ainda nas *Explanações* ao *Dialogo de Lery*, publicados nos *Ensaios de Sciencia* a pags 110 diz: «*Karajá*—Ficam de pé as duvidas sobre as radicaes *Kára* e *Kari* que demandam ulterior estudo para se ver a significação de *Karajá*, *Karijó* e outros».— A pags. 72 do presente trabalho dou a interpretação desses nomes. Não eram tribus tupys: o proprio Lery nos diz:—«*Karaiá* diversam á reliquis habent et viuondi et loquendi rationem», que confirma o meu juizo.

(2) Presumo que os Karinis, que conservaram o vocabulo *kara* para designar aquelle que domina, como invasor máo, o modificaram formando o verbo *ar*, em absoluto *tar*, dando-lhe o significado de prender, agarrar, apanhar, assenhorear-se, donde veio *yara* (*i–ara, o dono d'elle*), o dono, o senhor, o que prende , o que agarra, etc.

Posto qne Max Muller dê á radical *kar*, o significado *gritar*, *louvar*, comtudo tem tambem, segundo Bopp, o de *matar*, que é a que se liga ao vocabulo de que nos occupamos. Creio que deste *kar* veio o verbo *Yuká*, matar, do Tupy. Não dizendo nunca o indio a palavra em absoluto, *kar*, e accrescentando sempre o pronome da terceira pessoa do singular, *o* fizeram *o oká* ou *u uká* que modificou-se para *o Yuká* d'onde veio o *juca* que os portuguezes fizeram. Devemos notar ainda que no tupy existe o verbo *kar*, significando *saber*, *poder*, *valer*, expressões estas que ligam todos ao *kar*, matar, donde veio o substantivo *kara*, exprimindo sempre qualidades de *poder* e *saber* que dão, na mão d'aquelles que abusam e são tyrannos, para matar: Os tupys ou karinys tinham o verbo *manô*, *morrer*, donde *kaamanô*, ou *kamanò*, matar, ou caçar. O professor V. Henri, na sua memoria *Le Quichua . est il une langue Aryenne* ? criticando As *Raças aryanas do Peru* da Fidel Lopes, chegando á raiz *Kar* diz que no Sanskrito só existe *qari*, como significado de *homem*, e querendo lançar o ridiculo sobre o mesmo pergunta para que não ligou os Carios, os Galibis, os Caraibas, os Guaranys, os Carthaginezos, os Galates, os Celtas, os Gallos e os Tartaros, todos á familia Aryana. Apezar, porem, disso, não trepido affrontar o ridiculo, ligo aos Tartaros, os Carios, os Galibis, os Caraibas e as tribus Peruanas, porque estão todas ligadas pela mesma radical impugnada, e pela prova material do nephrite, embora não sejam aryanos pela lingua.

XII

Este *Um*, penso que chegou tambem á Cafraria, levado por algum grupo de emigrantes, porque n'ella vemos entre os Zulus ou Kafirs, dos Arabes, *Um* significar *rio*. Assim temos ahi o *Umtata*, o *Umgasi*, o *Umtugelo*, o *Umzivumbu*, o *Umbaski*, o *Umfolosi* e o *Umaputa*, que são rios.

D'esse *um* ou *un* foi, creio eu, que veio igualmente *Tun*, ou *Ton*, *Tonna*, *Tonne*, *Tonneau* e *Tonel* sempre exprimindo uma vasilha de guardar ou medir liquidos.

Não devemos, entretanto, confundil-o com o celtico *Dun*, collina ou monte, que originou *Dunes*, *Dunen*, *Dunas*, *Douns*, significando montes de areia, cabedellos, que se prende ao Anglo-saxon *Tun* que se modificou em *Town*, cidade.

Em 1880 communiquei a minha opinião ao meu finado amigo Dr. Henrique Fischer, pelo que em 9 de Março de 1881, me disse elle em carta:— La derniére source à laquelle vous croyez seraient les *Caraibes* se peut-être, car les Caraibes semblent avoir été quazi les Phéniciens de l'Amérique».—

Coincidindo o ponto de partida dos emigrantes portadores do muyrakytã, da nepbrite, com o aquartelamento do homem primitivo, não devo deixar passar, aqui, desapercebido, um ponto de contacto que encontro entre os povos Aryanos e as tribus Karaibas da America do Sul.

Posto que os Karinys não pertençam, propriamente, a mesma raça Karaiba, comtudo pelo longo contacto que tiveram e pelos crusamentos, penso que tomaram algumas tradicções d'ella, e como seja o dialecto d'estes mais vulgar tomo-o de preferencia, si bem que poderia fazel-o com outro Karaiba.

Sabemos que todo o parentesco dos Aryanos vinha pelo patriarchado, nada influindo n'elle a mãe, que representava um papel quazi nullo.

E' justamente o que se dá nas tribus Karaibas.

Se bem que os Aryanos não tivessem um vocabulo para exprimir o *Avô*, tinham o de *Patar*, o pae, isto é: o chefe, que não era mais do que o *Avô*, porque o verdadeiro pae era o *ganitar*, o gerador.

Tinham o *Patarva* e o *Bhratarva*, o *imão do pae* e o *filho do irmão do pae*, mas não tinham termo algum para indicar o ramo materno. O casamento, entretanto, fazia entrar a mulher na familia, porque o parentesco feito por essa união tinha termos para exprimir o sogro (*svassura*), a sogra (*svasru*), o genro (*gamatar*), a nora (*snusha*), o cunhado (*devar*) em relação ao homem. O parentesco vinha só pelo lado paterno. Em toda a

familia a mãe, (*matar*) não representava senão o papel de *dar filhos*, como a radical *mu*, procrear, o diz.

Agora os Karaibas:

Descendem dos *Tamyia*, *os que fazem nascer*, porem o *tronco de nascença* é o *Arya* (Patar), pae do *Tub*, (Ganitar), o *gerador*, o pae propriamente.

Só tem termos para indicar os parentes do pae, como tio e o sobrinho (patarva e bharatarva) que são o *Tykeira*, *o lado*, *flanco*, e o *Tendyra*, *o que está junto*.

Para o ramo materno não tendo expressões proprias modificaram estes termos pela phonetica e dão para o irmão, a irmã do lado materno o termo *amó*, que quer dizer os *outros*, o *irmão* em geral.

Quando a mulher casava-se entrava para a familia como *Temerikó*, a *possuida*, a *sustentada*, trazia então o *Tatyub*, *o pai da companheira*, o sogro; a *Taichu*, a *que adopta o filho*, a sogra, e o *Tobayar*, o *competidor*, o cunhado.

A mãe, *Cy*, a *procreadora*, na phraze do Padre José de Anchieta não era mais do que *um sacco em que se guardava o filho*.

O pae da familia não conhecia como enteados senão os filhos do irmão mais velho da mulher.

Não reconhecendo o pae influencia alguma da mãe sobre o filho, tendo-se como unico gerador, toma depois do parto o lugar da mãe e só elle se resguarda, porque d'elle é que pode provir todo mal ao filho.

Nasceu d'ahi o *resguardo* ou a *couvade*, que com a platicephalia acompanha tambem a nephrite.

Observo mais que o *arya*, o avô, o veneravel, a *aryia*, a avó, parece ser o *arya* sanskrito, que quer dizer o de *boa familia*, o *nobre*, segundo Max Muller, e, em Zend, o *veneravel*.

Será simples homophonismo ?

Se o é, temos mais uma coincidencia homophonica na palavra *Aroaky*, *Aruaky*, que os inglezes escrevem *Arrowak*, que me parece ser *Ariake*, nome que tinha uma grande parte do Paiz dos Marathas, entre o Oxus e o Yaxarte.

Os Aroakys que, dizem alguns, são os avoengos dos Karaibas, formavam pela descoberta da America o grande reino dos Aroakyses, que occupava toda a região entre a margem norte do baixo Amazonas, até ás margens do Esequebo. Eram elles os melhores ceramistas e os que conheciam os symbolos de Yang e de Yn, chinezes. O *paiz dos Aruakys*, o *reino dos Aroakys*, não parece ser o *Airyanem vaego*, o *tronco dos Aryanos*, na Ameri-

ca ? Isto é: aquelles que mais tradicções tinham da mãe patria ?

Vimos o parentesco e uma residencia, vejamos agora uma de suas crenças.

Entre os mythos astronomicos Karaibas apparece *Ruda*, o Deus do amor, o protector dos amantes ausentes, o que protege a união contra as separações, que re ide nas nuvens e é tido como guerreiro.

Não será elle *Rudra*, o terrivel pae dos ventos que reside, tambem, nas nuvens, que foi hermaphrodita no seu principio, mas que pelo poder de Bhrama, depois ficaram separados os dois sexos ?

Rudá, como Rudra, reside nas nuvens, aquelle quer os amantes unidos, como intimamente unidos estiveram os sexos n'este; será isso simples analogia ou é um mytho tradiccional ?

Não quero com isto dizer que as tribus Karaibas e Karanys sejam Aryanas, mas o que affirmo é que os grupos que para a America emigraram em varias epochas, os que conduziram o muyrakytã estiveram inteiramente unidos aos Aryanas, com elles se crusaram ou com alguns chegaram ao Amazonas, porque é fóra de duvida que os emigrantes estavam impregnados do sangue d'elles, como veremos pelos commentarios que faço na segunda parte d'este trabalho.

A primeira parte d'este escripto despertará no leitor a lembrança de haver já lido muito do que ahi apparece e, com effeito devo dizel-o, reuni n'elle paginas que havia publicado em jornaes e revistas, augmentando-as e completando-as com novas observações e factos d'estudos posteriores, razão por que n'um só corpo apparecem os membros que estavam destacados.

Estas paginas que devem ser seguidas das lendas e commentarios que me fazem sellar o muyrakytã nas terras Asiaticas, são salvas do esquecimento em que tem estado ha longo[illegible], graças ao patriotismo de alguns amigos, membros da Assembléa Provincial do Amazonas, do biennio de 1887 a 1889,

Posto que não seja um trabalho perfeito e completo e sim simples notas enramalhetadas, comtudo a publicação deste registro deve-se a sua boa vontade, pelo que cumpro gostosamente um dever dando-lhes aqui um publico testemunho de minha gratidão.

A publicação deste trabalho é ainda o cumprimento de um legado sagrado.

O illustre Professor Dr. Henrique Fischer, quando desceu á campa coroado pelos louros que a sciencia lhe offertou, não pôde

levar comsigo a palma da victoria da questão da nephrite, pela qual tão denodadamente se batteu; antes, porem, de deixar o campo da luta arrebatado pela morte, tratando do muyrakytã e se seria elle importado ou fabricado na America, porque da importação vinha a nossa gloria, me disse em carta:

—«Comme j'ai déjà 63 ans, je ne sais pas si je verrai encore les résultats définitifs et positifs, ce que j'esperais cependant si vivement.

«C'est á vous aussi, mon cher collegue, qu'il sera possible d'attribuer spécialment á ces études....et c'est justement vous qui pourra décider cette demande».

Não podendo corresponder á confiança de um homem tão eminente apresento, no entanto, este trabalho, para mostrar que não fui indifferente e que trabalho hoje e trabalharei para sustentar, com observações e factos, que o muyrakytã é um monumento Asiatico deixado no solo Americano por um ou mais corpos de emigrantes que, na marcha, foram engrossados com typos de raças differentes, os quaes iam sendo subjugados e aprisionados pelo troço dos valentes, Káras, que, partindo á aventura, assim conquistaram um mundo novo confiados, talvez, no amuleto que traziam pendente ao pescoço.

PRIMEIRA PARTE

O MUYRAKYTÃ

> Leur source primitive, nous le pouvons dire hardiment, doit, à notre avis, être cherchée dans les régions de l'Asie Occidentale qui furent non seulement le berceau de la race humaine, mais encore le premier foyer des sciences et des arts.
>
> Charancey, *Le Mythe de Votan.*

I

Os Karas e os Karaibas. O Muyrakytã

Venho me occupar ainda uma vez do monumento archeologico mais raro do Brazil, e ao qual não se ligava, entre nós, a menor importancia, antes que eu lhe desse a que tem hoje.

Foi elle a chave para varias descobertas que fiz, como fosse a da localidade em que habitaram as pretendidas Amazonas, e foi elle ainda quem veio me provar a presença de um povo de civilisação adiantada no norte do Imperio, em época prehistorica.

N'outro escripto tratei de mostrar que houve uma immigração Scandinava, elvada de costumes Arianos; n'este procurarei, tratando do Muyrakytã, mostrar que muito anteriormente houve outra invasão de um outro povo de costumes mais adiantados.

Este, acossado pelos novos invasores, afugentou-se, foi feito prisioneiro, mesclou seus costumes, ou fundio-se n'uma ou mais raças, que se derramaram por todo o norte, desde a Columbia até ao Chile. Esse povo, é fóra de duvida que foi o da Asia Central, que tantos têm presumido, mas que tambem tantos têm contestado, por falta de provas; mas que o Muyrakytã sustenta como testemunha contemporanea. Até hoje, penso que, se não for ella desmentida com uma prova palpavel, mais authentica, é a unica que nos diz a verdade. A sua natureza e a sua patria não admittem duvida.

Elle atravessou o Oceano Pacifico, ao pescoço dos invasores, chegou as costas da California atravessou para o Mexico, veio á America Central e desceu ao Amazonas, protegendo os ousados emigrantes ; ou, tendo passado a

novos possuidores, com o seu uso introduzio no valle do grande rio uma civilisação, que hoje só o archeologo descobre.

Parecendo difficil e impossivel a vinda dos Asiaticos para a America, por mar, não o é, porque ainda hoje vão dar á California os *juncos* chinezes. O Padre Brasseur de Bourbourg diz: que estando em 1850 na California, foi conduzido para o porto de São Francisco um junco chinez, encontrado a 100 milhas do porto, por um navio Americano. O Tenente Maury, da Marinha Americana, muito conhecido, diz tambem que, por varias vezes, marinheiros japonezes têm sido arrastados para a costa da America. Estes factos são confirmados pelo Sr. Brookes, que, segundo os seus calculos, apresenta desde 1782 a 1850, quarenta e uma embarcações japonezas que deram á costa da California trazidas pelas correntes, com uma velocidade de 12 milhas por hora.

Se no presente seculo dão-se d'estes factos, porque não se dariam outr'ora ?

A fusão que se deu com povos de outra invasão, ou mais tarde com os filhos de Odin, produzio essa raça valente, distincta e respeitada, ulteriormente denominada dos Karaibas, que sempre conservou mais ou menos a sua independencia.

Modernamente os novos immigrantes, por qualquer circumstancia, estendendo-se para o sul e ahi encontrando um povo mais civilisado, como navegantes famosos que foram, se atiraram pelos mares e vieram á America do Sul.

O encontro, o commercio e as lutas produziram uma união pacifica por um lado, e dispersou por outro. Uns concentraram-se no Mexico, Guatemala, etc., outros aventuraram-se aos mares. O élo entre os povos separados pelo Panamá participava de usos differentes, era o resultado de uma fusão; era uma terceira raça, cuja hypothese não é fóra de fundamento como veremos.

O karaiba, conhecido hoje, não é o karaiba anti-Co-

lombiano; o de hontem não conhecemos, senão pelos vestigios, porém o de hoje, já degenerado, ainda assim os seus usos e costumes mostram que, si não é o resultado de uma união Asiatico-Européa, tem por uma notavel coincidencia pontos de contacto na sua vida, que participa de Odin e de Vishnu ou Budha. Um dos élos d'essa cadeia que o prende á Ásia é o Muyrakytã. De ambos tratarei aqui.

Vejamos. Em 648 (1) appareceu na America Central Quetzalcohuatl, o genio do bem, trazendo com as *pedras verdes*, de jadeïte e nephrite, nova civilisação. Ensinou a lavrar a pedra, trabalhar o ouro e a prata, em que era habil, e tornou-se o fundador do Imperio dos Nahuas. Diz a tradicção que algumas das pedras que trouxeram se conservam em Cholulo, o que nos confirma Humboldt. (2) Querem outros que a vinda d'esse emigrante para a America com seus companheiros fosse no dominio dos Olmecas e dos Xicalancas. Oitenta ou cem annos depois de terem chegado as sete tribus dos Aztecas, (3) sahidas das sete grutas, ou de Chicomoztoc e de estabelecida a monarchia dos Nahuas, esta depois de lutas desastrosas, com os que encontraram, vencida teve de se dispersar para o sul. De uma d'ellas, a dos Tlathuicas se originaram os Karaibas, que, em pequenos grupos, entraram no Amazonas, como conquistadores, impondo leis e costumes. Foi um grupo d'estes que, naturalmente, se estabeleceu na ilha, entre os rios Trombetas e Yamundá, que hoje está ligada á margem, e que tomou depois de Orellana o nome de Amazonas.

O mesmo nome, com que as outras raças o distinguem, nos mostra um povo especial. O nome Karaiba, hoje cor-

---

(1) Alguns querem que fosse no anno 820 da nossa Era, começando a dispersão em 920.

(2) *Vue des Cordilleres*, pag. 318.

(3) Segundo Frei Gregorio Garcia desceram as tribus na ordem seguinte: 1.º a dos *Suchilmecas* (gente das sementeiras de flores); 2.º a dos *Chalcas*, (gente das boccas); 3.º a dos *Tepanecas*, (gente da ponte); 4.º a dos *Coluas* ou *Colhuas*, (gente das serpentes); 5.º a dos *Tlathuicas* (montanhezes ou das serras); 6.º a dos *Thascaltecas*, (gente de Pan); e em 7.º ultimo lugar a dos *Chichimecas*.

rompido no valle do Amazonas, ainda o tapuyo o emprega; mas com um significado bem caracteristico. Karaïba no Amazonas é *kariua*, que no sul fazem *kariba*, isto é: o *superior*, o *senhor*, o *valente*, o *estrangeiro notavel*, por conseguinte o *branco*, por que é o *dominador*, o *escravisador* do indio.

Passo a mostrar ligeiramente como entendo o Karaiba, porque nos commentarios que adiante farei ás lendas amazonenses que apresento, melhor me explicarei.

O valle do Amazonas foi invadido por varias emigragrações vindas do Norte, umas precolumbianas e outras modernas, todas galhos de um só tronco, raças de uma só semente, oriundas de um só berço, que segundo o meio robusteceram-se ou degeneraram-se, enfraqueceram-se, e decahiram.

Do seio da Asia partiram os primeiros invasores da America, os que trouxeram as artes, a industria e a lavoura os quaes, guiados por Votan ou Quetzalcohuatl e seus descendentes engrandeceram o Mexico, a America Central, a Nova Granada e o Perú. Foram esses os primeiros *Karas*, depois Karaibas, os que originaram os Toltecas ou Nahuas. Estes estenderam-se pelo Mexico, lutaram, dispersaram-se, formaram novas nações que se subdividiram, e pelo correr dos seculos, desde os primeiros tempos da epoca Christã, foram deixando vestigios do seu poder e do seu saber nos monumentos, ante as ruinas dos quaes hoje o archeologo pasma.

Foram esses os introductores das Pedras verdes; foram esses os que ensinaram a lavrar a pedra; foram esses os que introduziram a civilisação; foram esses, emfim, os portadores do Muyrakytã.

Esses Karas, filhos do sol e das serpentes, espalharam na America as crenças de sua patria, e, de geração em geração, perpetuaram a tradicção, apezar das lutas, dos cruzamentos, das invasões, das persiguições, das dispersões, e do enfraquecimento, soffrendo apenas as modificações produzidas pelo solo e pela natureza.

Assim modificaram os uzos, a lingua e os costumes, perpetuando-se apenas aquillo que se prendia á sua theogonia, á crença da conservação da vida e ao maravilhoso, o Muyrakytã, que pelas suas virtudes dava força, saude e poder e pela sua natureza incorruptivel, poude chegar até nós, como reliquia, não abundante como nas primeiras éras, por faltar a importação, mas rara tendendo á desapparecer. As lutas occasionadas pelas novas invasões que desciam para o sul, motivou o retalhamento de nações e d'elle originaram-se os Karaibas, de Colombo, isto é os que vulgarmente são conhecidos nas duas Americas por essa denominação, e ultimos portadores do precioso talismã, que levaram para o Amazonas, onde elle já era conhecido, pelos descendentes d'aquelles primitivos que tinham mais frescas tradicções de Votan.

Presa a mesma arvore genealogica, cujo tronco é Nahua, comtudo o Karaiba moderno, quasi nada de commum tem com o Kara primitivo. Aquelle herdou a cusadia, a coragem, o valor e a independencia, porém já não conheceu os mestres das artes, porque nasceu no tempo da decadencia, e é fructo que teve, pelas circumstancias, de germinar em terras extranhas e em meio totalmente differente.

Atirando-se aos mares e aos rios, fugindo ante povos inimigos que os guerrearam, tiveram de adoptar outra vida, outros uzos e outros costumes que se fundiram com os dos povos conquistados, ficando-lhe sómente aquillo que religiosamente conduziram ao pescoço, para os livrar das molestias, que lhe assegurava a vida e os livrava de inimigos nas terras de que se apossavam, garantindo-lhes a supremacia, o muyrakitã.

Este mesmo, com as propriedades modificadas; de idolo, passou a talismã, para de um lado apresentar virtudes medicinaes, de outro garantir poder e aqui e alli se apresentar, sempre, como garantidor de felicidades e fortuna.

O nome Karaiba, para mim é generico, porque o emprego como invasor ou conquistador, por ter sido sempre

n'esse sentido empregado pelos povos Americanos, que se resentem dos contactos asiaticos.

Modificadas as propriedades do Muyrakytã, segundo a época e o local, nós o vemos perpetuado, desde o Turkestan até ao Amazonas, unido ao nome Karaiba que foi ao Paraguay.

Os cruzamentos e as immigrações não foram até lá, mas o nome Karaiba, que era temido, foi adoptado por todas as nações que fallavam o abanheenga.

Pelo Amazonas subio o Karaiba moderno, e dos Andes desceu o primitivo, estes deixando costumes que aquelle não conheceu.

Ambos trouxeram o Muyrakytã ao rei dos rios, porem em épocas diversas, acompanhado de crenças e costumes differentes.

Os primitivos trouxeram as armas que usaram no paiz que abandonaram e vieram d'ellas fazendo uso e por isso se perpetuaram e os modernos as desconheciam, pelo isolamento em que ficaram, pela região não favorecer a perpetuidade d'ellas, por falta de material e por d'ellas não haverem mister.

Os primitivos foram sempre selvicolas e os ultimos maritimos e ribeirinhos. Aquelles que pela subdivisão, tiveram de ganhar o centro das terras ainda as usaram, para mesmo mais tarde abandonarem. Assim não conheceram os Karaibas das Antilhas a *çarabatana,* e a *estoléca* e nem tão pouco aquelles que subiram o baixo Amazonas, mas conservaram todos os que das cordilheiras desceram as serras e sahiram no Solimões. Os serranos eram galhos de semente da mesma especie e os rebeirinhos ramusculos atrophiados por enxertos em ramos já degenerados.

Uns eram quasi puros Nauhas e Mayas, outros filhos bastardos de cruzamentos multiplicados.

Uns tinham a tradicção de Votan e outros a desconheciam; só os ligava um élo commum, a pedra verde, a nephrite, ou o muyrakytã.

Os Nauhas, (Karas) originaram varios tribus do Alto Amazonas, Perú e Nova Granada, e os Karaibas modernos concentraram-se nas terras da margem sul subindo o Tocantins, Chingú e Tapayós.

Torquemada (1) affirma que viu Nauhas com muitos idolos, com nomes de divindades, feitos de pedra verde e Brasseur de Bourboug (2) tambem nos diz que os Quichés usaram a mesma pedra como talismã.

O emprego da çarabatana (çarbacane) era vulgar entre os Nahuas e o seu uso, no Amazonas, só se estende pela região do muyrakytã, não passando ao Baixo Amazonas, nem ao resto do Brazil.

O nome *Karaiba*, antes Kariba ou Kariua, (1) leva-me á outras considerações.

Será o nome Karaiba dado pelos Tupis, que se estendiam pelas costas do Brazil ou veio com os invasores? Penso ser um nome hybrido, composto de uma radical importada e de um suffixo addicionado pelos Tupis. Vejamos.

Sendo tupi pode ser: *Kar-ayua*, o máo que chegou, do verbo *kar*, chegar e *ayua* máo; havendo mudança do *u* em *b* pelo vicio portuguez, ou *Kararaib;* o muito habil. Ambas interpretações bem exprimem as suas qualidades, mas, supponho que a origem vem do berço de seus antepassados. Brasseur de Bourbourg diz: «Mais ce qui achéve d'identifier cette race (Nahuas) avec les Caraibes, c'est, ajoute Blas Valera, (3) que «toute cette génération d'hommes si terribles et si cruels étaient sortis du Mexique pour peupler ensuite celles de Panamá, Darien, ainsi que toutes ces immenses contrées qui vont d'un côté jusqu'au Royaume de Grenade et de l'autre jusqu'au de la de Sainte Marthe».

Ce sont les mêmes, en effet, qu'on retrouve, plus bas, sous les denominations diverses quoique la tradiction leur ait conservé généralment celles de *Cara, cari, coro, cali,*

(1) *Monarq.* Ind. libr, VI cap. 42.
(2) *Hist. des nat. civ. du Mex.* I. pag. 109.
(3) *Vue des Cordilleres*, t. I, pag. 236.

etc. dont la première syllabe est demeurée attachée à une foule de localités où íls établirent leur sejour, soit en passant soit d'une manière permanente.»

A palavra *Kara* ou *Karu* estende-se ao Aymara, significando o *homem de longe,* o *estrangeiro,* o *viajante,* o *poderoso;* pela lingua dos Yurukarés (homens brancos) tem, como no tupi, o significado de *branco,* que que quer dizer o *estrangeiro,* o *poderoso,* porque a raça do paiz não era branca; por conseguinte, não podendo se admittir que varias linguas tenham o mesmo vocabulo com a mesma pronuncia e o mesmo significado, claro está que tambem é um vocabulo estranho, bem recebido por todos os povos que estiveram em contacto com o que tinha essa denominação.

Mais tarde continuando a ser o *poderoso,* o *conquistador,* o *dominador,* o *inimigo forte,* passou entre os Tupis a significar tambem o *branco,* que resume as qualidades de estrangeiro, de valente, de sabido, de poderoso, de forte, etc. D'onde veio esse nome então ? Penso, e convenço-me que do *kara* ou *karu* turcomano é do *ayua* ou *aib,* pelo vicio portuguez, significando o *máu kara* ou o *conquistador máo,* porque mesmo outra denominação não podia ter quem se appossava da região por onde passava tudo avassallando. Razão tenho em crer ser o *Karu* turcomano, porque entre os *Nahuas,* dos quaes descendem os Karaibas, *karu* significa *magestade, poder, sabedoria,* como em turcomano quer dizer tambem, *poder, sabedoria, fortaleza, excellencia,* sentido que tambem tem entre os Mundurukus. *Karu çakaiby,* da lenda destes, representa o *poder supremo, o sabio, o forte,* etc., significado que tem o *kariua* tupi.

Posto que o nome Karaiba, possa ter a significação que acima dei, parece-me comtudo mais natural, por causa do hybridismo, que seja derivado de *Kaliya,* a serpente de Krishna que tão notavel papel representa no hinduismo. O nome *Kalinago,* que a si dá o mesmo povo, é o mesmo nome *Kalinaga,* que tem tambem essa serpente monstro, como nos affirma o Barão de Humboldt e Edward Moor no

seu *Indu Pantheon.* Kalinaga deriva-se de *Kali* e *naga,* a serpente poderosa, real.

Se não fosse a tradicção do hinduismo, se não fossem gerados na Asia, os *Karas,* ascendentes dos Karaibas, não não se orgulhariam estes de serem filhos das serpentes para tomar, como titulo de nobreza, o nome Kalinago. Essa reminiscencia sobrenadou sempre, sobre as vagas que se succediam umas após outras, essas grandes vagas migratorias que por seculos inundaram o solo americano.

Karaiba, kariba, não é mais do que pela phonetica adulterada o *Kalaiua, kaliua,* modificação de *kaliya,* que fizeram no Brazil *Kariua,* nas Guyanas *Kariba* e vulgarmente *Karaiba.*

Para mim, é fóra de duvida, que *kara* foi companheiro inseparavel da *Yu,* de que é feito o Muyrakytã, desde a Asia até ao Amazonas.

A maior prova de que *Kara, Kàri, Kàru* foi importada da Asia tive, quando no Perú estudei a questão. Os descendentes dos filhos do Sol, os Incas, que não perdoam o vandalismo hespanhol; que vivem das recordações de seu passado brilhante; que ainda hoje na *Quena,* feita da tibia humana, choram a liberdade d'outras eras; os Incas quer das *sierras,* quer da *montaña* (1) que não deixam a lingua patria, quando se referem aos seus reis é ainda com sublime respeito e assim se exprimem : *Kàri Inca Manco Capac,* (2) *Kàri Inca Atahuallpa.* O que significa pois Kari ? *Kàri,* para elles quer dizer : o chefe supremo, o magestatico, o sabio, o estrangeiro, corresponde ao *Augustus* dos latinos e ao *Ahetpal* dos Mayas, e quando se referem aos seus reis, como disse, é sempre com um tratamento (kari) que equivale ao que damos as pessoas reaes, o de *Sua Magestade.*

---

(1) Humboldt em uma nota das suas *Viagens* (III. pag. 359) diz que os Karaibas *a si davam o nome de* CARINA, que para mim é um erro de copia. Tomou-se o *u* de *cariua* por um *n,* imprimiu-se e assim perpetuou-se. A pronuncia castelhana mudou o *u* em *b* e fez *cariba.*

(2) Garcillasso de la Vega, *Comment. Reales,* libr. cap. 11.

Quem ouve o Inca exprimindo-se na sua lingua, quer tenha nascido nas ruinas dos serras, quer nas quebradas do Tunguraguá, pensa que a palavra é Inca, mas não o é. O kecchua tem é verdade o vocabulo *kara* mas só póde significar *couro, trigo*, ou uma especie de dartros, donde vem os que tem a molestia terem o nome de *karientos*.

O kari que se liga ao nome d'aquelle filho do sol que appareceu com Coya Mama Oello, (a virtuosa rainha mãe) trazendo a civilisação, tem outra origem; a do mesmo que fundou uma dynastia semelhante á que deixara no torrão de seus maiores.

Manco Capac quando chegou a Cuzco, a testa de um corpo de immigrantes fallava um idioma desconhecido. Depois que organisou a sua monarchia dividiu as familias em nobres (Hunan aylla) e plebeos (Hurin aylla) e a unica lingua que permittio que se fallasse na sua Corte foi a sua, quando entretanto fazia vulgarizar a lingua que encontrou em Cuzco, que se tornou a Geral e é hoje a denominada kecchua. Isto o sei pela tradicção oral que encontrei no Perú. Essa lingua perdurou entre os grandes da Corte até á conquista hespanhola e com a queda da monarchia dos Incas, desappareceu tambem a lingua dos fidalgos. Uma meia duzia de palavras perdura até hoje e entre ellas figura a que nos prende a attenção, que é estrangeira, como o era o reformador dos costumes Andinos.

Tanto havia essa lingua especial, que o Inca Garcillaso de la Vega, que sabia bem o kecchua, apezar da descendencia real, tratando de varios nomes, confessa que ignora a da Corte. Assim nos diz tratando de *Manco Capac*. «Ce mot *Manco* étoit fans doute un nom propre : mais nous ne favons pas ce qu'il signifie dans la langue générale du Perou. J'ajoûte a cela, que dans celle dont les *Yncas* fe fervoit en particulier, lors qu'ils parloient entr'eux & qui c' eft depuis entièrement abolie. . .(1) Diz mais: «les Yncas avoient

(1) *Hist. des Rois du Perou*, I. pag. 97.

une autre Langue particulière, qu'ils parloient entr'eux, que les autres indiens n'entendoient pas, & qu'il ne leur étoit pas même permis d'apprendre, parce qui'ls tenoient ce Langage pour divin.» (1) O kári é, pois, uma das palavras da linguagem divina dos filhos do Sol, que acompanhou a emigração, perpetuando até hoje o mesmo significado que tinha na patria do immigrante, que soube tornar-se o chefe supremo de uma nação, que tornou opulenta e industriosa, para cahir nas mãos de um punhado de aventureiros, acompanhado todavia do grito partido d'alma *ccatta-hueqque,* que no dizer da distincta litterata cuzquenha D. Clorinda Turner, significa «maldición lanzada con la furia del averno contra quien la provoca,» grito que ainda hoje echôa dos Andes ás quebradas do Amazonas.

Karaiba finalmente só nos recorda o facto de uma immigração, cujos chefes, *karas,* tudo avassalavam.

Modificado, foi o termo Karaiba por tradição ao Paraguay, onde os jesuitas lhe mudaram o sentido, por conveniencia, e lhe deram a synonimia de: *o santo, o bemdito, o santificado.* Que o sentido em que hoje se emprega é o de *superior, poderoso,* e não o de exprimir a côr branca de outra raça, tive muitas vezes, em minhas viagens, occasião de me certificar.

Citarei um só facto, que apresentei ao notavel americanista, o meu amigo Dr. Baptista Caetano, de saudosa memoria.

No rio Tapayós, no sitio Sumauma, existia em 1872 um homem de cor preta, de um preto de ebano, que pela sua posição pecuniaria e pelo seu caracter distincto e honrado, gozava de muita consideração entre todos; pois bem, a esse *preto* todos os tapuyos o designavam por *kariua.*

—Quem é o Cruz ? assim se chamava elle.

Respondiam, com respeito : «É um kariua».

É pois o karaiba a reliquia da civilisação prehistorica e os élos que o prendem á Europa e á Asia, são os mounds

(2) *Op. cit.* II. pag. 150.

os kjokkemmoddings, as inscripções. as baetylias e o muyrakytã.

Na sua religião ha um poder, que, posto que *uno,* tambem é *trino.* Esse poder representa *Akambu,* que é invocado como *Creador Supremo; Icheiri,* que é o seu *Deus bom,* e *Maboya,* que é o espirito mau. Não ha ahi o *Trimurti* hindu que se estende aos Araucanos, como veremos mais longe ?

Si a descendencia karaiba não nasceu da fusão de duas raças, como explicar, no meio de monumentos scandinavos, o cunho de uma civilisação hindu, como é o muyrakytã ou aliby, o *nanacy,* do Rio Negro.

Nos Estados Unidos, no Mexico, na America Central, no Perú e no Chile, esse cunho apparece; abundante onde dominou o elemento asiatico, raro onde appareceu pelo commercio.

Que os karaibas eram os que traziam ao seio do Amazonas o *takural* ainda o prova o nome que lhe é dado pelos indios Uaboys, do rio Yamundá. *Aliby,* como elles o denominam, não é mais do que o nome que o karaiba tem na terra firme, o de *Galiby.* Dão á cousa possuida o nome do possuidor.

Humboldt diz que os karaibas eram os que faziam as pedras verdes que corriam como dinheiro, vendendo-as por alto preço aos hespanhóes, quando elles não eram mais do que correctores.

Moke (1) tambem diz : «C'est également sur les bords de l'Orenoque que les indigènes conservent en guise d'amulettes, des *pierres vertes* tailleés en forme d'animaux et de fruits, qu'ils ont reçues de leurs ancêtres et que ceux-ci pretendaient tenir d'un peuple de femmes auxquelles les Européens donnèrent le nom d'Amazones. Telle est leur dureté qu'on a peine à comprendre comment elles ont pu être travaillées par des hommes qui ne connaissaient point de fer, et il n'est pas *moins difficile d'en decouvrir l'origine,*

(1) *Hist. des peuples Americains,* Bruxelles, 1847.

les mineralogistes n'ayant trouvé jusqu'ici la même substance (le jade de Saussure) *dans aucune contrée du Nouveau Monde.*»

No Haiti, os Karaibas, guardavam os seus *Zemès* (1) em grutas, segundo nos refere Descourtilz, (2) e, entre outros que elle obteve, figura na Est. 1.ª, um que representa uma tartaruga tendo no casco o sol ladeado pela lua em quarto crescente e por uma estrella, feito de jade verde claro-azeitonado. Tinham tambem com a forma de sapo, como se vê representado um na mesma estampa.

Schomburgk, Martius, Hamy, todos dizem que os Karaibas uzaram a pedra verde e Rochefort (1658) e Du Terre (1576), que escreveram sobre as Antilhas, dizem que tinham um gosto especial para as pedras verdes.

Junto aqui um quadro por onde se vê por meio da linguistica, que a influencia dos Karaibas, antigos e modernos, correndo pelo Panamá chegou aos Andes e deste ao Amazonas, isto é: atravessou Nova Granada, Venezuela, Peru e Bolivia e chegou ao Amazonas, sendo todas as tribus que apresento ramificações e cruzamentos dos antigos filhos do sol e das serpentes, sahidos da Asia. Pelo mesmo se vé tambem a influencia dos dous ramos *Maya* e *Quiché*.

Do norte espalharam-se para o sul os invasores, sendo a barreira maior que encontraram a largura do Rio Amazonas, que não podendo ser transposta na parte baixa do seu Valle, procuraram fazel-o pela região das cabeceiras e assim, pelo Peru, chegaram até o Madeira. Vejamos como se operou a transformação linguistica.

Para termo de comparação tomei a palavra *Agua*, ATK, dos Nauhas, que originou o A, AT, HAA, dos Mayas, que os Quichés fizeram HA e YÁ, e que passou aos Karaibas totalmente modificada pela pronuncia nasal em TONÊ ou TUNÃ.

Vimos que dous grandes grupos, por assim dizer de ra-

---

(1) Nome que tem entre elles o muyrakytã; alem de *takural*.
(2) *Voyage d'un naturaliste*, II, pag. 19.

ças differentes, invadiram a America do Sul, ambos, porem, filhos da mesma mãe, sendo comtudo um prehistorico e outro moderno.

O primitivo era ainda de proximos parentes dos Mayas e Nauhas, os Karas; outro bastardo, já muito distanciado e influenciado pelos annos, pelo meio e pelo cruzamento, que foi o dos Karaibas.

O primeiro desceu por terra e fixou-se; o segundo aventurou-se aos mares e aos rios, e como nomades atiraram-se á sorte; pelo que um perpetuou a lingua e outro a mesclou, modificou, adulterou e corrompeu a ponto de se formarem dialectos nos quaes quasi só perdura a palavra *agua*, que se encontra em todas as tribus, restos das dispersões, soando quasi uniformemente, porem, mais pura onde se fixaram.

Em Nova Granada, no Perú, na Bolivia e no Alto Amazonas e mesmo entre algumas tribus, que se destacaram para o Brazil encontra-se ainda a reminiscencia Nauha e Maya ou Quiché, na mesma palavra *Agua*, como se vê do quadro.

Pela demonstração que faço n'esse quadro, se vê que por apaphonia o A, nasalisando-se, passou para Ã ou AN e adoçou-se para Ê, I e U, o que é vulgar, segundo Bopp em todas as linguas indo-européas.

As vogaes E, I e U as vezes por um phenomeno passam tambem o A. A nasalisação entre as tribus Amazonenses é commum, tanto que ordinariamente se vê pronunciar *paranã* por *paraná*. A mudança pois do YÁ para NIÁ, INÁ, UNÁ, UMÁ, tambem é vulgar, tanto que a palavra *Yamundá*, muitos escreverem *Niamundà*, *Nhamundá*. O A segundo Hovelacque é uma vogal organica, que pela analyse linguistica transforma-se ás vezes em tal ou tal vogal e mostra como o *Manoê* sanscrito passou para o *menos* grego, do *meus*, *moneo* latino e ao *gamunan* gothico. No latim vemos, a mudança do *a* para *e* em *abjectus* e *perfectus* por *abjacio* e *perfacio*, e para o *i* em *abjicio* e *perficio* e para o *u* em *conculco*, *insulsus* por *concalco* e *insalsus*.

Ao ouvido as vezes torna-se imperceptivel a queda do *a* para *e, i* e *u* que involuntariamente a pronuncia vae mudando a ponto de soar inteiramente differente a palavra, porque o peso d'essas lettras é mais leve em *u, e* e *i* do que em *a*, sendo o *i* a mais leve e d'ahi vem a passagem de *iná* para *ini*.

Os Karaibas que tinham tres dialectos, o dos homens, o das mulheres e o dos velhos e guerreiros facilmente pronunciam ora *Tonê*, ora *Tunã*.

Do *tonê* proprio dos Karaibas das Antilhas, originou-se *unė, uni, yni, eni* e *yeni*, que os Galibys das Guianas mudaram para *uná*, que produzio o *tunã* e *duná*.

Os antigos Incas tinham o *umi* cuja origem é a mesma. Os sons finaes *nã, ná* de *nê, ni, ny* e *nu* são adulterações da pronuncia do *y* naso-guttural, que produzio a mudança do *yá*, para *niá* e *uá*.

Ethnicamente todas as tribus acima pertenceram a uma raiz commum e as mesmas não são mais do que grupos que se destacaram e pelo tempo tomaram novos costumes, modificando tambem a lingua, que facilmente se adultera, quando não tem uma litteratura e soffre a mescla, que é commum, devido ás guerras em que sempre fazem prisioneiros, com dialectos differentes.

Na parte lexica todos esses dialectos do quadro são differentes, entretanto que pela palavra *agua* se filiam, não fallando no polysynthetismo d'elles, que é commum tambem as linguas semiticas.

Dos Nahuas, vem o *l* dos Karaibas, tanto que em vez de *Kara, kuriara*, como pronunciam os Krichanás, *paraná, uirary*, dizem *kala, kali, kuliala, palaná, wourali*, donde vem chamarem-se a si KALINAGO, e os Uabòys pronunciarem *Kalayá* (branco) em vez de *Karayâ*.

Penso que assaz tenho mostrado que a origem do Muyrakytã é asiatica, trazida ao Amazonas, pelos Karaibas descendentes dos Nauhas.

II

Como conheci e porque liguei importancia ao Muyrakytã

Em Maio de 1872, chegando eu á cidade de Santarem, no rio Tapayós, e informando-me das diversas localidades, do mesmo rio, desejei saber se conheciam a origem do nome *Borary* ou *Puêrary*, com que era conhecida a antiga missão, hoje villa do Alter do Chão.

Na aldêa de Santarem ainda existem descendentes dos indios missionados em Puêrary, que me affirmaram ter a extincta missão esse nome, devido ás contas verdes ou amarellas, que então se encontravam no Lago Verde e nas margens de um ribeirão, que por essa circumstancia, tomou esse nome, que pela lingua tupy significa *rio das contas* ou *agua das contas*. É tradicção que essas contas eram annualmente para alli levadas polos Tapayunas, que as iam buscar no rio Yamundá, entre os Uaboys e Kunurys, que as recolhiam de outros indios ou das Amazonas.

La Condamine (1) informa que: «C'est chez les Tapayós qu'on trouve aujourd'hui plus aisement que partout ailleurs, de ces pierres vertes, connues sous le nom de Pierres des Amazones, dont on ignore l'origine et qui ont été fort recherchées autrefois.»

O uso do Muyrakytã ou pedras verdes, que a tradicção quer que fosse introduzido pelas Amázonas, originou sem razão o nome inglez *Amazonstone* e o allemão *Amazonsteine*, porque todos os exemplares que tenho achado nas localidades do Amazonas em que estiveram as Ikamiabas são de nephrite ou quartzo e não da rocha que tem hoje esse nome.

---

(1) *Relation abregée d'un voyage fait dans l'intérieur de l'Aner meridionale.* Paris, 1745.

A informação, que obtive em Santarem, despertou-me o desejo de conhecer essas *contas*. Para isso mandei emissarios a Alter do Chão, gastei dinheiro e abusei de amisades, não sendo, felizmente, improficuas as minhas diligencias.

Do Lago Verde recebi uma. Qual não foi a minha estupefacção vendo, que a rocha de que era feita *(jade)*, não tinha por patria o solo brazileiro! A natureza da rocha, a fórma do objecto, o seu trabalho artistico, tudo levou-me a não abandonar as minhas pesquizas, porque via que estava com um objecto prehistorico de valor, que muita luz podia dar sobre a civilisação que elle denotava. A importancia que logo a elle liguei, levou-me a mandar encastoal-o em ouro e a trazel'o como um breloque na minha corrente de relogio. Outro, por não achar nada de mâis valor no Amazonas, offereci como tributo de gratidão, á Sua Altesa a Serenissima Princeza Imperial.

Tendo reconhecido que a rocha de que era feito o primeiro muyrakytã que possui era a *jade* ou feldspatho laminar verde, como tambem era conhecida por muitos autores, immediatamente o guardei como monumento archeologico e a elle prendi a idéa de uma emigração asiatica. Não fiz, é verdade, cabedal de sua composição chimica, mas ligando-lhe logo grande importancia, tratei de verificar, se por ventura existiriam no solo amazonense, jazidas ou mesmo blocs que fossem trazidos pelas alluviões do Amazonas, porque então perderia toda a importancia.

Estudando o possibilidade de uma emigração, o que encontrara nos costumes e n'outros objectos archeologicos, atirei-me, entretanto, a procurar as jazidas. Ao passo que procurava os objectos feitos pesquisava o solo, o berço dond e tinham sahido. Todas as minhas pesquizas foram infructiferas, não só não encontrei jazidas, como nem civilisados, tapuyos ou indios me deram informações que indicassem possibilidade de encontral-as, e até hoje, apezar dos maiores esforços ainda não tive noticia alguma.

Achei, é verdade, lendas, e estas quasi sempre tendem para o maravilhoso e para o mytho. Quanto mais procurava mais me certificava que a origem do Muyrakytã era asiatica.

D'essas pesquizas nasceram as explorações dos rios Tapayós, Trombetas, Aripekuru, Yamundá, Uatumã, Yatapú, Urubú e ás serras da Taperinha, Piroka, Pikiátyba, da Escama, Kurumu, Yacytapera, Dedaró, Emê, Uatá-poku, da Chinella, Kunury, Sakury, de Parintins etc. e a de todos os lugares que, se não foram habitados pelas pretendidas Amazonas, o foram por tribus que com ellas estiveram em contacto. Estas minhas pesquizas, e estudos se passaram em uma epoca em que ninguem no Brazil conhecia archeologicamente o Muyrakytã, ou suspeitava que no Brazil havia a jade, ou que as *Pedras das Amazonas* fossem d'essa rocha. Entretanto hoje, diz o Sr. Dr. Sylvio Romero, que eu só liguei importancia archeologica a esse amuleto, depois que o professor Henrique Fischer a elle ligou essa importancia. Não posso, por isso, deixar de aqui lavrar um protesto contra essa malevola e immerecida accusação com a qual se me procura tirar a prioridade destes estudos Apresento aqui provas de que antes do Conselheiro Fischer dar importancia archeologica ao Muyrakytã, já eu o prendia a uma emigração asiatica para o Brazil. E foi essa e não outra a que sempre liguei.

Se não me merecesse attenção em escripto algum d'elle trataria, como não tratei do *tembetá*, tambem feito de pedras verdes e brancas.

Passo a fazer o historico pelo qual provo que ninguem antes de mim, tratou archeologicamente d'essa pedra, se bem que muito depois de Humboldt, alguns autores dessem as populações americanas como oriundas da Asia; comtudo nenhuma d'essas opiniões foram baseadas n'esse amuleto.

A primeira vez que ouvi fallar no Muyrakytã, foi pouco depois da minha chegada ao Pará. Indo ao mercado, vi ao pescoço de uma velha tapuya, pendente de um collar, entre uma inadeixa de cabellos encastoada em ouro, alguns san-

tinhos de osso e uma tromba de um scarabeo, um cylindro de uma pedra verde que me chamou a attenção.

Perguntando o que era aquella pedra respondeu-me que um *Muyrakytã*, para livral-a de certas molestias. Não me importei na occasião de obter o objecto e tomei nota sómente da crença. Conversando posteriormente sobre o Muyrakytã, disseram-me que era um objecto excessivamente raro que vinha de Santarém e Obidos. O mesmo me affirmaram depois em Monte Alegre, onde outr'ora tambem appareciam, quando fiz as explorações das serras do Ereré, Aruchy e Paytuna.

Como disse acima, quando cheguei a Santarém, soube que no Lago Verde encontravam-se os taes Muyrakytãs e obtendo um, por intermedio do meu amigo Dr. Antonio Joaquim Gomes do Amaral, hoje Senador de Imperio, vendo ser jade, e ligando, como disse, logo grande importancia ao objecto, comecei os meus estudos preliminares, sobre elle. Estes estudos, então, eram sementes que não sabia que fructos dariam, pelo que não podia aventurar opinião definitiva, mas apezar disso, no meu Relatorio sobre o Rio Tapayós disse á pags. 51 : «Nas suas terras antigamente e ainda hoje, mas é raro, encontravam-se contas de feldspatho (Muyrakytãs) pelo que muitos em vez de Borary querem que seja Puerary. *Destas contas usadas pelos Tapayós, depois fallarei.*» Isto escrevi quando passei em Borary, no dia 20 de Junho de 1872.

Posto que o meu Relatorio fosse publicado em 1875, depois que cheguei á Corte, comtudo foi escripto em 1872, tanto que o seu principio foi publicado no *Jornal do Commercio* de 14 de Agosto do mesmo anno e logo depois da parte publicada, vem o trecho que acabo de citar.

Mais tarde no Relatorio sobre o Yamundá, publicado em 1875, mas remettido ao Governo no dia 7 de Outubro de 1874, tratando do Muyrakitã disse, á pags. 51: «A comparação dos dous, julgo conveniente, porque trará, talvez, alguma luz para *o estudo da raça primitiva do Brazil.*» A'

pags. 52 accrescentei: «Emfim é um amuleto com todos os seus encantos. A affinidade entre ambos não parece ter sido um uso estabelecido pelo *contacto com o homem do Oriente?* O que é innegavel é que o Muyrakytã, como *objecto de archeologia monumental è o mais valioso e notavel do Brazil*» . . . tem pontos de contacto com o da *gentilidade antiga do Oriente da Europa.*»

Antes da publicação deste Relatorio, em um artigo que sahiu no *Diario do Gram-Pará* de 5 de Novembro de 1874, que foi transcripto pelo *Jornal do Recife* de 23 do mesmo mez, disse: «Pelos estudos que tenho feito sobre o Muyrakytã. etc.»

Em 9 de Fevereiro de 1875, pelo mesmo *Diario do Gram Parà* escrevi: «Na parte, pois, elevada d'essa ilha habitou uma tribu, que guiado pelo *Muyrakytã*, soube ser a das Amazonas.»

Mais tarde, em 16 de Março de 1875, antes da publicação dos meus Relatorios, o mesmo *Diario do Grã-Pará*, disse, fallando dos meus trabalhos: «Barbosa Rodrigues a quem devemos os *primeiros estudos* do muyrakytan a *Pedra Verde* de La-Condamine e Buffon etc.»

O artigo em que veio este trecho foi transcripto pelo *Novo Mundo* de 23 de Junho do mesmo anno.

Por todas estas linhas se vê que desde 1872, que me occupei com a jade, dei-lhe por berço a Asia, (Oriente) e a tinha como vinda para o Brazil trazida por uma immigração, o que estudos posteriores confirmaram.

Quando n'esses trechos fallava de *estudos*, se referiam elles á questão aziatica

Já vê o sr. Dr. Silvio Romero que datando de *Junho de* 1874, a minha exploração do Yamundá, facto communicado ao governo em 7 de Outubro do mesmo anno, e provado que n'essa data eu dizia que o *muyrakytã era um objecto valioso vindo da Asia por uma emigração*, parece-me que não adoptava opinião de ninguem. Resta-me provar agora que foi posteriormente a tudo isso que chegou ao Brazil

a noticia de que o professor Henrique Fischer publicara um trabalho sobre a nephrite, em que apresentava a probabilidade de ser a jade americana, proveniente de uma emigração:

O notavel director do Museu de Friburgo, em Baden, o conselheiro Fischer no *n.°* 5, pags. 36 a 38 da *Correspondens blatt der deutschen Gesellschaft fur Anthropologie Ethnologie und Urgeschichte*, de Maio de 1874, publicou o seu trabalho *Bitte um Mexikanische und brasilianische rohe oder verarbeitete nephrite etc.* datado de 11 de Março, que só me chegou ás mãos em 1879. Foi o seu primeiro trabalho sobre a nephrite, por elle mesmo certificado a pags. 305 da sua *Nephrit und jadeite*, publicada em 1875.

Para se ver que não adoptei a opinião de Fischer e que foi sempre a minha, basta transcrever aqui o que me disse elle na primeira carta que me escreveu em 1 de *Outubro de* 1878, por onde se vê que elle então não tinha ainda opinião formada, e que foi pela nossa correspondencia que elle mais se convenceu.

Diz elle, na referida carta, maravilhado por ver que os povos da Asia e os da America tinham a mesma predilecção pela jade, que: «Si l'on n'y veut pas voir *le jeu du hazard* ce que n'est pas très vraisemblable *on peut penser* á une connaissance primaire de ce nephrite, gagnée par quelqu'un peuple et etendue plus tard par des migrations.»

Em 1878 dizia-me isso, quando eu já, em 1874, havia dito que o *muyrakytã* dava luz sobre a raça primitiva do Brazil pelos pontos de contacto que tinha havido entre os povos do Amazonas e os da Asia. De quem é pois a prioridade? Adoptei idéa alheia? Não. Alarguei apenas os meus estudos, como todos o fazem, sempre no mesmo sentido, e que hoje estão mais adiantados, posto que ainda não completos.

Tanto eu tinha apontamentos sobre a emigração asiatica que no mesmo Relatorio do Yamundà a pags. 94, assim me exprimi: «Material tenho reunido para um dia, se puder,

escrever o resultado dos estudos que tenho feito; mostrar que apezar da barbaria, havia um estado de civilisação muito mais prospero e *fructo de contacto com povos mais adiantados do que os Incas do Peru.*»

Esses apontamentos, mais desenvolvidos são os que fazem o presente livro.

Quando entregava-me a estes estudos não tinha apparecido trabalho algum sobre archeologia no Brazil, feito por Brazileiro.

N'esse tempo o estudo da archeologia e da ethnographia não existia entre nós, pelo menos officialmente; só o professor americano C. Hart tinha começado em 1871 a fazer algumas callecções para seu estudo particular. No Museu Nacional do Rio de Janeiro existiam, é verdade, preciosos objectos, que os curiosos para ahi remettiam para serem guardados, mas tudo ahi vivia no pó do esquecimento, sem merecer estudo algum.

Tão pouco merecia a secção archeologica, que o decreto que deu novo regulamento, em 1875, ao Museu, separou pelo art. 3.º essa secção d'aquelle estabelecimento, ficando apenas annexa ao Museu, atè que se creasse um novo para o estudo da archeologia e etnographia.

Em 1875 (1) ainda, exclamava eu: «*Entretanto essas reliquias de outras éras vão desapparecendo com o indifferentismo de hoje, perdendo assim a historia valiosos documentos. Com que admiração não se olha para aquelles que dão importancia a essas riquezas soterradas! Caminhe o archeologo, aconselhava eu, e sorria-se do indifferentismo, porque só elle reunindo os numerosos monumentos de uma civilisação extincta, que por ahi estão disseminados, póde levantar o vèu que encobre o mysterio da apparição da civilisação do homem americano...*»

Felizmente a semente que Hartt e eu lançamos em terra (desculpem-me o vituperio), germinou e parece querer

(1) *Explor. e Est. do Amaz. Rio Yamundá*, pags. 95.

formar uma arvore, que, se fôr conscienciosamente cultivada, ha de produzir bons fructos.

Informado que, a não ser em Alter do Chão, não se encontravam Muyrakytãs se não no Yamundá e na costa de Obidos, a não ser algum usado por alguma tapuya, e ahi tambem achado, quando me dirigi para Obidos, toda a minha attenção para esse ponto dirigi. Com effeito dessas duas regiões, das escavações que ahi fiz e das minhas pesquizas consegui obter não só onze objectos de varias formas e cores, como alguns fragmentos.

A importancia, que eu cada vez mais ligava, colhendo provas de que a rocha não era indigena, o empenho que fazia para obtel-os, o dinheiro que offerecia, fez com que alguns tapuyos, que por ventura possuiam-nos, os occultassem e não os mostrassem, julgando possuir um thesouro; que na realidade, archeologicamente, o é. Já para elles o Muyrakytã era um talisman, tanto que com muita difficuldade, mesmo antes da minha procura, cediam porque ligam-lhe virtudes imaginarias, perpetuadas pela tradição.

Elle cura a *colica-nephritica*, a *epilepsia*, a *esquinencia*, as *molestias do figado*, dá *leite*, e torna respeitado a quem o o traz comsigo. D'ahi lhe veio tambem o nome de *pedra nephritica* e *pedra de la hijada*, que originou o de *jade* (1). Joan Curvo Sem medo (Semedo) na sua *Polyanthea medicinal*, publicada em 1725, a pags. 532 diz que a *pedra de la hijada* é boa para «deitar as arêas e as pedras dos rins», assim como La Condamine tambem diz que com o nome de *Pierre Divine* escreveram um tratado sobre essas pedras, consideradas therapeuticamente. No Peru, disseram-me, que as mulheres gravidas o trazem ligado á barriga, para que os filhos ao virem ao mundo, não se apresentem de beiços rachados.

Sem ligar importancia archeologica, não só missionarios, como viajantes, fallaram da *pedra verde*, ou pedra nephriti-

(1) A jade na China tem o nome de *yu*, na Persia de *yschen* e na Mongolia o de *Kgasch*.

ca, mas sem que conhecessem a origem e procedencia, e mesmo a sua verdadeira composição chimica.

O míssionario José de Moraes, nas suas *Memorias do Maranhão*, assim como Seygfried nas *Memorias da Academia de Berlim*, de 1747, dizem que é um barro verde que existe no Amazonas, que, molle sob a agua, fica endurecido como o diamante, exposto ao sol.

O grande estylista Buffon (1) acreditava que fosse um producto da arte e da natureza, isto é, que esta fornecia a materia prima em estado pastoso, e que aquella lhe dava as formas, para ser levado ao fogo, onde adquiria a rigeza e a densidade que depois apresentava. Humboldt mais tarde esclareceu este ponto.

O Bispo Frei João de S. José Queiroz, tambem pensava que os Muyrakytãs eram de uma argilla verde que se perdera, porque elle só vira a amarella, a vermelha e a côr de rosa. A variedade de argillas que existem nas margens do Amazonas levou, nos primeiros tempos, a acreditar-se que os amuletos eram de uma argilla especial.

O valor e as virtudes, que ligam ao muyrakytã, são os mesmos do amuleto asiatico; o que prova uma tradição. Vejamos se elle tem as propriedades, que desde a mais remota antiguidade tem tido o amuleto.

O amuleto, que creio vem da palavra arabe *hamalet*, e que quer dizer «o que é suspenso» teve a sua origem na gentilidade do Oriente, passou á do Occidente e entrou no Christianismo.

Era de *pedra*, *simples*, com *figuras*, com *inscripções*; de *varias fórmas* e sempre eram trazidos *suspensos ao pescoço*, para *evitar molestias*, *cural-as*, etc. Os gregos tiveram o *phylacterion*, os romanos o *amuletum*, assim como os christãos tiveram alguns com a inscripção *ichthus*, cuja traducção

---

(1) OEuvres complétes. Paris, IV, pags. 170 e 171, «Sa dureté et densité, pour raient bien ne lui avoir pas été données par la nature, mais imprimées par le se ours de l'art, et principalement par l'action du feu.

era I. C. T H. U. S. ou *Jesous Christos, Theou, Huios, Soter* Jesus Christo, filho de Deus, Salvador.

O muyrakytã tem, pois, todos esses attributos do amuleto asiatico: E' de pedra, simples, com figuras, com inscripções, evita molestias, as cura, e é trazido suspenso ao pescoço.

Dessallier d'Argenville *(1)* tratando da jade diz: «On s'en sert effectivement en les perçant pour des *amuletes*, qu'on porte au *col* aux *bras* et sur les *reins.*»

Ainda hoje para muitos o muyrakytã é uma pedra sagrada, tanto que o individuo que o traz ao pescoço, entrando na casa de algum tapuyo, se disser: *muyrakytã katu,* é logo muito bem recebido, respeitado e consegue tudo quanto quer !

E', ou não, uma tradição asiatica que acompanha esse objecto ? Não é o *tambarane* no qual têm uma fé cega os Hindus e outros povos da Asia ?

Buffon disse: »Il serait difficile de déviner sur quel fondement les Orientaux et les Americains se sont également, et sans communication, infactués de l'idée des vertus médicinales de cette pierre.» (2)

Com a fórma cylindrica e perfurados, como os que encontrei no Amazonas, existem da Babylonia alguns no Museu de Graz, os quaes foram descriptos e figurados pelos professores Fischer e Alfredo Wiedmann. (3)

Sem contestação o muyrakytã é um *amuleto* ou *talisman*, o *pendeloque* dos francezes, com todos os seus atributos, feito de uma rocha durissima, como é a nephrite, da qual são feitos os mesmos ornamentos asiaticos.

Quando descrevi a região do rio Yamundá, d'elle tratei de passagem, porem agora aqui o farei com mais desenvolvimento, mesmo para que bem patente se torne, que no

---

(1) Hist. nat. *L'oryctologie.* Paris. 1755. pag.181.
(2) OEeuv. completes. VI. pag. 171.
(3) Weber Babylonische Talismane. Cylinder und andere Formem Stuttgart 1881

Brazil, antes que delle me occupasse scientifica ou archeologicamente; ninguem o conhecia.

O Sr. Gabriel de Mortillet (1) tratando dos *pendeloques*, da sua época *Robenhausiana*, a primeira do homem actual, diz:

«Les pierres percées étaient considérées comme envoyées par la divinité pour être portées; c'étaient des pierres prédestinées à être suspendues; aussi les recuillait-on avec soin »

---

(1) *Le Prehistorique*, antiquité de l'homme, pag. 566.

III

Origem do muyrakytã e sua natureza

Qual é a origem do muyrakytã no Amazonas?

E' desconhecida no valle do grande rio, só é conhecido o nome, entre os tapuyos, e os escriptores que d'elle trataram, que tambem lhes dão o nome de *pedras das Amazonas*.

Castelnau diz que em Manáos, antiga Barra, lhe deram algumas contas cylindricas de jade, ás quaes os indios atribuem grandes virtudes medicinaes, mas que lhe foi impossivel saber de que localidade vinha o mineral. «*Les indiens disaient seulement qu'il n'était pas du pays.*» (1)

No Amazonas nunca tapuyo ou indio algum, desde a mais remota antiguidade, pretendeu que a rocha fosse do valle deste grande rio, e sempre affirmaram que obtinham os objectos por meio de trocas, e por isso vejamos se em alguma parte da America se apontavam as suas jazidas.

Charlevoix, affirma que os Haytianos (Karaibas) uzavam as *pedras verdes;* mas, que *nunca foram achadas na ilha ou suas immediações.*

Em S. Carlos, no Rio Negro, disseram a Humboldt que o lugar onde se descobriam essas pedras era *nas nascentes do Orenoco* e do Rio Branco, mas, nas missões do Rio Carony e em Angustura, lhe disseram o contrario, isto é, que era *nas nascentes do mesmo Carony,* onde tambem não foram achadas.

Apezar d'essas indicações nem Humboldt, nem Chirurg Hartsmann que, em 1739, subio o Esequebo e veio até ao Rio Branco; nem Don Antonio dos Santos, quando, em

(1) *Hist. du voyage.* V. pag. 115.

1775, atravessou esses lugares, sahindo de Angustura e descendo pelo Rio Negro, descobriram e todos tomaram a tradicção por um mytho.

Razão, entretanto havia para assim informarem, como veremos adiante, porque pela região do Orenoco e Nova Granada desceram os Muyrakytãs, que, são os mesmos que Bernardo de Sahagun, viu sendo uzados pelos Nauhas, pela restauração do Mexico.

Os irmãos Schomburgks, que exploraram a Guyana Ingleza e percorreram as regiões apontadas pela tradicção como sendo as das fontes d'onde sahiam as jades, nada encontraram, posto que se interessassem em reconhecer as suas jazidas.

O mysterio, sempre o mysterio sobre as jazidas dos objectos que só appareciam manufacturados e, de tribu a tribu, passavam como pedra sagrada e *porte bonheur*.

No proprio Mexico, onde os muyrakytãs, ou *chalchihuitls* eram nos primitivos tempos trabalhados, a invasão hespanhola, só encontrou os objectos feitos e os que ahi, então se fizeram posteriormente eram os de *Amazonstone*, como os de quartzo que ainda hoje se fazem no Rio Negro, porque já as communicações com a Asia estavam interrompidas e haviam só os que vieram nas primeiras epocas ou invasões.

Vejamos ainda o que disseram alguns escriptores, que se occuparam do Muyrakytã brazileiro, para mostrar que este nome é antiquissimo e que é verdadeira a traducção que d'elle dei.

Mauricio Heriarte, que em 1662 foi ouvidor na capitania do Pará, diz : «E por este rio dos Tapajós vão a regatar madeiras, redes, urucú e *pedras verdes* que os indios chamam *buraquitãs* e os estrangeiros do Norte estimam muito.»

O padre José de Moraes, que desde 1736 missionou no Amazonas, na sua *Historia da Companhia de Jesus* publicada em 1759 diz : «Chama-se estas pedras pela lingua dos indios *Puuraquitan*. O certo é que ha estas pedras entre

os indios e eu tive uma grande e ainda se não sabe o *logar onde se acham e d'onde se tiram.*»

O bispo Frei João de S. José de Queiroz, na sua *Viagem* e *visita ao sertão*, em 1762, tratando da *pedra verde* que vio em Santarem, diz: «Chama-se esta pela lingua geral, que é a dos Tupinambás, corrupta, *Uuraquitan*, isto é, *nó de páo.*»

Buraquitã, *Puuraquitan*, *uuraquitan* são nomes originados da má audição e da orthographia, porque não passam de uma corruptella de *mbyrâ* e *kytã*.

No nheengatu moderno, *mbyrá* passou a ser *muyrá* e *muirá* e *mirá*, pronunciando com o *y* guttural os velhos tapuyos e com *i* os civilisados, o que modifica o sentido porque *mirá* é *gente* e não *páo*.

Muyrakytã, significa *nó de páo* ou de *madeira*, pela semelhança que algumas jades tem com a madeira.

Spix e Martius, na sua *Reise in Brasilian* escreveram *muraqueitá*, porem Montoya escreveu *Ibyraquytã*, d'onde a traducção de *nudo de palo*.

Muyrakytã, em geral, quer dizer tambem *talismã*, ou *amuleto*.

Alem destes nomes, dados pela lingua dos Tupinambás, tem outros nos dialectos das tribus que o usaram. Assim é *Aliby*, entre os Uaboys; *Nanacy*, entre os Tarianas, *Naçuruki*, entre os Katauichis; *Kumarito*, entre os Guahibos, etc.

Esses são os nomes, que hodiernamente dão os naturaes porque, outr'ora, teve a preciosa pedra tambem os de *Itàobymbaê*, que Martius escreveu *itá ybymbae*, e o de *Itápoçanga*. O primeiro era applicado geralmente para distinguir a qualidade da pedra, (*itá*, pedra, *oby*, azul, *mbaê*, o que é,) e o segundo para exprimir as suas virtudes (*itá*, pedra, *poçanga*, remedio) como as de previnir partos laboboriosos, etc. Esses são os nomes dados no Brazil, porque muitos outros tem nos paizes por onde elle viajou.

Ignorando-se a sua procedencia e sendo mui raras, por ser uma herança transmittida de tempos immemoriaes, gran-

de valor lhe davam, acompanhado de varias lendas que colligi, e que aqui as refiro.

Já vimos que Heriarte, Frei João de S. José, José de Moraes, Siegfried e Buffon davam-lhe o nome de *muyrakytã* e não podendo explicar como se trabalhava sem instrumentos uma pedra de uma rigesa extraordinaria, acreditavam que os habitantes da America, e principalmente os do Amazonas possuiam uma argilla molle, que tomava a dureza que mais tarde apresentava; agora veremos como o indio na sua imaginação, propensa ao maravilhoso, explicava a sua origem baseado nas lendas.

Dizem que, outr'ora, no lago *Yacyuaruà* (1) reuniam-se as Amazonas em certa época do anno, em determinada phase da lua, e depois de dias de expiação faziam uma festa dedicada á lua, e á *mãi do muyrakytã*, que no fundo do lago habitava. Finda a festa, quando as aguas estavam limpidas e n'ellas, como em um espelho, a lua se reflectia, todas as Amazonas se lançavam no lago e iam ao fundo receber das mãos da *mãi dos muyrakytãs* os mesmos, com as fórmas que desejavam. Sahiam molles, mas em contacto com o ar endureciam.

A mãi do muyrakytã é a *Yácumama* dos Incas.

Outra, que ouvi de um velho Uaboy, cuja tribu foi contemporanea da dos Kunuris, diz que no lago Yacyuaruá os muyrakytãs existiam vivos, como peixes, e que as Amazonas reunidas em torno do lago, feriam uma parte do corpo e lançando o sangue na agua, aquelle, sobre o qual este cahia, parava. Então a mulher lançava-se n'agua e o apanhava, e com elle presenteava o homem que lhe tinha feito ser mãe de uma filha, porque os filhos eram regeitados ou mortos.

Quando o indio nos refere assim, a origem do muyrakytã, tomamos isso como lendas, porem não o são. É o reflexo de uma reminiscencia; é a verdade que elle apresenta, envolvida no manto tenebroso do passado e, senão vejamos:

(1) *Yacy*, a lua, *uaruá*, o espelho da.

Nas noticias dadas sobre a cidade de Khotan, extrahidas dos annaes chinezes escriptos na dynastia de Thang, no anno de 632 da nossa era, diz Blondel que : «logo que avistam á noite a localidade, batida em cheio pela lua, o povo mergulha no rio para ir buscar as pedras mais finas». Não é isso que referem os indios, com os atavios de sua imaginação ? Aqui a verdade, ali a mesma disfarçada. Explicarei: A jade ou nephrite é encontrada em duas localides differentes; dentro dos rios ou espalhada nas montanhas. A do rio é a mais bella em côr e as vezes cortada de veias azues e a das montanhas tem a apparencia de *nò de madeira* (1) em geral cortada de veios pardacentos.

O Dr. Foreman diz : «That from the mountain is ordinarily veined brown, and has somewhat the appearence of *wood.*»

D'ahi vem o nosso nome indigena, talvez porque outr'ora fossem mais usados os d'essa apparencia. O que é exacto é ainda, na China tambem, se conhecem as jades pelo nome de *nó de páo* ou de *madeira*.

Hoje a *pescaria* das jades, tal é o nome que se dá na China á sua procura, quando d'ellas precisa o imperador, e que mostra tambem o seu apreço e o seu valor, é assim feita: Vinte ou mais soldados, guardados á vista por officiaes, põem-se em linha e mergulham todos a um tempo; aquelle que primeiro acha alguma, sahe e ao toque de um tambor, em uma folha de papel faz-se um signal vermelho. Acabada a pescaria, um inspector separa e marca as melhores, que nunca attingem mais de 40 centimetros de comprimento. Escoltadas seguem depois, para Pekin, as jades.

Justificado o nome de muyrakytã, com o de *nó de páo*, da China, indentificado tambem fica a lenda com a *pescaria* do Celeste Imperio, não sendo as outras lendas mais do que reminiscencias da immigração Nauha-quiché, que tem raizes no mesmo continente.

Para justificar-me, não tenho remedio, senão apoiar-me em autoridades competentes, para estabelecer a identificação precisa, entre a civilisação Amazonense e a que as ruinas do Mexico, America Central e Peru apresentam:

Diz Herera (1) e Frei Gregorio Garcia o confirma referindo-se á crença que ha entre os indios da America hespanhola, que: «Vio en el profundo de lo mar vna muger mui hermoza, a quien entró por el agua como Buso, a hablar, i ella, *en agradecimento de la visita* le dio vnas *cuentas* de marmol i las que los indios llaman *Cibas*: Estas joias vfavam defpues todos *los Señores*, i *Reis* de aquella terra i las tienen por *cosa sagrada* i *divina* por haver vfado de ellas Vagoniana; que fui el primero Señor, i Rei que houve.»

Não é a Ikamiaba mergulhando no lago para ir buscar o muyrakytã, para com elle presentear o homem que a visitou ? Não eram com os muyrakytãs que ellas pagavam áquelles que reproduziam a sua especie ?

Não é ainda o *nanacy* ou *tuichauaitá*, que usam os Uaupés como insignia de realeza.

O muyrakytã no Mexico, (chalchihuitl,) estava tão ligado a Quetzalcoalt e a Taloc como á Chalchihuitlicue, (a mãe do muyrakytã,) deusa das correntes, dos lagos e dos rios, a *Kurumu* dos Karaibas, à *mama yacu* dos Peruanos, que a festa que se lhes fazia era commum, em um só dia; era no dia primeiro do primeiro mez do Calendario Azteca que corresponde ao mez de Fevereiro.

Vimos que as propriedades do muyrakytã, são as mesmas do amuleto asiatico, vimos que a sua origem é desconhecida no Amazonas, e que as fabulas que dão a sua procedencia filiam-se á Asia, agora vejamos de que elle é feito e donde se origina.

Todos os muyrakytãs que vi e que possuo, assim como os unicos dois de origem brazileira que existem na Europa, levados pelo Dr. Martius, e que figuram nos museus de

(1) *Dec. I, lb, 5 cap. III e libr, 9 cap, II.*

Berlim e de Munich (1), são da rocha conhecida pelo nome de *nephrite*, ou jade oriental, considerada por Confucius (Cung-futseu) como o symbolo da virtude, pelas que lhes davam os sabios que se perdiam na noite dos tempos.

O professor Fischer divide a verdadeira jade, que pertence ao grupo dos amphibolis, em tres variedades: *nephrite*, que é uma hornblenda muito homogenea, de um verde mais ou menos escuro; *jadeïte*, em que chimicamente a magnesia é substituida pela argilla e a *chloromelanite*, que contem particulas escuras e amarellas. O peso especifico da primeira é 2.94 a 3.06, da segunda 3.1—3.9 e da terceira 3.32—3.41. A sua composição chimica é variavel como se vê do quadro junto.

A proporção na quantidade varia, um pouco, segundo a côr.

Debaixo da denominação de *jade*, durante muitos annos estiveram incluidas differentes rochas, de differente composição chimica, como: saussuritos, (jade de Saussure) serpentinas, orthoklas, falsitos, amazonstone, selicatos verdes, feldspathos verdes, etc. Depois dos estudos de Damour, separou-se a jade oriental ou nephritica, a jade branca, da jade verde ou jadeïte, porque se compõe de um selicato de alumina, de soda e de cal, na qual ha cincoenta e nove centesimos de silica. A nephrite passou a ser uma variedade de tremolito ou de hornblenda e a jadeïte um Werserito, ficando a jade de Saussure, sendo um Saussurito, comprehendido entre as rochas feldspathicas e aquellas nas rochas amphibolicas.

Fischer e Damour, depois de analyses de centenas de variedades de jades, dividiram ellas em duas especies mineralogicas, nephrite e jadeïte ficando a chloromelanite (2) como simples variedade da jadeïte.

Distinguem-se pelo grau de fusibilidade, pela côr e pela

(1) *Origem de los Indios*, cap. II. pag. 319.
(2) *Comptes rendus de l'Acad. des Sciences*, Tom 61. 1865.

densidade, mas pela composição chimica approximam-se muito. Estabeleceram para a primeira o peso especifico de 2.96. para a segunda 3.1-3.9 e para a terceira 3.32-3.41. Ultimamente porém, (1885) o peso especifico que servia para determinar a especie não serve senão para auxiliar, não se podendo garantir por elle á qual das especies pertença a rocha, porque em outras variedades, com os mesmos elementos chimicos da jadeïte, vê-se que esta pode ter a densidade determinada para a neprhite e descer a 3.1 e a 3.0. Só pela duresa verificada a composição chimica, se poderá chegar á verdade. Na falta desta, pela densidade haverá probabilidade de ser jadeïte se a côr verde tender para o azul.

Sendo, pois, os muyrakytãs ou pedras das Amazonas que tenho e possuo os originaes da verdadeira nephrite aziatica, da qual tem o mesmo pezo especifico que varia de 2.86 a 3.155, a mesma composição e a mesma dureza, que é a de 6, pela escala de Mohs, alguma jazida desta rocha deve haver sinão no Amazonas, ao menos no Brazil ou na America do Sul.

Porém, vejamos se algures já foi encontrada.

A descoberta, geralmente, de todos os productos da natureza é feita pela ganancia commercial para a qual não ha sertão e nem difficuldades que não vença. A historia do Brazil ahi o está provando a cada passo

O ouro, a prata, o pau Brazil, o diamante e mais pedras preciosas, a salsa, o cravo, a copahyba e ultimamente a borracha, levaram sempre audaciosos pesquisadores aos centros infestados de indios e aos sertões mais reconditos, podendo-se dizer que, quasi, não ha no Brazil um só ponto que não tenha sido já tocado pelo pé civilisado, em procura de generos para commercio.

Florestas virgens de hoje, habitadas por gentios, já outr'ora foram percorridas por civilisados. Ora, a nephrite e a jadeïte si tinham tão alto preço, pelas suas virtudes medicinaes, como dizem todos que della tem tratado, si isso,

no Mexico, fez com que os hespanhoes se cançassem em procural-a, sempre em vão, porque razão os portuguezes, que não tem genio commercial menos activo, andando a cata de ouro, prata e pedras preciosas, por invios sertões, não a acharam ?

Pedro Alvares, Thevet, Gabriel Soares, Fernão Cardim, Ivo d'Evreux, etc, todos falaram da *pedra verde*, e alguns a viram entre os Tupynambás, mas nenhum viu as suas jazidas. O que seria facil, visto como, os portuguezes no seu massacre, podiam ser guiados, por alguns presioneiros Tupynambás, ao logar das jazidas d'onde elles tiravam a rocha Mesmo os francezes, que com elles estavam em paz, que eram seus protectores, deviam tor achado a situação geologica dessas pedras. Ninguem, porem, as encontrou.

A confusão que reina entre os historiadores e viajantes, acerca d'estas pedras, é grande. Conheciam a virtude supersticiosa da pedra verde nephritica asiatica não a conhecendo nem chimica nem mineralogicamente, e vendo com os Tupynambás, uma pedra verde, por elles usada como ornamento no labio inferior e estimada, tomaram-na pela que servia de amuleto e confundiram assim uma orthose com a nephrite, por isso todos deram á pedra verde indigena, em geral, as virtudes que tem a exotica.

Os unicos que dão noticias de jazidas da pedra verde (tupynambá) são Gabriel Soares e Ivo d'Evreux. O primeiro diz: (1) «Deve-se tambem notar que se acham tambem no sertão da Bahia, umas pedras azues escuras, muito duras e de grande fineza, de que os indios fazem pedras que *metem nos beiços* e fazem-as muito roliças e de grande lustro, roçando-os com outras pedras. . .No mesmo sertão ha *muitas pedreiras* de pedras verdes. . .de que se podem lavrar peças mui ricas e para se estimarem entre principes e grandes senhores, e podem-se tirar da pedraria pedaços de sete a oito palmos, e estas pedras tem grande virtude contra

(1) *Tratado descriptivo do Brazil*, 1587. Rev. do Inst. Hist. XIV pag. 262.

dor de colica.» E o segundo: «Os francezes as chamam *Pedras verdes* por causa de uma montanha, mui longe da sua habitação, onde se acham mui bellas pedras verdes dotadas de muitas propriedades.» (1) Um dá noticia de jazidas no Maranhão, outro na Bahia.

Existiram realmente essas jazidas ? Como se extinguiram tantas pedreiras, e uma montanha a não deixar hoje um só vestigio, si d'ella só extrahiam pequenos estilhaços, para objectos que não chegam a dous decimetros de comprimento ? Quando mesmo fossem rebentadas á mina, para construcções de casas, não deviam estar esgotadas, ou pelo menos haviam de apparecer muitos blocs, nas construcções que se arruinass m. Em algum templo primitivo da Bahia ou do Maranhão deve existir alguma lage ou mesmo em Portugal, para onde não deixariam de a levar.

O que n'essas provincias havia de existir era alguma pequena jazida de beryllo, que são as pedras azues de G. Soares, de que os mesmos tupynambás faziam os seus *tembetás* ou *metarobys* que ainda aparecem e ha amostras no Museu Nacional do Rio de Janeiro e em gabinetes particulares.

Essas pedras verdes, tão falladas, são aquellas *verdoengas que tomavam de azul*, que haviam *de comprimento de um dedo*, de que nos informa Simão de Vasconcellos (2); são as que Sebastião Fernandes Tourinho, em 1572, atravessando do Rio Doce para o Jequitinhonha, encontrou nas fraldas da Serra dos Aymorés, e são as que os Tupynambás usavam como batoque, e cujo uso ficou perpetuado entre os Botocudos, que habitam ainda hoje as cercanias do rio Doce, mas que, por depravados, ou por não encontrarem mais as mesmas pedras, as substituirem pelo *guimato* de madeira.

Porem, o muyrakytã, que serve de amuleto, é de *jade nephrite*, emquanto que o tambetá, é da rocha beryllo, de que fallam os historiadores do Sul.

(1) *Voyage au nord du Brésil*, trad. pag. 36.
(2) *Chronica da Comp. de Jesus*, 1663, pag. 27.

Ambas são *verdes,* ambas pertencem ao grupo dos silicides, porem a primeira é um silicato calcareo e a segunda um sililicato de alumina duplo; aquella é um amphibole e esta uma orthose. A *pedra verde das Amazonas* não póde por fórma alguma archeologica e mineralogicamente ser confundida com a *pedra verde tupynambá.* A simples inspecção occular as distingue; só quem não as viu confundirá.

Está hoje, penso, mais do que provado que nem no Amazonas, nem na America existe a rocha nephrite, em situação geologica, apezar de La Condamine suppor que deviam existir nas alluviões do Amazonas. (1)

Se existisse já deveria ter sido encontrada, ainda que fosse sob a mais frondosa floresta ou mesmo os rios deveriam lançar ás suas praias alguma amostra, o que ainda não se encontrou.

O branco, o caboclo e mesmo o negro, levados pela ambição, não deixam passar o menor fragmento mineral, que lhe disperte a attenção pela côr, pelo brilho ou pela forma, sem que o apanhe, e, se bem que com mysterio, todavia o leva para os entendidos examinarem, guardando sempre em segredo o lugar onde o encontra. É impossivel que sendo assim, nunca um só fragmento, que fosse, de pedra verde dispertasse interesse aos roceiros, matutos, caipiras, sertanejos, caçadores e pescadores. Quanta cousa insignificante e inutil n'estas condições não me tem sido mysteriosamente apresentada ?

O muyrakytã era importado feito, e si no Amazonas o faziam, era com a rocha trazida da Asia. No Peru, no Chile, na Columbia, em Guatemala, no Mexico e nos Estados Unidos, tem-se encontrado desses amuletos (calchihuitls), das duas especies da rocha, porem. ainda em nenhuma dessas regiões ella foi encontrada, até hoje, bruta ou naturalmente em jazidas.

Entretanto do Mexico, sairam muitos *chalchihuitls* de ja-

---

(1) *Rel. abreg. d'un voy. fait dans l'intérieur de l'Amer.* Paris. 1745.

deïte (1) que se espalharam pela Europa, desde o tempo de Montezuma; não fallando nos, falsos, que depois fizeram. Grande procura houve, por causa de suas virtudes medicinaes, mas, apezar d'isso até hoje, na America ainda não se encontrou pedreira alguma, quando entretanto, grandes foram as p squizas empregadas pelos hespanhoes, levados pela ganancia commercial.

Tinham tal valor que Boetius refere que um pedaço, que pertenceu ao Imperador Rodolpho II, custou 1600 thalers. e Laet, diz, que se recorda de ter visto, em Inglaterra, um fragmento, do tamanho da cabeça de um homem, que custou 500 libras sterlinas.

Fica, parece-me, fóra de duvida que os muyrakytãs, que são de uma verdadeira jade, são objectos archeologicos importados ou trazidos por uma invasão estrangeira.

De que localidade provém então a nephrite dos amuletos brazileiros ?

Por todo o sul da Europa se encontram objectos de jade, semelhantes aos muyrakytãs, mas ahi ainda tambem não foram encontradas as jazidas da rocha.

Da Asia existem numerosos objectos pre-historicos nos museus da Europa, e d'alli sempre se suppoz que partissem, mesmo porque ainda utlimamente d'alli tem vindo objectos dessa rocha.

Perto de Budha-Pesth, na Hungria, ha um tumulo de um chefe de seita chamado *Gul Baba* (pai das rosas), que annualmeute attrahe muitos peregrinos, vindos do Kabul e Pashawar, na Asia Central, e são esses que trazem sempre amuletos, em forma de machadinhas, para a Europa, semelhantes em tamanho e forma aos do Mexico. (2)

Porque apparecendo a jadeïte no Mexico, não tem apparecido no Amazonas ? Creio que isso è devido á superstição popular. Sendo uma das virtudes do muyrakytã, a

(1) *Two mexican chalchihuitls*, Worcester 1881.

(2) *Ueber Timur's (Tamerlan's) Grabstein aus nephrite*. Arch. fur Anthr. 1880. Bd. XII. pags. 469-474.

crença de que elle trazido ao pescoço, da mulher que amamenta, augmenta a secreção do leite, isso fez, talvez, desapparecer por abandono a jadeïte e só apparece a nephrite, porque quanto mais clara for, a rocha, como o quartzo, tanto mais leite produz. Sendo escura a jadeïte foi regeitada e procurada a nephrite e o quartzo.

Para finalisar este capitulo, ainda algumas palavras, sobre a arte de esculpir a jade, afim de que se veja que foi ella ensinada na America, por invasores estrangeiros, como o foram aquelles Itzaes, que desembarcaram em Panuco e introduziram a civilisação que se irradiou pelas margens do gigante dos rios. Vem das éras mais remotas da Asia a arte de lavrar e ornamentar a jade, e, segundo Blondel, já no tempo do Imperador Koangti, isto é, 2637 annos antes de Christo, era muito apreciada e com ella se faziam obras delicadas, principalmente *figuras* e *amuletos*. A sua procura e estima era tal que deu lugar a falsificações.

O mesmo Sr. Blondel, no seu *Estudo historico e archeologico do Yu Chinez* assim se exprime a este respeito: «Segundo a affirmação de Telfasti, no seu *Kitab-al Alzdjar*, um tratado persico escripto em arabe, a *yeschem* (nome persa da jade) que se encontra no commercio é de duas especies, uma é um mineral verdadeiro outra produzida pela arte.»

IV

Jazidas e dispersão da jade. Considerações (1)

Havia já vinte annos que o Conselheiro Dr. Henrique Fischer, se occupava da jade, analysando chimicamente todas as variedades, que de diversos pontos do globo chegavam á Europa, e tinha consultado toda a litteratura que da mesma rocha se occupa, para descobrir o lugar da sua procedencia, quando publicou em 1875 o resultado d'esse estudo, sob o titulo *Nephrit und jadeite*, tirando nova edição em 1880, sem accrescimo ou modificações. N'essa obra passa em revista tudo quanto se escreveu sobre a jade, n'um periodo de 3175 annos, isto é desde o anno 1300, antes de Christo, até o de 1875 da nossa era.

Não achando noticia alguma de jazidas na Europa ou na America, e havendo opiniões de archeologos, que acceitam as velhas tradicções de emigrações da Asia para Europa, o Conselheiro Fischer empenhou-se em descobrir as jazidas Europeas e Americanas e para isso, com ardor e enthusiasmo, empenhou toda a sua influencia official e particular, auxiliado por dedicados amigos, porem, apezar disso, quando o bafo da morte, em 1886, apagou aquelle luzeiro scientifico, nenhuma só jazida se havia descoberto e até hoje na America ou na Europa, ainda não foi encontrada uma só jade em leito geologico.

No empenho em que viveu, nos ultimos annos de sua vida, o meu infatigavel e sempre lembrado amigo, analysou chimicamente todos os objectos conhecidos; procurou es-

---

(1) Recommendo ao leitor o meu trabalho intitulado *Viagem ás pedras verdes, Observações ás descahidas scientificas do Dr. Ladisláo Netto*, publicado no *Norte do Brazil* de 15 de Junho de 1888 em diante, que explica muitos factos referentes ao muyrakytá.

Analyses de algumas nephrites, jadeïtes e chloromelanites feitas por Fischer, Frensley e Damour

	NEPHRITE VERDE DO TURKESTAN						*Nephr. Branca*	*Jadeïte*	*Chloromelanite*
Peso especifico	2,93	2,957	2,968	2,974	2,980	3,00	2,970	3,34	3,413
Silica	55,14	59,50	59,32	59,21	58,42	55,48	58,45	59,17	56,40
Alumina	—	0,53	0,65	0,50	0,70	0,31	—	22,58	14,76
Oxydo de ferro	4,81	0,70	—	0,34	—	6,27	—	—	3,27
Ferro oxydulado	—	—	0,76	0,97	0,67	—	1,15	1,56	6,06
Cal	13,12	10,47	13,58	14,61	13,85	12,88	12,06	2,68	5,49
Magnesia	22,92	24,24	24,50	23,55	24,39	22,55	27,09	1,15	1,82
Oxydo de manganéz	—	0,55	0,51	0,53	0,46	Vestig.	—	—	0,66
Soda	—	1,02	—	0,19	—	—	—	12,93	11,20
Potassa	—	—	—	—	0,10	—	—	—	—
Agua	—	0,62	1,05	0,78	1,20	2,65	—	—	—
Fluorsilica	—	1,28	—	—	—	—	—	—	—
	98,87	100,11	100,37	98,76	100,39	100,14	98,76	100,07	99,66

PESO ESPECIFICO DAS VARIEDADES PRINCIPAES DA JADE

SEGUNDO

M. DAMOUR

Jade branca ou oriental	2.969
Jade cinzenta	3.003
Jade escura	3.017
Jadeite, branca acinzentada	3.334
Jadeite cinzenta-azulada	3.336
Jadeite imperial, verde-esmeralda	3.338
Chloromelanite	3.413

clarecimentos por todas as partes do mundo; estudou geographicamente todos os objectos que existem nos museus officiaes e particulares da Europa, e, segundo o que me communicou e o que diz o Dr. Valentini, de 189 objectos pre-historicos que existem conhecidos na Europa e classificados pelo mesmo sabio Dr. Fischer, 77 são de nephrite, 79 de jadeite e 33 de chloromelanite; destes só 10 são da America Central, sendo 7 de jadeite e 3 de chloromelanite.

Entretanto, segundo a opinião do mesmo professor, estas tres variedades não podem partir da mesma jazida, isto é, não têm uma origem commum, porque a sua estructura, chimicamente fallando, é tal que não se póde admittir que partam de um só leito.

E onde estão pois essas jazidas ? D'onde sahiram esses amuletos que se destribuiram pela Europa e pela America, onde era tão adorado e ainda hoje tão apreciado pelos indios?

Sem contestação, até agora, sahiram da Asia os muyrakytãs.

Da *jadeïte, fi-pi-yu.* só é conhecida uma jazida, que desde tempos immemoriaes pertence ao rei de Burmah, cuja dynastia sempre conservou o monopolio de vender os objectos manufacturados. Essa jazida está no districto de Yunnan, ao norte da cidade de Bahma, logar onde os estrangeiros não penetram, e que é muito concorrido pelos peregrinos sectarios de Budha, por ser ahi o centro do Budhaismo. São esses peregrinos os que levam para a Europa os objectos ahi manufacturados.

Está tambem provado que a *nephrite* ou *yu,* em leito geologico, só existe em varias partes do Turkestan. Algumas das jazidas pertencem ao imperador da China, que as possue por herança, que vem de epocas mui remotas. Estão estas no districto de Yuthian, (terra da jade) nas margens de tres rios conhecidos pelos nomes de Yu-Branco, Yu-verde e Yu-preto; nomes derivados da côr da jade, por sobre a qual rolam as suas aguas, que descem das montanhas Mouslagh. Esses tres rios formam o Hoang-ho ou rio Amarello.

Tendo sido os irmãos Schlagintweit, em 1873, encarregados de descobrir, na Asia, o logar d'onde sahia a *jade* ou *nephrite,* um d'elle , quando procurava desempenhar o seu mandato, foi degollado por ordem do Sultão de Kaschgar, e o outro o descobrio em KHOTAN. Encarregado tambem Stoliczka da mesma missão, em 1874, este achou uma jazida na montanha de Sajan, perto de Batougol, em Irkutzk, como tambem Richthofen, em 1874, confirmou ter visto no Turkestan jazidas de nephrite.

Os muyrakytãs do Amazonas, pela côr, na maior parte assemelham-se aos do Turkestan, não fallando na densidade e composição chimica, que é a mesma.

Apezar das pesquizas que se tem feito, ainda não se poude encontrar jazida alguma de *chloromelanite.*

Si no seio da Asia, onde o estrangeiro não póde penetrar, e é cercado dos maiores perigos, se tem encontrado a nephrite, porque razão na America, aberta a todos os exploradores, cortada de vias ferreas, não se encontrou ainda uma só jazida d'esse mineral ? Ha na Asia mais facilidades do que na America, ou o seu terreno é tão descoberto que facilmente se póde explorar ?

Si densas florestas cobrem o solo americano, não menos densas são as asiaticas, infestadas por animaes mais ferozes do que os nossos. Si na America se luta com o gentio, este é sempre vencido, e seria elle o primeiro a mostrar a nephrite onde estivesse, porque á sua fina observação ella não escaparia. Si na Asia não ha o homem selvagem, ha o indio supersticioso, que luta como o americano, e, em proveito proprio, procuraria occultar a rocha de que tão ciosos foram sempre os povos asiaticos.

Guiado pelos objectos prehistoricos que se tem encontrado de nephrite e jadeite, traça-se a sua linha geographica, vê-se como foram elles espalhados, e chega-se á sua origem ou ponto d'onde partiram os emigrantes que os espalharam pelo mundo.

O fio estabelecido pela nephrite e pela jadeite, é como o

pó, que a emigração levanta na sua marcha, e que de longe serve para guiar o archeologo. Experimentemos seguil-o.

Sigamos a mais antiga, aquella que se deu antes da de Fousang e no começo da éra Christã.

Supponha-se dous archeologos em Khotan, á pista das emigrações; um acha um fio de nephrite e tomando-o segue para o Oriente, outro dando com outro segue-o para o Occidente.

Acompanhemos este que vae levado pelo primeiro fio. Sahindo de Khotan desce o Amou Daria (Oxus) e achando em certa altura o fio bifurcado, toma o do norte chega ao Sir-Daria (Ixartus), passa em Khokand, desce o mesmo rio, passa pelo norte dos mares de Aral (Oxiano) e Caspio (Hyrcaniano) e segue o Volga, que atravessa para ir á Polonia e á Panonia, retrocede ao ponto da bifurcação do fio do sul vae á Bukará, atravessa o deserto de Karakum, costeia o mar Caspio, passa pelo Caucaso, caminha pelo norte da Asia Menor, chega á Troya, salta os Dardanellos, navega para ilha de Creta, atira-se para a Grecia, passa para a Italia e toma o caminho do norte indo dar á Suissa, onde encontra o fio, outravez, bipartido.

Agarra um d'elles e desce o Rheno até a Belgica, mas não encontrando a sua continuação volta toma o ponto que se dirige para o sul acompanha o Rhodano, corta o sul da França, transpõe os Pyreneos, por Tolosa entra na Hespanha, passa a Portugal, e avistando o Atlantico n'elle se atira.

Cahindo nas correntes do braço meredional do Gulphstream, passa pelas ilhas da Madeira, das Canarias e Cabo Verde, é arrebatado pela corrente equatorial do Norte que o leva ás Bahamas, toca nas Antilhas, (1) descança em Porto

(1) Ainda Herrera, historiador hespanhol, tido por todos como muito verdadeiro, nos diz se era ou não natural e facil a travessia: «Un vecino da la isla de la Madera, el ano de 1484 pidió al rei de Portugal licencia para ir á descubrir cierta Tierra, que juraba que veia cada ano i siempre de vna manera, concordando com las islas de los Açores; i de qui sucedió que em las cartas de marear antiguas se pintaban algunas islas por aquelles mares, especialmente la isla que decian de Antilia... i que en tiempo del infante D. Henrique de Portugal *con tormenta corrió un navio que habia salido de Portugal, i no paró hasta dar en ella....* pero que los marineros temiendo que no los quemasen el navio i los detuviesen se bolvieron a Portugal mui alegres confiando de recibir mercedes, etc.»

Rico, segue para Pensacola, atravessa o Golpho do Mexico, desembarca em Tampico e subindo o rio Panuco, percorre o Mexico e segue para a America Central, já com a extremidade do fio toda desfiada por diversos caminhos.

Deixemos este caminheiro e vamos ao encontro do que deixamos em Khotan, com o fio do Oriente e procuremos tambem acompanhal-o.

Este deixando Khotan, abandona o Turkestan vae á Bahma e ahi encontrando, preso a uma jazida de jadeïte, um fio, une-o ao de nephríte que o guiava e vae com elles unidos até Yunnan, margina o Yang tse kiang, caminha para Pekin, vae á Coréa, aventura-se pelo mar Amarello, costeia o Japão, chega ao Pacifico e com toda a temeridade entrega-se ás correntes do Kuro Sivo. Chegando ás ilhas Aleuticas, desembarca em Alaska, e levado depois pelas mesmas correntes dá á costa na Alta California onde encontra Tulan: (1) por terra desce ao Mexico e deparando com o desfiamento do fio do primeiro caminheiro, tambem vê desfiar-se o seu e pelo Panamá vae á Columbia, emquanto que se espalham pelo Orenoco, Magdalena e Antilhas, as outras subdivisões.

Caminhando sempre para o sul, as subdivisões dos fios principaes da nephrite, chegam a Satander, atravessam os Andes, vão ao Titicaca, á Cusco e Cajamarca, entram na Araukania, e transpondo as cordilheiras passam para as cabeceiras do Yuruá, Purús e Madeira, emquanto outras subdivisões, da Columbia, directamente descem ao Amazonas pelos rios Yamundá, Negro, Yapurá, Içá e Napo, para ir somente até o rio Tapayos, sumirem-se em Puerary ou Alter do Chão.

Estes fios, estavam ligados á postes, que, pela maior parte, desappareceram, ficando aqui e ali um ou outro, como balisas que nos marcam os pontos de estada, depois da partida do centro da Asia. Onde nos faltam as balisas de nephrite apparecem comtudo as inscripções nos rochedos, perpe-

(1) Sahagum, diz na sua *Historia de las cosas de nova España*, libr. III. Cap. 3, que era a patria das esmeraldas, do ouro e da prata.

tuando a ophiolatria e a platicephalia deixadas pelos ousados viajantes, que, com os que morriam, enterravam o amuleto, que no seio da terra ia se encontrar, tambem, com aquelles que involuntariamente eram esquecidos ou se perdiam, e que hoje o archeologo encontra.

Esta é a marcha da nephrite e da jadeite, assignalada pelos marcos que deixaram plantados nas emigrações asiaticas, em épocas prehistoricas e que bem explica a chegada de Quetzalcohualtl e de Votan e a dispersão posterior do povo Nahua. Esses marcos são os muyrakytãs, que fóra d'essa linha nunca foram encontrados.

Para Quito os levou Karan, que perpetuou seu nome em *Karangui*, hoje Caracas, e para o lago Titicaca foi portador d'elles um outro *Kara*, que conquistou Chucuvitu e Tiuhuanaco. coincidindo esta invasão com as emigrações Nahuas, produzidas pela queda do Imperio Xibalba. Com os muyrakytãs levaram a platicephalia, que desceu ao Amazonas com os Omauas ou Kambeuas.

As marchas migratorias d'Asia para America começaram muitos seculos antes da era Christã e continuaram ainda depois, porem as dispersões dos descendentes, que da America do Norte, desceram para o Sul. foram todas muito posteriores.

Cumpre-me chamar a attenção para o facto de coincidir a marcha da nephrite, sahida de Khotan para Europa, com a dos corpos de Hiong nu, a dos Hunos e a dos Euthalitos, que tambem eram platicephalos.

A marcha da nephrite é tambem comprovada pela platicephalia, que foi companheira do Muyrakytã. Assim a vemos no Caucaso, na Belgica e em Toulouse. A deformação craneana, conhecida por *deformação Tolosã*, perpetua a *cuneiforme* dos *Tolans*.

Essa mesma deformação é perpetuada, em uma medalha cunhada em 452 da nossa era, em honra de Attila, ultimo rei Huno, em que se vê o busto do *Flagello de Deus*, distin-

ctamente deformado, como os das figuras dos baixos relevos do Mexico.

Parece-me que não ando muito affastado da verdade, quando digo que o fio da nephrite, que se estende pelo Amazonas, tem a sua extremidade preza ás jazidas de Khotan, e que ahi está o berço de alguns povos americanos, origem da civilisação prehistorica.

Procurarei justificar esta minha asserção servindo-me justamente da palavra Khotan.

A tradicção, os escriptores Nahuas, Mayas e Quichés, assim como os historiadores antigos do Mexico e da America Central, dizem que o *filho do sol, o grande serpente*, o portador das *pedras verdes, o senhor por excellencia*, (o Kara) foi Quetzalcohualt que tinha sahido de Tulan, *du côté* d'où le soleil se lève. . . . de l'autre côté de la mer, *et c'est ce Tulan où nous vînmes à être engendrés par nos mères et nos péres*, como nos diz Brasseur de Bourbourg, traduzindo as memorias de Tupan-Atitlan.

Diz mais o mesmo sabio missionario, em uma nota (1): *S'ils sont vennus en Amérique du côté de l'Orient ils ont dû traverser l'Asie presque entière ainsi que l'Europe.*

Tem razão. Modernamente a nephrite nos tem mostrado que essa travessia foi feita.

Depois exclama a mesmo missionario :

«Tulan la terre mysterieuse dont le nom est resté gravé dans le souvenir de toutes les nations de l'Amérique Septentrionale berceau de la science et de la sagesse, où ces nations puisèrent avec les éléments de la vie policiée, l'art de gouverner les peuples et reçurent avec les symboles de leur religion, l'organisation du culte !

Où donc était cette region célebre ?»

Tulan, Tollan, Tonalan, Tonathan, Tula, Tule, significa, modificada a palavra, como diz o Dr. Brinton, citando a *Cronica Mexicana* de Tezozomoc, *o lugar onde nasce sol.* En-

(1) *Hist. des nat. civ.* I. pag. 166. Nota 3.

tretanto os Mexicanos, dizem significar *canas* ou *juncos*, que é o significado de *tull*, quando o Dr. Valentini diz que a palavra é Maya e significa *na terra da abundancia*, de *tul*, abundancia e o affixo *a* que é a preposição *in*.

A pezar destas interpretações Ed. B. Taylor (1) crê que é corruptella do Asiatico *Turan*.

Com este nome de Tolan ou de Tulá, cidade do Sol, havia uma cidade no Mexico, entre Tampico e S. Luiz do Potosi, outra na alta California, por onde vinham as pedras verdes e o ouro, outra em Palenque, e aquelles que as governavam eram appellidados tambem de Tolans. As trez da America teem as suas latitudes determinadas; mas onde está a primitiva, a quarta, fonte de sabedoria em que bebiam os conhecimentos que espalhavam? Onde é aquella d'onde sahiu Quetzalcohualt e Votan e foram gerados os seus companheiros? Não será a de *Khotan*, a patria da nephrite, a cidade do Sol, do Turkestan?

Parece a principio não ser, mas, a philologia nos mostrará que ha razão para ser ella acceita como patria do grão mestre das artes pre-historicas da America.

Vejamos.

É sabido que sempre que um estrangeiro chega a qualquer parte do mundo, em que é obrigado a não fallar a sua lingua, mas sim a da nação que adoptou por patria, sempre pronuncía mal as palavras, que aprende, a ponto, muitas vezes, de desfigural-as pelo som. O mesmo acontece com o povo que recebe palavras estranhas, que não sendo illustrado, mas sim analphabeto, como o eram os americanos, forçosamente, como ainda hoje, haviam de pronunciar as palavras que ouviam de Quetzalcohualt e de seus companheiros com uma phonetica muito differente e naturalmente o Khotan passou a Tolan.

Tanto a pronuncia desta palavra era dada de varias maneiras, que se vê nos historiadores escripta differentemente.

---

(1) *Anahuac*. London. 1861.

Parece impossivel que de *Kho*, fizessem *To* e de *tan, lan*, mas não o é, tanto que muitas crianças dizem *Tota, tasa, tamisa, tôsa, tabito*, etc. por *Cota, camisa, cousa, cabrito*, etc. e mesmo Max Müller cita o exemplo trivial da troca de *Tat* por *Cat*, em todos os povos.

A queda do K para T è constante na Polynesia, nas Ilhas de Sandwich e no Hawai, e confundem ali de tal maneira os sons da guttural com a da dental, que os francezes escrevem com as mesmas palavras que os inglezes escrevem com *k*.

Nos primitivos tempos a mesma cousa existia tambem entre os Hindus, os Gregos e os Romanos, que abandonavam seus lares, os quaes pronunciavam meio dental, ou mesmo puramente guttural por dental e vice-versa.

A mudança do T para L se vê claramente no *tagr*, gothico, que passou ao *tear*, inglez, ao *dakru*, grego, ao *dacri* e *lacri* latino, que originou *dacri-ma, lacri-ma* e a *lagri-ma* portugueza. Vê-se, portanto, que facil è a corruptella, perpetuada na America, por ter sido n'ella feita e por continuar pela descendencia dos que a fizeram. Temos alem d'isso, mais uma circumstancia. Pela marcha apontada pelo muyrakytã se vê, que, pelo sul da França passou uma emigração, que partiu de Khotan, com amuletos de nephrite, e, justamente ahi encontramos, no departamento de Correze, tambem, a cidade de *Tule*, celebre pelas suas rendas e ruinas prehistoricas, que conserva. Devo tambem notar a coincidencia de haver pouco ao sul de Tule, a cidade de *Toulouse* (Tolosa, dos antigos) celebre pelo uso da platiciphalia, conhecida por deformação Tolosã e a de *Toulon* (Tulan) e proxima na Hespanha outra *Tolosa*, de descendencia vasconça ou biscaia (1), que ainda conserva o uso da *couvade*, ou resguardo, observado por Marco Polo, em Yunnan, por onde passa a linha da emigração da pedra divina.

Que a primitiva Tula ou Tulan não era no Mexico e

(1) Observo que ahi estiveram os Alanos, ramo Huno que a historia acceita sem commentarios.

e sim *alem-mar*, temos a prova na exclamação do infeliz Montezuma quando avistou as náos hespanholas:

—E' Quetzalcohuatl que volta de Tulan !. . .

Bem disse o sabio historiador da civilisação Mexicana: (1) «ce serait une chose d'un haut intérêt de rechercher l'origine et le premier berceau des nations qui parlaient la langue Nahuatl. *Nous n'avons pas le moindre doute qu'il faille les chercher en Asie.*» (1)

A outras considerações me leva ainda a palavra Khotan, que me parece ser, tambem, a mesma *Votan*, nome que tinha o heróe das pedras verdes.

Segundo a tradicção, tinham o nome de Tolan, os quatro individuos que partiram das quatro cidades; não seria Votan um d'esses Tolans, gerado em Khotan ? Ou um dos seus descendentes com o mesmo nome ?

A corruptella de Khotan para Votan é, tambem, facil e natural.

Alem disso Votan fez «*quatre voyages au pays d'où étaient vennues ces étrangers*» (2) que tinham vindo do Antigo Continente, como indica o signal S, do seu Manuscripto, segundo Ordonez, para estabelecer-se no Novo, indicado, tambem, pelo signel ᔓ, o que parece, pois, mostrar que foi o fundador da Tolan ou Tula, mudado para *Tule* ou *Tolosa*, em França, porque elle era um Tolan que na sua marcha ia deixando as jades, como marco miliario, que aqui me guiam.

Posto que a Vinlandia influenciasse nos costumes Nahuas, comtudo, foi em época recente, posterior ás emigrações Asiaticas. Quero, mesmo, crer que simultaneamente viessem os primeiros pelo Oriente e os segundos pelo Occidente, mas só muito mais tarde se encontraram, depois de terem vinculado nas terras que tomaram para residencia os seus costumes. A Tula ou Tolan nada tem de commum com

(1) B. de Bourbourg. *Hist. des Nat. civ.* I. pag. 103.
(2) Charancey, *Re Mythe de Votan*, pag. 9.

á outra *Tila*, *Tyla*, *Thulé*, *Thyla* ou mesmo como a *Ultima Thula*. que para uns era na Dinamarca e para outros na Islandia, como parece indicar Pithéas, o habil marinheiro Marselhez que primeiro no anno 340, antes da nossa era, a descobriu, como se vê na Geographia de Strabão.

Para mim *Votan*, o Tolan, Mexicano, nasceu em *Khotan*, e com o nome de *Boskan* appareceu um descendente no Amazonas.

Nos commentarios tratarei de Votan e mostrarei as analogias que apresentam e como se prende ao Muyrakytã.

Para reforçar a minha opinião, citarei o que diz o professor Mortillet, no seu *Prehistorico*, á pag. 614. Depois de asseverar que as primeiras invasões da Europa vieram do Oriente, termina:

«La population de l'Europe occidentale, á l'époque Robenhausienne, se composait d'un melange de dolichocéphales á l'ossature fortement accentuée, et de brachycéphales aux os plus arrondis. Les premiers constituant la population autochtone, les autres êtant des envahisseurs venus des pays situés entre la Mediterranée, la mer Noire et la mer Caspienne. C'est de l'Asie Mineure, de l'Armenie et le Caucase, qu'est venu le flot de population qui, au commencement de l'époque Robenhausienne, a envahi l'Occident.»

Observarei ainda, que pela marcha da nephrite, sabemos que um corpo de emigrantes passando pelo norte dos mares de Aral e Caspio subio o Volga, antigo Rha, e è justamente onde encontramos uma outra *Tula*, cidade que, desde a maior antiguidade, se levanta no theatro das operações Hunas.

Como poderiam n'aquellas epocas ter atravessado o Grande Oceano os sectarios de Budha ? nos perguntarão. Já disse como as correntes levaram os Japonezes á California e agora mostrarei, como voluntariamente o fizeram.

Sabemos que as correntes marinhas que existem no Grande Oceano tornam essa travessia rapida, tanto que, ainda hoje, muitos a fazem involuntariamente impelli-

dos por ellas; sabemos, e está provado, que o *Kuro-sivo* ou rio Negro, a grande corrente, parte das costas de Cantão, passa do lado oriental do Japão, dirige-se para as ilhas Aleuticas e desce costeando a America do Norte até o isthmo do Panamá, correndo junto a California, pelo que vimos não ser raro chegarem ahi os barcos ou *juncos* chinezes e japonezes arrastados por ella.

Já vimos, tambem, os factos citados a este respeito por Brasseur de Bourbourg, e pelo Commandante Maury, da marinha Americana, e porque tambem, arrastados, não viriam os primeiros viajantes á America e depois propositalmente ?

Onde está o impossivel, para homens arrojados e destemidos como foram, por exemplo, os Hunos ou Magyares.

O sabio professor Fischer, cauteloso demais, não quiz, em these, declarar que foram os asiaticos que derramaram pela Europa a nephrite e a jadeite, e que foram tambem elles que a trouxeram á America; porem, que maiores provas poderão apparecer em contrario ?

Só a descoberta, na America, de jazidas de nephrite e jadeïte destruirão o valor do muyrakytã.

Fischer me perguntou, e tambem pergunto eu: «Porque razão os povos da America ligavam tanto valor a ornamentos e amuletos feitos de uma pedra que não possuiam, que devera ser cara pela difficuldade de acquisição e de esculptura, quando ella não seduz pela sua côr, a não ser a jadeite verde-esmeralda ? Não parece vir isso nos confirmar que não era mais do que uma reminiscencia do berço commum do genero humano, a Asia Central ?»

E' verdade. Só uma tradição religiosa levaria o povo á acreditar nas virtudes da *pedra-verde*, porque não póde essa crença ser filha do acaso, quando tinham outras pedras de brilho e de côres mais vistosas, que poderiam leval-o á superstição.

A importancia que liguei ao muyrakytã, a analogia que achei entre elles e os amuletos, e a crença de que o povo prehistorico Amazonense, esteve em contacto com a Asia,

servio, para dar-me relações que me honro de ter tido com o fallecido sabio director do Museu Mineralogico de Freibourg, e alargar a esphera dos meus estudos. Entretanto não sabiamos, que existiamos no mundo, nem conheciamos os trabalhos um do outro. Só em 1877 leu elle os meus humildes estudos sobre o assumpto, e só em 1878 soube da sua existencia, pela carta honrosa que me dirigiu.

Ao passo que eu, na America, com o muyrakytã em punho, desde 1872, procurava a origem do homem prehistorico, e presumia que elle da Asia tinha saido: o conselheiro Fischer, na Europa, desde 1874 firmado na natureza da rocha do mesmo objecto, procurava na terra dos patriarchas a origem do homem americano; e assim elle lá, com a mineralogia, e eu cá, com a archeologia e a ethnologia caminhavamos para o mesmo ponto, guiados pelo mesmo amuleto.

Accresce ainda uma circumstancia notavel: elle tomou para seu guia esse objecto «á un temps oú les minéralogistes Européens n'avaient pas encore le moindre pressentiment du *valeur archéologique* du nephrite» (1) o que commigo tambem aconteceu no Brazil, onde ninguem suspeitava a existencia da nephrite, ou ligava valor ao muyrakytã, que era desconhecido. No Amazonas, mesmo, muito poucas pessoas o conhecem, a não ser algum tapuyo que o presa pela suas virtudes tradicionaes.

Varios naturalistas percorreram o Amazonas, mas nenhum ligou valor archeologico a esse amuleto nem deu-lhe por patria a do genero humano. Si d'ahi, pois, resultasse alguma gloria, essa caberia ao conselheiro Fischer na Europa, e a mim no Brazil. Si commetto um vituperio, é para que fique bem patente que tenho iniciado alguns estudos, de que outros se tem aproveitado ficando meu nome condemnado ao esquecimento. Já por isso fiz uma reclamação, que publiquei no *Cruzeiro*, de 19 e 20 de Dezembro

(1) Carta que me dirigiu em 1 de Outubro de 1878.

de 1881, sob o titulo—*O muirakitan, precioso coevo do homem anti-Colombiano.*

No congresso dos americanistas de Nancy, em 1875, discutiu-se a possibilidade das emigrações asiaticas para America e as razões que existiam, apresentadas em differentes obras e memorias; porém, por falta de provas, nada de decisivo ficou assentado, pelo contrario, as opiniões favoraveis foram taxadas de *chinoiseries* e de *Robinsonnades.*

Apezar d'isso, devo declarar, que, sem idèia preconcebida, não tendo mesmo lido, então, nada a respeito de emigrações asiaticas, que, desde 1872, levado pelo muyrakytã, eu vi que a Asia tinha influido nos costumes prehistoricos americanos. Procurando estudar a questão, sempre guiado por esse amuleto, hoje chego a affirmar, si não houver provas em contrario, que, as primeiras emigrações para America foram asiaticas.

A memoria mais antiga, baseada nos *Grandes Annaes Chinezes,* conhecidos por *Nan-szu,* è a escripta por De Guignes, em 1761 (1); e unica que nos apresenta provas tiradas de documentos que traduzio, e que nos referem a data da emigração, os nomes dos frades emigrantes, os costumes do povo, etc.

Diz De Guignes:

«Li-Yen, historien chinois qui vivait au commencement du VII siècle, parle d'un pays nommé Fou-Sang, éloigné de la Chine de plus de 40,000 *li* vers l'Orient. Il dit que pour s'y rendre, on partait des côtes de la province de Leao-Tong, située au nord de Pe-King; qu'aprés avoir fait 12,000 *li* ou arrivait au Japon proprement dit, c'est-á-dire au Niphon; que de lá vers le Nord, aprés une navigation de 7,000 *li,* ou recontrait le pays de Wen-Chin; qu'á 5,000 *li* de ce dernier, vers l'orient, on trouvait le pays de Ta-Han, d'oú on parvennait dans celui de Fou-Sang qui était distant

(1) *Sur les navigations des chinois de l'Amerique et sur plusieurs peuples situés á l'extremité de Asie Orientale,* Ac. des Inscript. T. XXVIII.

de 20,000 *li*, dans la direction de l'Est. Total de Leao-Tong à Fou-Sang touchant successivement au Niphon, à Wen-Chin et à Ta-Han: 44,000 *li*.»

Muitas outras obras têm apparecido, principalmente depois que o sabio barão de Humboldt, com sua auctorisada palavra, disse que «o contacto asiatico com a America (1) era indiscutivel, pois se manifestava francamente na cosmogonia, e nos hyerogliphos».

Todas estas obras tiram suas consequencias do exame e comparação dos monumentos architectonicos, só uma, a do Reverendo missionario Pitetot, tira as suas conclusões pelos estudos linguisticos.

Do Guignes, traduzindo o historiador chinez Li-yen, do seculo VII, diz: «Pendant le régne de *Tsi*, dans la premiére année de l'*Origine Eternelle* (499 de Jesus Christ) un pretre boudhiste chinois, qui portait le nom monastique de *Hoei-chin* (compassion universelle), vient du *Fou-Sang*, dans le district de Houkouang et dans les districts voisins. Il raconta que le Fou-Sang est situé a environ 20.000 *li* l'est de *Ta-Han* et de l'Empire du Milieu».

Diz De-Guignes que a emigração para Fousang foi no anno 499 da nossa éra; outros querem que houvesse outras de 948 a 820, e, posto que hajam seculos entre essas datas, podem, comtudo, marcar differentes emigrações. Os Hunos, por exemplo, expulsos da China 93 annos antes de Christo, só invadiram a Europa no anno 376 da nossa éra, e assim como levaram para isso 469 annos, poderiam gastar para a America 499 annos.

Fousang ou *Fusang*, é o nome celestial que os Asiaticos dão a uma planta essencialmente americana, a *Agave* que os Mexicanos denominam *Metl*, os Equadorienses *Cabulla*, os Venezuelanos e Peruanos *Maguey*. Isto nos prova que as terras à que chegaram os filhos do Sol foram as da Ame-

(3) *Vues des Cordilléres et des monuments des peuples indigénes de l'Amerique*. T. I; pag. 31—39. *Examen critique de l'histoire et de la geogr. du Nouveau Continent*. T. II pag. 67.

rica. Carl Newman diz, baseado n'isso, que os Chinezes na 5.ª Centuria chegaram á America pelas ilhas Aleuticas.

Posto que a descripção que dê o historiador Chinez, da arvore do Fou-sang, pareça se referir antes á *Aleurites* ou *Dryandra*, da familia das Euphorbiaceas, comtudo ainda hoje a Agave (Amaryllidacea) é conhecida, em alguns lugares da Asia, pelo nome de Fou-sang.

No Congresso de Nancy, o sr. Lucien Adam, combatendo a questão, diz que não podiam os emigrantes ter achado cavallos em Fou-sang, como disse o mesmo historiador, porque estes não existiam na America, onde foram introduzidos pelos hespanhóes; todavia as novas descobertas dão razão á Li-yen. Na California tem sido achados não somente esqueletos humanos, tendo ao lado machados de pedra, como ossadas de cavallos, como os *Equus, excelsus, Cabalus* e *pacificus*; genero este representado por varias especies nas cavernas de Minas Geraes, e que foram descriptas pelo dr. Lund.

Não existiriam ainda ahi os cavallos no começo da nossa éra, e quando chegaram os portadores do amuleto nephritico ?

Estabelecidos os primeiros asiaticos, de Khotan, só com as subsequentes emigrações chegou o Budhismo á America. «Anciennement ces peuples ne vivaient pas conformement aux lois de Boudha, mais il arriva durant la seconde année de la *Grande Lumière de Song* (558 ap. Jesus Christ) que des moines mendiants vinrent au royaume de Kipin (Samarcande) dans ce pays où ils repandirent la religion de Boudha et avec elle les livres sacrés et les saintes images. Ils enseignèrent au peuple les régles de la vie monastique et changérent ainsi ses mœurs,»

Só cinco seculos depois da vulgarisação do Evangelho, a religião de Budha foi introduzida na America, segundo os estudos do eminente sinologo. (1)

---

(1) O Budhismo, segundo os modernos orientalistas, originou-se no começo do 6.º seculo, antes de Christo, isto é, á 2489 annos.

Não estabelecendo resumo, nem tratando aqui dos pontos de contacto que se tem encontrado entre os monumentos americanos e os asiaticos, que estão apontados hoje em muitas obras, por não o comportar este escripto, tratarei só do que possa ter relações e appoiar o monumento que me guia, o *muyrakytã*, que corrobora a influencia asiatica sobre a civilisação americana.

As crenças e as tradicções do Novo Continente, todas para esse lado se dirigem. Seja-me permittido apresentar mais dous pontos que justificam o quejá muito anteriormente disse e o que aqui exponho,

Nas ultimas descobertas feitas nos *Mound-Builders*, do Kentucky, tem sido descobertos grande numero de cachimbos, entre elles alguns representando, com propriedade e semelhança, *jaguares*, *tucanos*, *peixes-boi*, etc, animaes todos de uma região quente, como é a do Equador, havendo alguns como o tucano, que não existem sinão na America do Sul, sendo o ultimo quasi exclusivo do rio Amazonas.

O encontro da representação nos Mound-Builders, de animaes do Sul, só prova, ou que outr'ora esses animaes ahi existiram, o que não é provavel, ou que o povo tinha contacto com outros povos das margens do Amazonas, o que eu acredito.

Temos, ainda, mais uma peça que justifica a vinda do povo da Vinlandia ao Amazonas. O Rev. S. H. Peet (1) encontrou tambem um cachimbo com fórmas de elephante, que tambem prova o contacto com os asiaticos, ou que o elephante outr'ora existiu na America do Norte.

Estes achados veem confirmar a minha crença. No Amazonas encontrei em excavações varios cachimbos com essas fórmas, e que desprezei, suppondo industria moderna, posto que encontrada entre louça antiga.

Outro ponto,

Vimos a marcha traçada pelo historiador Li-yen e, quanto

---

(1) *American Antiquarian*. Mars. 1881.

a mim é exacta, porque concorda perfeitamente não só com a da nephrite, dos primeiros emigrantes, como com a direcção das correntes, e tambem com a distancia, pelo que devemos acreditar na expedição chinesa, que seguio a dos Votans.

Já examinamos a marcha da nephrite e das correntes, agora examinemos a distancia.

Li-yen dá 44000 lis para a distancia da travessia que fizeram entre a China e o Fou-Sang. Correspondendo 506 metros, no Equador, para cada *Li*, andaram 4.500 legoas marinhas de 20 ao gráo; marcha que podiam ter feito em 60 dias, sem perder a terra de vista, senão por algumas horas, se passaram por Alaska, porque diz o Coronel Leland, que explorou e levantou as costas de Behring, de 1853-56, que facilmente se faz a travessia, com terra á vista e assim podiam n'ella saltar para fazerem aguada e tomarem viveres.

Considerando, entretanto, que a distancia, entre dous meredianos, diminue quando se caminha para o Norte; que no Equador o gráo tem 60,93 milhas, emquanto que nos parallelos entre os quaes andaram, os de 40° a 55°, tem a de 39,58, as 44000 lis não representam mais do que 2900 legoas, pouco mais ou menos.

Entre a China e a America, do ponto de partida e o da chegada dos emigrantes, medeiam 120° ou 2400 legoas, em linha recta, o accrescimo pois de 500 legoas é exactamente o augmento que houve subindo do parallelo 30°, obliquamente, para o de 55° e depois descendo.

Eis pois a distancia e a direcção da marcha dada pelo historiador chinez, concordando com a marcha da nephrite, que não é hypothetica, porque todo o caminho é balisado por ella.

V

A raiz da arvore anthropogonica americana. Párô e tuna. Ainda os Karaibas. Os Karinys. Os muyrakytãs Mexicanos e Peruanos. Os Araukanos e as Ikamiabas

No primeiro capitulo, á pags. 14, apresentei a arvore genealogica das tribus americanas, cujos galhos se prendem ao tronco Maya e Nahua-Quiché, tendo por nó vital a palavra AP, do qual são raizes TUNA e PÁRÔ ou PÁRU, que se prendem a *Khotan*, chamada, tambem, *Yu-thian*, a terra da jade; no capitulo IV á pags. 43 mostrei o itinerario que seguiram as hordas, que d'esse districto partiram, seguindo caminhos oppostos; e agora, a traços largos, mostrarei que, si, pelo muyrakytã, achamos a origem de algumas tribus Amazonenses na Asia Central, pela lingua vamos ver, tambem, que os seus antepassados beberam as mesmas aguas, que são aquellas por onde rolam os seixos de nephrite.

Sabemos que desde o anno 207, antes da vinda do Redemptor ao mundo, até 454, depois do seu nascimento, do centro da Asia partiram numerosas hordas, que umas após outras, como vagas, se espalharam pelo sul da Europa, como foi a dos Hunos, (1) depois da queda do poder de Hiongnu, que devastando, conquistaram e conseguiram fixar-se ahi, vindo d'essas emigrações tartaricas os actuaes turcos, turcomanos, etc, etc, e a adulteração de alguns dialectos; sabemos que os Museus estão cheios de objectos, de nephrite, achados pelo sul da Europa, os quaes perfeitamente, para

(1) Os Hunos, que descendiam de sete familias, formavam um povo composto de hordas differentes, 108 segundo Hornio, que unido aos Mongolios e aos restos dos Alanos que venceu, espalhou-se pelo sul da Europa, devastando tudo como se fora um *flagelo de Deus*, na phrase de Attila.

mim, balisam a marcha de um povo que os conduzia; sabemos que foi da terra da jade (Yu-thian), como disse que partiram esses emigrantes, e, porque não seriam elles os portadores dos amuletos que encontramos hoje ? Penso que para a America, na mesma data, pouco mais ou menos, partiram tambem emigrantes, levados pelos mesmos motivos, que obrigaram os Hunos a irem para Europa, e que foram aquelles os portadores dos mesmos talismans, que, como marcos, estendem-se de Khotan, por Yunnan, até ao Amazonas.

Para mim é fóra de duvida que os (Karas-Tolans), que levaram para a Europa os vocabulos *Ap*, *Pârô* e *Tuna*, usados ainda hoje da Moldavia á Herzegovina,foram os que abriram pela China, a estrada das emigrações que conduziram os Muyrakytãs, ligados aos mesmos vocabulos, que ainda no Amazonas perduram.

Pelos Nahuas, Mayas e Quichès, passaram aos Karaibas, modificados como sóem modificar-se todos os vocabulos, quando não ha uma litteratura, e no meio de lutas, odios, dispersões e crusamentos.

Porque razão ha de se encontrar a jade, na Europa, manufacturada em amuletos, só por onde passaram aquelles que, ainda hoje, tem na sua lingua esses vocabulos e hade, na America, só se achar o muyrakytã nos lugares em que perdura a palavra *Kara* (1) (propria da Tartaria) e se vê nos seus dialectos os vocabulos *Ap*, *Pârô* e *Tuna*, com o mesmo significado ?

---

(1) Devo recordar que sempre emprego *Kara*, como nome generico que dou ao povo sahido da Asia, por não saber positivamente qual foi e qual d'elles hoje conserva as últimas reliquias da sua lingua. Como foi conquistador soberano, guerreiro, forte e poderoso, dei esse nome porque é o que exprime esses predicados entre os povos americanos. Lembro, tambem, que esse nome existia entre os Aryanos com a pronuncia *Kâru*, significando, segundo Max-Miller, «o que conta louvores aos Deuses, o que grita», da radical *Kar*, gritár, louvar, donde se deriva o vedico *kîre* poeta e *kirte* gloria. Os annos modificaram o sentido pelo que o *pregoeiro*, entre os Aryanos, passou a ser *senhor poderoso* entre os Turanianos. Entre os turcos conserva o sentido de *poderoso* e, ainda é titulo, igual ao que se dava aos reis do Peru. Tanto era *Kari* Manco Capac como o foi *Kara* Mustapha a *Kara* [illegible].

Plinio diz que *Kara*, foi o inventor dos agouros pelas aves, [illegible] Fre

Em um dos dialectos da patria do nephrite Ap significa *agua*, Párô, *rio*, e Tuna, *trovoada, chuva, agua em quantidade, rio;* na America, vemos *Ab*, *A* e *Atl*, significar *agua*, entre os Quichés, Mayas e Nahuas, que uzaram os chalchihuitls, de nephrite; *Tuna*, indicar *agua* e *rio*, nas tribus que usaram o muyrakytã, de nephrite, e, *Párô*, perpetuar-se com o significado de *rio*, em varios lugares, todos da região do muyrakytã.

Assim conheço o *Párô*, affluente do Apurimac; o *Pârô* ou *Paru*, affluente do Amazonas; o impropriamento chamado *lago Páru*, proximo ao rio Trombetas, o qual dá seu nome á *serra* e á *costa* da região onde mais muyrakytãs se tem encontrado.

E' verdade que *tuná*, de trovoada chuva, agua em quantidade, passou a ser indifferentemente rio, e agua, mas, ahi temos duas questões, ou é uma modificação phonetica do *Ap*, pela nasalisação e pelos affixos, como creio, pelos exemplos que tenho encontrado na pratica dos meus estudos, ou mesmo modificou, um pouco, o sentido, o que é natural e proprio mesmo nas linguas cultas e que têm litteratura. Para não citar exemplos, que por si o leitor fornecerá em todos as linguas, citarei apenas dous, entre muitos: *poracei* e *nheengara*. No Guarany do Sul a primeira palavra significa: *canto* e a segunda *interprete*, ou *fallador*, e no tupy, do Norte, que é o mesmo Guarany, significa, a primeira, *dansa* e a segunda *cantoria*. Se houve a mudança pela analogia, ou pelo élo

---

Gregorio Garcia, apoiado em Bocharto, affirma que essa radical, entre os Phenicios, quer dizer *cidade*. Se com effeito Kar, só tivesse este significado não veriamos empregado, para exprimir *rios*, *ilhas*, *desertos*, etc. Penso que *Kart*, é que significava cidade, e por isso vemos *Cartagena*, *Cartago*, *Carteia* etc. O contacto com os diversos povos, todavia, modificou-lhe muito o sentido, e é por isso que vemos tambem significar *vento*, representado por um gigante, como sempre os Barbaros, Germanos, personificaram as forças da natureza.

No Brazil soffreu modificação, tambem passou a ser o *habil*, o *destro*, o *manhoso*, o *lisongeiro*, o *astuto*, qualidades que se ligam ao emigrante, ao invasor, ao guerreiro, ao conquistador. ao forte, ao poderoso, ao sabio, que é o que verdadeiramente exprime o vocabulo—Kara. O lugar em que predominaram aquelles que tinham estas qualidades, perpetuaram o facto, e por isso vemos a palavra, distinguindo cidades, rios, ilhas e tribus, etc.

que prende a dansa ao canto, a mesma razão ha entre trovoada e rio ou agua, porque é aquella que fornece a agua que forma o rio. Assim como de *fallador* passou á *cantoria*, a trovoada e a chuva desfizeram-se em agua.

Este *Tona*, *Tuna* ou *Tunâ*, (1) com o correr dos annos e em meios differentes modificou o som e o sentido; assim o vemos na linha migratoria, estabellecida pela nephrite, apparecer com significados diversos, todos, porem, ligados a uma origem commum, com uma só idéa, que é o Firmamento e a radical A modificada pelos proprios suffixos.

Tuna exprime a idéa de brilho, esplendor, abundancia, subsistencia, e d'ahi vem significar *agua* e *rio*, na America do Sul, porque molham as terras que dão o alimento e a abundancia; *sol*, no Mexico, porque tudo illumina e vivifica; *lua* e *estrellas*, no Japão, porque as suas phases influem sobre a vegetação, que dá os fructos que alimentam os animaes, com os quaes o homem subsiste; *trovoada*, *chuva* e *agua em quantidade* (rio), no Turkestan, na Hungria e na Turquia da Europa, porque purifica com sua luz a terra e a athmosphera, acompanhada quasi sempre das chuvas, que formam os rios que regam o solo e o fertilisam, para produzir o alimento e a subsistencia.

É na Turquia Européa, que foi sempre um mixto de povos, de religião e de dialectos, consequencia de invasão, crusamentos e conquistas, que existe um dialecto proprio que se estende da Hungria, pela Hersegovina, Bosnia, Servia, Bulgaria, Valachia e Moldavia, (Illyria, Mesia e Dacia), comprehendido entre aquelles que, Max Müller diz: « les debris sont tout à fait insuffisants pour determiner à quelle famille de langues nous devons les rattacher», e, que possue os vocabulos *Ap*, *Párô* e *Tuna* que se encontram na America.

A propria Bulgaria foi conhecida por Tuna-*Vilayete*.

---

(1) Herrera, na Dec. III. lib. II. Cap. XI. traduz *Tonatlan* por lugar de Tuna, isto é, onde se encontram os fructos da Tuna. Tem este nome uma Cactacea, ne lindas flores vermelhas e de estames muito irritaveis, a *Opuntia tuna* de Miller; dada porem de commum tem os dous nomes a não ser a homophonia.

Emquanto os turcos, proprios, dizem *Riéka* (rio) e *Vhoda* (agua) e os Slavos *Rika* ou *Riga*, o povo illetrado, em alguns lugares, diz Párô, Ap e Tuna, (1) sendo para notar-se que, quasi todos os que fallam esse dialecto são christãos e se exprimem no mesclado *Roumain*, dialecto latino, levado para a Dacia, no tempo do romano Imperador Marcos Ulpio Trajano, no principio do segundo seculo (104-105) da nossa era, pelos escravos que tinham com o *honesta missio* obtido o *jus commercii* e *jus connubii*. Estas colonias romanas cruzaram-se com os barbaros e posteriormente uniram-se aos Hunos, que atravessaram o Danubio para protegel-as. Da protecção e da subsequente união commercial nasceu um novo dialecto, no qual, penso eu, ficaram perdurando esses vocabulos da lingua huna, que tambem se perpetuaram na America, como persiste foragido o Kara, da mesma origem.

Não posso deixar de apresentar uma circumstancia, que merece attenção. Os Hunos, como vimos, estavam divididos em 108 hordas, que se filiavam a 7 *familias ou linhagens*, tanto que, segundo Nicephoro, citado por Frei Gregorio Garcia, os seus monarchas tinham o titulo de *Rei de Sete Gentes*, e são estas sete familias que vemos apparecer na America representadas pelos Aztecas, que, como vimos a pag. 3, descendiam de outras tantas familias.

Alem do que prende a nephrite ás emigrações tartaras, ainda se nos offerece esta coincidencia, como dirão os que forem adversarios da emigração asiatica.

Alem da unidade de berço, isto é, considerarem-se os povos Hunos e Astecas, oriundos ambos de sete fontes, temos ainda outra consideração. Em 1881. o Sr. Le Metayer Masselin, (2) explorando, em França, as ruinas do templo de Mercurio-Canetus, destruido pelos exercitos de Attila, (451 depois de Christo) encontrou soterradas, sob o panno das muralhas do mesmo templo, ossadas de alta estatura,

---

(1) Este *tuna* não é o *tono* latino, como pensarão muitos.

(2) *Le Canadá pre-historique. Cong, des Amer. de Nancy*, II. pag. 270.

tendo ao lado as suas armas e *machadinhas de jade, iguaes em côr, forma e natureza*, ás que encontrára anteriormente no Canadá.

Este achado, não nos falla á razão? O amuleto, junto á ossada do seu portador, não nos prova que se atiraram tambem para a America outras hordas do mesmo povo conduzindo os amuletos de nephrite?

Tuna e *Párô* foram as raizes que, metonymicamente, originaram *Ap*, não que o exprimam as radicaes, mas porque d'ellas se originou a idéia que formou a palavra que tornou-se raiz. Pela trovoada, disse, desfizeram-se as nuvens em chuva, que ensopando a terra produzio o *rio* d'onde se tira a *agua*.

Cumpre notar que o povo que invadio a America, nos primeiros tempos da Christandade, para mim, trazia comsigo um mixto, uma amalgama de raças e de linguas, fructo de cruzamentos por dilatados annos e posteriormente o contacto com novos invasores produzio nova mescla.

Dominava uma raça mais numerosa, cuja lingua era de agglutinação, mas trazia, como enxertos, vocabulos de flexão e reminiscencias semiticas e aryanas, talvez mesmo do tempo que estiveram em contacto, posto que em lutas.(1)

Não dominou o Turaniano puro.

Esse povo, durante a longa marcha, vencendo e sendo vencido dividia-se, isolava-se e sem modellos e regras grammaticaes, com rapidez modificava a lingua; adoptando, por um lado, termos dos paes, por outro, os das mães; esquecendo-se e perdendo ainda outros; adulterando aqui e acolá o sentido d'elles e foi assim que posteriormente alguns appareceram, cujo significado se ignorando, conservaram-se e passaram muitos de substantivos communs, que eram, para proprios e d'ahi vieram: o *rio Rha, (2)* o *rio Párô*, o *rio Duna*,

---

(1) Segundo Max Muller, ainda hoje, na lingua turca existem numerosos vocabulos que são aryanos, persas e arabes, como a sua religião é semitica.

(2) *Rha*, em sanscripto é *rio*.

o *rio Tuna*, o *rio Riga*, como os hespanhoes fi-zeram o *rio Mayo*, (1) e os portuguezes o *rio Paraná*, (2).

Com o correr dos seculos e as grandes dispersões modificou-se completamente a lingua primitiva e d'ahi nasceram os centenares de dialectos americanos, filiados a diversos grupos; todos com vestigios de linguas Asiaticas, e que cada vez mais vão se modificando.

Affirmou-me um israelita nascido proximo do Monte Libano, na Palestina, que ainda o rio Duna é conhecido pelo nome de Nahar Tuna. Se bem que a Palestina não esteja na linha da nephrite, comtudo até ahi influiram os invasores da Europa e, naturalmente, não conhecendo os Arabes o significado de Tuna aceitaram a denominação e accrescentaram o *Nahar*, rio. Devo lembrar, que apezar disso, existe em arabe a palavra *tonna*, que indica um *grande vaso* de terra cota, que enterram, para servir de deposito *d'agua*. (3)

A falta de ar de familia nos dialectos Turanianos, diz Max Müller, forma um dos seus caracteres, tanto que, pelos constantes movimentos de dispersões, como se movem as areias dos desertos, *nuls lois, nuls chants, nuls recits ne survivaient á la geration qui les avait vus naitre. Les substantifs les plus indispensables que père, mêre, fille etc fils, se sont souvent perdus. (4)*

Offerece-se, entretanto, fazer ainda as duas seguintes considerações. Primeira: *Tuna* que no baixo povo da Turquia significa *trovoada, chuva, agua em abundancia* e *rio*, como vimos, penso que, outr'ora, significou tambem rio, porque os Hunos invadiram a Europa, subindo o Rha, hoje Volga, o primitivo *Rhabon* passou a chamar-se *Tuna* ou *Duna*, modificado hoje para *Duina* ou *Divina*. Este é conhecido ainda na Palestina, como disse, por *Nahar* (rio) *Tuna*.

---

(1) *Mayo*, em kechua significa *rio*.
(2) *Paraná*, em tupy tem a mesma significação acima.
(3) D'este *tonna* não se originaria o *tonel* portuguez ?
(4) Max Muller, Science du langage. 1876. pag. 851.

Segunda: sabemos, pela linha traçada pela historia, que os Alanos, depois de batidos pelos Hunos, a estes se uniram e foram para Panonia, hoje Hungria, passando pela Polonia, onde deixaram vestigios. Esses vestigios são as machadinhas de nephrite que se encontram na Polonia, e em Agram. Os d'aquella infeliz nação estão hoje no Museu de Moscow e os de Agram no Museu do mesmo nome.

A coincidencia de haver no mesmo territorio da antiga Panonia, entre os actuaes Magyares, ram o Huno, duas localidades nas *margens do rio* Danubio *(Dunáo)* com os nomes de *Duna* Foldvar e *Duna*-Vecse, nos vem mostrar, que sempre o vocabulo Duna andou ligado á nephrite, pelo que parece provar que o mesmo povo que se estendeu para Europa, era da mesma raça do que atravessou tambem para America.

Accresce ainda, ás duas considerações acima, mais esta circumstancia: Nas nascentes do *Don*, *Dun*, ou *Tun*, (rio) antigo *Tanais*, fica *Tula*. Dun é a radical de *Duna*, como Tanais parece ser *Dun*-ais ou *Tuna*-is. O actual rio Dun tem as suas nascentes no territorio que foi outr'ora dos Alanos, e communica-se com o Volga, por onde subiram os platicephalos filhos de Yuthian, os Hunos.

Coincidencias, parentesco forçado a martello, por um espirito illudido por uma ideia fixa, dirão, os que querem sugeitar tudo a um estalão e que não admittem modificações caprichosas e impossiveis n'um vocabulo com o correr dos seculos; mas, direi eu, porque só apparecem *Tula* e *Tuna* na linha da nephrite ?

Ap, *ab*, *atl*, *a*, que nos serve de radical, perpetuou se no Mexico e na America Central, porem *Pàrô* e *Tuna ficou* entre os ramusculos da grande arvore que se esgalhou *pelo* Novo Mundo, indicando os lugares por onde passaram os *que* traziam ao pescoço o precioso amuleto, que os Karaybas conservaram, como saudosa e ultima lembrança dos seus avoengos.

Os Galibys, (1) das Guyanas, conservam mais o termo

(1) Galibys é uma corruptella da *Karibe*, pela mudança do *k* para *g*, e do *r* para *l*, commum na pronuncia da Guyana franceza.

tuna ou *duna*, do que os Karaibas das Antilhas. Entre elles, parece, que chegou puro o termo e não pela modificação do *a*, *ya* como acontece entre outras tribus amazonenses.

Differentes, como disse, foram as hordas que desceram para o Amazonas, com laços asiaticos e americanos, mais estreitos de um lado e mais frouxos de outro.

Umas traziam já o vocabulo modificado, outras modificaram depois, e d'ahi o denominaram, *tuna*, ora, agua, ora, rio.

Pâru por *pârô*, ainda dizem os velhos tapuyos do baixo Amazonas, quando querem designar um rio em geral.

Este *pârô* conservou-se puro entre as tribus Karaibas, primitivas, porem, corrompeu-se modificando o sentido entre os Karinys e os Incas.

De pârô, rio, fizeram aquelles, *parâ*, significando *mar*, e estes *pára*, exprimindo *chuva* como os Russos deram a *Párom* a significação de *vau*. Os Karinys ou Tupys chamaram então os rios de *parentes do mar*, pará-anã, do qual originou-se o *paranã*, (rio) que já pronunciam *paraná*. Os Incas entretanto conservaram a modidicação do *Ap*, que pelos Quichés passou a *yá*,modificando-se posteriormente pelo suffixo *co*, que originou *yáco*, que significa ainda hoje *agua* e *rio*.

Os Galibys, que substituem o *r* pelo *l*, que os Karanys não têm, fizeram de paranã, *palanã*, significando ora, *mar*, ora, *rio*.

Sei, como muito bem diz Hovelacque, que: «deux mots dont le sens est presque le même dans deux langues différentes, dont le sens, si l'on veut, est absolument le même, peuvent n'avoir rien de commun» e, não apresentaria a confrontação dos vocabulos, por não poder demonstrar a identidade grammatical, se não fossem os factos ethnologicos que se prendem ao muyrakytã provarem que ha um encadeamento de circumstancias, que levam para o solo asiatico os portadores do mineralogico amuleto. Por si só a parte etymologica dos vocabulos, que neste trabalho, para diante apresento, que se ligam pela phonetica e pelo sen-

tido, nada significaria, se não fosse o cortejo que acompanha o muyrakytã e aqui apparece, como notas destacadas, no côro que o acclama producto de origem migratoria das terras d'onde sahiram os filhos do sol e das serpentes.

Vejamos porque digo que os Karaibas são os representantes das hordas partidas da Asia, que se fixaram na America e ahi se multiplicaram e se multidividiram.

Para mim foram os Karaibas esses Bukaras do novo mundo, segundo Balbi, os introductores do muyrakytã no Brazil, porque não consta que nenhuma tribu fosse vista, depois da descoberta da America, que fizesse uso delle. Sieur de la Borde nos confirma isso, quando diz: (1) «Ils portent aussi des colliers, mais de gros grains de cristal et de *pierres-vertes* qui viennent de terre ferme, vers la riviére des Amazones, et qui ont la vertu de guérir du haut mal, c'est leur plus precieux bijoux.» Entre elles a mesma superstição asiatica, o mesmo talisman e com o mesmo preço.

Segundo M. Ballet, os Karaibas esculpiam grosseiras estatuetas em jade, que eram, para elles, os *Deuses Lares*. (2)

Confirma a noticia de Sieur de la Borde a magnifica collecção feita em Porto Rico (3). pelo Sr. George Latimer, em 1828, de muitos especimens de machados, fragmentos de louça, collares e outros objectos de uso Karaiba, em tempos prehistoricos, entre os quaes alguns muyrakytãs antropomorphos de jadeïte. A mesma louça comparada com que achei na *Tauakuera das Amazonas* (4) é tão semelhante que se confunde.

Os Karaibas não se prendem aos Nahuas e a Yuthian só pelo muyrakytã, é o uso da platicephalia que tambem con-

---

(1) *Voyage qui contient une relation exacte de l'origine, moeurs, costumes, religion, guerres et voyages des Caraibes sauvages des iles Antilles*, par Sieur de la Borde. Leyde. Van der. Aa. 1704.

(2) *Congrés de Nancy*. I pag. 411.

(3) *The Latimer collection of antiquities from Porto Rico* by Ottis Mason. Annual report of the Board of regents of the Stmiths onian Institution. 1877. pag 172.

(4) Dei esta denominação ao lugar onde encontrei, na Costa do Paru, (provincia do Pará) os vestigios das celebres Amazonas. Vide o meu Relatorio do Yamundá.

firma a sua filiação á Asia. Eram *akambeuas*, como foram os Hunos, os Chans, os Aymaras e os Omauas.

Sieur Navarre (1) diz: «Une fingularité particulière aux Caraïbes, c'eft qu'ils ont tous le front extrêmement plat de manière qu'ils peuvent voir perpendiculairement au-deffus de leur tête; cette forme ne leur eft pas naturelle, ils la procurent aux enfants nouveaux-nés en appliquant fur leur front une planche fortement liée.»

Foram, pois, os Karaibas, que desceram pelo Oceano, os que levaram ao Baixo Amazonas, os Muyrakytãs, e foram elles, sob a denominação de Ikamiabas, que os espalharam pelos Tapayós.

É fora de duvida, e ahi está a tradicção oral para o confirmar, que os verdadeiros Karaibas, nos primeiros tempos da sua invasão, estendiam o seu poderío, do golpho de Darien ao Amazonas, com guardas avançadas até o Rio Negro, (2) porem, a sua influencia moral caminhou até ao Paraguay, pelo meio de uma grande nação, guerreira e poderosa, que fugiu para o Sul, assenhoreando-se do littoral o levando ante si, por sua vez, as hordas que encontrava.

Ante as vagas Karaibas, que pelo Oceano desciam do Norte, conduzindo as mulheres portadoras do Muyrakytã, as tribus Tupys desciam para o Sul levando, tambem, ante si as tribus desconhecidas que encontravam, que abandonando, não sem resistencia, o littoral, se entranhavam pelas serras em busca de refugio. Estas tribus, que fallavam dialectos differentes, foram, segundo os historiadores, denominadas *Tapiyas* ou *Tapuyas* e *Nheengaibas*.

Na disputa da posse do terreno, que anteriormente tambem tinham conquistado os Tupys, uns se dispersavam e se subdvidiam marchando para o extremo sul, outros galhardamente unidos ou destacados sustentavam as suas po-

---

(1) *Amusémens géographiqnes et historiques* ou *les memoires de M···*, Seconde partie. Paris. 1788. pag. 175.

(2) Reville, *Religions des peuples non civilisés*, 1, pag. 331.

sições e levavam mesmo de vencida, para o Norte, os temiveis Karaibas.

Depois de consumidos muitos annos em lutas, ora n'um ora n'outro campo inimigo, afinal veio, em alguns pontos, a paz, e com ella o afrouxamento dos odios. Appareceram então as uniões, a mistura de sangue e novas dispersões, com costumes e usos modificados, que constituiram novas hordas, vindo o seu isolamento depois acabar por completar a mescla dos dialectos, degeneral-os e trazer a sua decadencia.

Assim appareceu e se estendeu a grande nação encontrada pela descoberta da America; distribuida por tribus que se estendiam das Antilhas ao Paraguay, fallando dialectos, todos eivados de Abanheenga ou Nheengatu, que puro era então fallado, apenas, pelas hordas Tupys. Esses dialectos eram o Karaiba, o Omaua, e o Tupy,. Posteriormente, depois da conquista dos *Kariuas portuguezes e hespanhoes* se modificou pela phonetica essa lingua geral e d'ella originaram-se o Nheengatu, o Tupy austral, o Guarany e o Omagua de hoje.

Posto que a tribu dos Omauas, Karas descidos de Nova Granada, se estabelecesse no Alto Amazonas, comtudo posteriormente o seu dialecto foi tambem modificado pelo contacto com os Karaibas tupynambaranas, que na luta com os do littoral, se refugiaram no Amazonas, vindo mais tarde, depois da conquista hespanhola, ainda mais se modificar passando então a ser conhecido por Omagua.

Um dos grupos que subiram o Amazonas, constituio o das Ikamiabas, e o outro, o maior, formou o grande reino dos Aroakys, *Arrowaks*, dos inglezes, que depois subiram para as Guyanas.

No Norte, como que, por vezes, parece que os Tupys e os Karaibas, propriamente ditos, constituem uma só nação cujo berço é commum, tal foi o effeito do contacto, da fusão e da influencia das linguas, mas, assim não é. Das lutas resultou dividirem-se os Karaibas, que se eram mui valen-

tes, crueis e oppressores, em numero eram inferiores aos Tupys e d'ahi surgiram os corpos que marchavam com destinos diversos, fixando-se um nas Antilhas, donde antes tinha descido; outro nas Guyanas, as quaes foram invadidas pelo Orenoco, e outro no Amazonas e seus affiuentes.

As duas nações a dos Karas e a dos Tupys, a principio, como disse, não se alliaram, repelliram-se sempre, mas fazendo ellas, de parte a parte, innumeros prisioneiros de ambos os sexos, em diversas epocas e por espaço de muitos annos, levaram, por esta forma, para os lados contrarios sangue, lingua, crenças e costumes que se immiscuiram no seu viver, exceptuando-se apenas a parte religiosa, que se conservou mais ou menos intacta em cada uma das nações.

Aos conquistados impunham os conquistadores as sua leis e seus costumes e d'elles recebiam a sua lingua e als guns usos.

Razão tinha o Dr. Baptista Caetano quando disse: «O Karaiba não é, nem póde ser a lingua matriz. Mediante algum estudo que d'elle tenho feito, ella se me apresenta como uma *mistura extraordinaria de muitos dialectos de varias procedencias;* é uma verdadeira giria amalgamada de diversos dialectos».

A tribu conquistadora devia impôr a sua lingua e não receber a dos conquistados, porem isso se não deu, pelo numero e por não se terem fixado, apenas houve a modificação operada no theatro das lutas, entre aquelles que n'ellas se empenharam. Os que estavam nos centros conservarem puras as linguas, porem as hordas que partiam cançados das guerras, victoriosas ou vencidas, unidas ou dispersas levavam a lingua modificada, e assim chegavam aos seus centros ou se isolavam.

Foi o que se deu com a guerra entre o Brazil e o Paraguay. Ao voltar para suas provincias victoriosos os soldados brazileiros, na maioria fallavam hespanhol e muitos

rayu ou *Karayó*, *Kariyu* ou *Kariyó*; (1) *Karapona* ou *Karipuna*, (2) *Karayá*, (3) *Kariri*, (4) etc.

Tanto os Tupynambás, (Karinys) distinguiam o estrangeiro invasor, forte, poderoso e senhor, com o nome de *kara* que, quando em 1510 aportou Diogo Alvares, á Bahia, depois do seu naufragio, vendo uma ave

«Dá-lhe um tiro e derruba-a com a espingarda

pelo que

---

(1) *Karayu*, que os hespanhoes fizeram *Guarayos*, o *conquistador* ou o *poderoso amarello*, appellido dado pelos Tupys á horda que pela sua cor, se distinguia dos communs. Com effeito, segundo d'Orbigny, «leur couleur jaunâtre est celle de la nation.» Esses Karayós estenderam-se pela Bolivia e por Goyaz e passando para o su foram de S. Vicente até o Rio da Prata, com o nome do *Karijós*. Formavam posteriormente a tribu dos *pagés* ou feiticeiros: «os mais famosos que ha entre todas as mais nações do Brazil», na phrase de Simões de Vasconcellos. Passando por feiticeiros, tiveram tambem o proprio nome de *Karaibas*, como nos refere Humboldt e o Dr. Gonçalves Dias, no seu *Brasil e Oceania*.

O Padre Jarricus, segundo Warden, diz que os Kariyós, estavam a 80 leguas ao Sul de S. Vicente e o Padre Maffeus (libr. XVI, pag. 481) refere o seguinte: *Carigii et Ibiragiarrii populi americæ interioris, docilis, mitisque naturam christianae religionis praestantiam hostantibus, qui ad Paraguajum amnem (is ex argenteo defluit) sedes habebant, ne dubitavere Carigii amplius ducenti, aliquot Hispanis odmissis, audiendi evangelii, ac baptismi petendi causa Brasilium versus a 600 passuum nullibus iter periculosum ignotumque capessere.*

A estes indios já hoje denominam *Caraús* e *Carahós*.

(2) *Karapona*, antes *Kari-pyna*, *o senhor listado*. O y guttural deu a pronuncia de *pona* e depois de *puna*. O primitivo nome dos Karipynas era Iaunauó, porem os Tupys para distinguil-os deram-lhe esse appellido. O antigo Karipyna, como o Karaiba das Antilhas, «se bariolait aussi le corps de raies noires», segundo diz Mr. Ballet, em uma communicação ao Congresso de Nancy.

(3) *Karayá*, o que se appellida, o chamado, o que tem nome de Kara. Os Karayas são verdadeiros Karaibas.

(4) *Kariri*, que indifferentemente escrevem *Kairiri*, *Kiriri*, *Cairiri* e *Kariri*, não é mais do que uma corruptella de *Kari-rei*, o conquistador atóa, que não presta, que não é guerreiro; o que concorda com a opinião de Martius, que diz no seu *Beitrage zur etnographie* que os Kariris eram *falsos, velhacos e não guerreiros*, por conseguinte *gente atôa*, porque para o tupy, o que não era valente e guerreiro não prestava. Martius traduz Kariri por *triste* e o Dr. Baptista Caetano por *pacifico, medroso*. Tanto o Kariri era um Karaiba que não prestava, que no dizer do mesmo guarinologo, a sua lingua «não é rigorosamente um dialetto tupi mas foi muito influenciado pela lingua geral». Esta tribu batida pelos Tupys, foi uma das que procuraram as serras e o centro do Brazil, tanto que occupavam o Rio S. Francisco e as serras que ainda hoje conservam os nomes de Kariris, proprios, Kariris velhos e Kariris novos.

Qual do horrido *trovão* com *raio* e *estalo*
Algum junto á quem cahe fica aturdido:
Tal Gupeva ficou, crendo formada
No arcabuz do Diogo uma trovoada (1)

Toda em terra prostrada exclama e grita
A tuba rude em misero desmaio
E faz o horror, que estupida repita
Tupá, Caramurù, temendo um raio.»

Tupã kara mburu !

ou

Tupã kara mborô !

foi a grita, que a má audição adulterou para: Tupá, caramuru !

O invasor faz vir ou attrahe o raio !

ou,

O estrangeiro faz estrondar o raio !

e não:

Raio, faz estrondar o poderoso !

natural e forçosamente foi a grita de espanto dos selvagens, crentes que o ingrato amante de Moema tinha o poder de chamar o raio.

Jaboatão (2) e Rocha Pitta (3) traduziram Caramurú por *Dragão do mar* e o primeiro tambem por *Moreia;* o Sr. Visconde de Porto Seguro (4) por *Enguia electrica;* Gabriel Soares, (5) e Claudio d'Abbeville (6) por *Enguias*, e Southey,

---

(1) Santa Rita Durão. Caramuru, Canto II, XLIV e XLV.
(2) *Novo orbe serafico brasilico*, I· pag. 41 § 32.
(3) *Hist. da Amer., Port.* Pag. 30 § 97
(4) *Hist. do Bras.* I. pag 245 e *Rev. do Inst. Hist*, X pag. 137
(5) *Tratado descriptivo do Bras. Rev. do Inst. Hist. Bras.* XIV pag. 286.
(6) *Hist. de la mis. des Pères Capucins*, Paris, 1645. pag. 245.

(1) Warden (2) e Constancio (3) por *Homem de fogo,* todos porém, sem critica, perpetuando a phrase errada.

Os indios, que só applicam nomes muito expressivos, e que caracterisam bem as coisas, se chamassem a Diogo Alvares, de dragão do mar, por ter sahido d'este, diriam *Pará mboia uaçu*, e se o appellidassem de homem de fogo, pelo facto do tiro, diriam *Tatá apgaua* ou *tatá abá* porém nunca o chamariam de *enguia;* salvo, se elle era muito alto, magro, molle, escuro, escorregadio e gosmento !...

Onde, na palavra karamuru, se vê *mar*, *dragão*, *homem*, *fogo* e *enguia*, ou *peixe electrico,* (Purakê) ?

Como os *Lepidosirens* são appellidados pelos indios *pirá kaa mborô* (4) (o peixe que ronca nas hervas) ou sim, plesmente *kaamuru*, que os civilisados mettem o *r*, euphonico, e dizem erradamente *caramuru* e até *caramuri*, identificaram, pela homophonia, o homem com o peixe.

Tanto Karamuru tem a traducção que dou, que o Padre Simão de Vasconcellos diz : «que a vista do *estrondo*...do fogo que *luzio*...que *feria e matava*, deram-lhe o nome de homem de fogo.» Vasconcellos na narração que dà, sem querer, traduzio a phrase, tomada por nome proprio e n'ella vemos o raio e o estrondo.

Como melhor exprimiria o selvagem a sua admiração vendo ante si um estrangeiro, fazendo prodigios, e *conquistando* a terra (Kara), senão dizendo que elle *attrahia* (mburu) o *raio* (tupã) ?

O *b* no Guarany sempre soa *mb* e d'ahi vem dizer-se *muru* e *buru* segundo a audição ou a pronuncia mais ou menos carregada no *m* ou no *b*.

Vê-se, pois, a grande influencia do poder dos emigrantes Karaibas, que levava o Tupynambá a denominar Kara a

---

(1) *Hist. do Bras.* I, pag. 57,

( ) *Hist. de l'Emp. du Bresil*, I. pag. 253:

(3) *Hist. du Brésil*, I. pag. 109.

(4) Estes peixes quando sahem dos riachos a pascigar, roncam de uma forma especial, que os indios exprimem pelo verbo estrondar, ou onomatopaicamente dizem: *trintrintin* ....

todos áquelles que aportavam depois ás suas plagas, e d'ahi nasceu appellidarem a todos os estrangeiros de karas, e ficarem os mesmos Tupynambás, bem distinctos dos que o não eram.

A nephrite distingue bem as duas nações. A do Norte ou a dos *K*aras, invasores, relativamente mais modernos, uzava o *muyrakytã* e era idolatra, emquanto que a do Sul que não era Kara, (Karany) e que se achava jà de posse do paiz, não o conhecia.

Aquelles levavam os seus assaltos para o Sul, mas repellidos pelos numerosos Karanys eram perseguidos na retirada e batidos pelas vinganças até o extremo Norte, assim passando e repassando o equador, em varias epocas, vindo afinal no valle do Amazonas alguns grupos a se fundirem depois da paz, pelo que se vê o influxo tupynambá desde as Antilhas até á Bolivia.

Perpetuou-se assim no Norte o nome Karaiba, no litoral o de Tupy, no Sul o de Karany, e no centro o de Tapiya, que indica ainda uma terceira nação, que não creio que seja autochtona.

É ainda o Muyrakytã o que separa as duas nações, vindo o vocabulo *agua* comprovar e certificar a differença.

As diversas tribus destacadas da nação Karaiba tem as expressões *tuna, unà unè uene, uni, uny, eny*, etc. para exprimir esse liquido, em quanto que as da nação Karany só tem o *y* ou *ig* e seus derivados e as Tapiyas cada uma d'ellas apresenta um vocabulo que se não liga nem á uma nem á outra das nações.

A fama terrivel do poder e da malvadez dos conquistadores, querendo dominar e assenhorear-se das terras e de seus habitantes, chegou ao Sul e vice-versa, a da bravura e dos brios dos que não eram invasores, então, mas que souberam defender as terras de que já se tinham appossado, espalhou-se por todo o valle do Amazonas.

D'ahi vem o nome de *Karay-guaçu*, dado aos despotas que tem governado a republica do Paraguay, que é o mesmo que dão ao Sultão da Turquia, isto é *Grão-Senhor*.

Os Karanys temiam os Karaibas, porem ambos se orgulhavam de possuir um appellido que os faziam conhecidos e que perpetuaram se até hoje, revestidos das circumstancias que os originaram, como nota o observador que estuda a questão no meio em que ambos viveram e no scenario em que as lutas se deram.

Os Karaibas usavam o *muyrakytã* e os Karanys o *tembetà;* aquelles por crença, estes por vaidade. Só depois das pacificações foram vistos tembetás entre os Karaibas, usados por Karanys, que os levaram para as Antilhas.

Hoje os muyrakytãs não se encontram senão no lago Çapukuá no rio Yamundá (1) na costa do Paru, na foz do rio Trombetas. em Obidos e no lago Verde de Alter do Chão, no Tapayós, onde La Condamine diz *que os indios mostravam muitos*. Todos os que possuo, os que vi e não pude obter, todos tem essa procedencia.

Hoje algum, raro, que existe, em outras localidades, trazido ao pescoço como talisman, não tem outra origem.

No Peru descobrem-se alguns em Cajamarca.

Tive occasião de ver em Obidos um pedaço de nephrite, bruto, lascado, com a forma circular, como o de uma grande pastilha, tendo $0^m,12$ de diametro, sobre $0^m,01$ de espessura que foi achado enterrado nas proximidades da Costa do Paru. Externamente estava decomposta a rocha e apresentava uma cor branca, emquanto que dentro era de um bello verde. Apresentava o que os francezes denominam *patine*. Procurando obtel-o, com empenho, fizeram-o desapparecer.

Uma tribu existe ainda hoje, cujos antepassados, parecem-me, foram os que tiveram contacto com os primltivos

---

(1) Mais tarde mostrarei que este nome é Asiatico e parece nos mostrar filiar-se ao *Khrisna-Avatara*.

karaibas e que são conkecidos na historia pela denominação de tribu das Amazonas.

Tanto as Amazonas, ou Ikamiabas eram Karaibas, de invasão relativamente moderna, que na região, por ellas habitada, ficou o nome *Kurumu*, perpetuado em uma serra e em um lago, proximo a foz do Rio Trombetas. Kurumu é palavra karaiba que significa *a estrella das aguas*, o *Deus dos mares*.

Depois de haver publicado o meu relatorio sobre o rio Yamundá, no qual digo (pags. 59) que as Ikamiabas eram os actuaes Uaupés, eis o que escrevi na *Revista Antropologica do Rio deJaneiro*, á pags. 96, e reproduzio o *Brazil Illustrado*, á pag. 29 :

«Para mim a tribu dos Uaupés é a celebre conhecida na historia pela das Amazonas, encontrada por Francisco Orellana. A tradição que existe entre os Uaupés, hoje habitantes do Alto Rio Negro, de que outr'ora habitaram as margens do Amazonas, que deixaram obrigados por uma grande inundação, concorda com o logar que descobri na costa do Paru entre os rios Yamundá e Trombetas, que denominei *Tauakuera das Amazonas*, porque ahi, segundo a historia, Orellana viu as Amazonas.

Esta *tauakuera* só apparece quando ha grandes vasantes. É uma ilha ou penisula, devorada pelas aguas do Amazonas, onde ainda se encontram os vestigios de aldêa pelos innumeros fragmentos de louça, machados de pedra, etc,

Se a historia e a tradição não falham, ahi foi a aldêa das Amazonas, porque lá encontrei os *muyrakytãs* e fragmentos da rocha de que são feitos, assim como tambem ahi foi achado o *Idolo amazonico*.

As Amazonas usavam a *pedra verde*. Entre os vestigios de povoação ha provas de que sua população usava aquella pedra. Entre os muyrakytãs de jade encontram-se tambem os de quartzo iguaes aos que ainda hoje usam os Uaupés, como signal de distincção; por conseguinte a tribu que emigrou, que usa o muyrakytã ainda hoje, é a preten-

dida das Amazonas, que se dirigiu para o Rio Negro, o que concorda com a sua marcha dada pela historia. Ainda uma prova de que os Uaupés são as antigas Amazonas é a seguinte:

Alem de conduzirem as mulheres aos combates, os homens têm um aspecto afeminado, o que, unido ao uso de trazerem os cabellos divididos na frente e depois trançados, dà-lhes a feição de mulheres.

Um moço vestido será tomado pelo mais atilado por uma mulher, tal é o aspecto que lhe dá o uso do penteado. E' a unica tribu que utilisa-se do pente. para prender as tranças.» (1)

Eis a tradicção Uaupé.

Outr'ora a tribu habitava as margens de um lago encantado, onde morava a *Mãi do muyrakytã*, e que esta lhes ensinara a fazer os seus, mas tomando ella um dia a fórma de um animal, sahiu para os montes proximos, onde um indio a matou.

Esta morte produziu uma revolução nas aguas do rio, que se communicava com o lago, e, sobrevindo uma grande inundação, foram obrigados a fugir e procurar outro logar onde as enchentes não chegassem. Procuraram as cabeceiras do *Rio Ukayary*, hoje Rio Uaupés.»

Adiante, em capitulo especial, provarei como as pretendidas Amazonas, são os indios denominados Uaupés, e como estes mostram ser Karaibas, descendentes dos Nahuas, tendo seu principio na patria do genero humano.

O rio e o lago da tradicção são o Amazonas e o *Paru*.

O encontro no Rio Tapayós, dos *polidores*, nas rochas das cachoeiras, banhadas por pouca agua, os estilhaços, fragmentos de diorito, e machados lascados, que tambem encontrei em quantidade bastante, na margem, sob a floresta e a poucos passos das pedras sulcadas, foi para mim,

(1) Este artigo foi traduzido em francez e reproduzido no *Messager du Brésil* e na *Opinion*, de Paris, de 7 de Novembro de 1882.

que ha muito estudava, procurando achar o meio que empregavam para conseguir um machado cortante, perfurado e polido, o facho que illuminou meu estudo. Cuidadosamente estudando a disposição dos sulcos, cheguei a encontrar o processo que apresento, não só para o fabrico dos machados de diorito, como para o dos muyrakytãs.

Hoje vejo que os meus estudos não me enganaram, porque recebendo eu a obra já citada, *Sobre a origem da pedra das Amazonas*, publicada pelo Dr. Fischer em 1881 onde elle analysa os meus estudos sobre as Amazonaseo, Muyrakytã, citados tambem pelo marquez de Nadaillac(1), ahi vem representados quatro *chalchihuitls* ou Muyrakytãs, do Mexico, para confirmar a minha opinião sobre esse processo.

Representam elles quatro figuras distinctas e assentadas, na attitude de preparar outros tantos muyrakytãs, que elles mesmo figuram. A primeira está desbastando a rocha bruta e tirando lascas; a segunda tem entre as mãos, abertas e unidas pelas palmas, um pontalete que faz girar sobre uma pequena rocha; a terceira com a mão esquerda segura um pontalete cuja extremidade repousa sobre outra pequena rocha, e com a direita lança sobre o furo já começado uma porção d'agua, e a quarta, segurando com a mão esquerda uma especie de cartucho com areia, lança com a direita a mesma sobre o furo, fazendo-a descer por sobre o pontalete.

Se eu quizesse figurar o meu processo, não o faria melhor do que representam esses coevos da civilisação Asiatica que vieram perfeitamente provar praticamenre o meu processo.

Não se encontram vestigios do Muyrakytã pelo Solimões acima, mas encontramol-o em Cajamarca, onde serve de fuso e passa como reliquia, de familia em familia. Elle ahi foi parar por outra emigração que não subiu o Tungu-

(1) *L'Amerique prehistorique*, pag. 475-476.

ragua. Liga-se mais ao trimurti dos Incas e aos *quipos*. *Con*, *Pachamac* e *Huiracocha*, não são mais do que *Brahma*, *Vishnu* e *Siva*, assim como os *quipos* são : «as cordas com nós para dar ordens de que se serviam os homens da antiguidade, que depois foram substituidos por signaes e figuras», como nos diz Confucio, em um dos seus escriptos (2). Se os Muyrakytã e os *quipos* ligam os Peruanos á Asia, tambem a *chicha* e a platicephalia os liga ao Mexico e á America Central.

Com a mesma orthographia e com o mesmo significado existe a palavra *chicha* de tempos immemoriaes em ambas as republicas; no Mexico é feita de ananaz, emquanto que no Perú o é de milho. Em ambos os paizes è bebida nacional.

Existem dois Muyrakytãs no Museu Nacional do Rio de Janeiro, onde jaziam esquecidos ha mais de quarenta annos, para onde foram remettidos com a nota de instrumentos musicaes dos antigos Araucanos, do Chile. São verdadeiros muyrakytãs, com fórmas semelhantes ás do que achou o Dr. Martius, no Amazonas, e que existe hoje no Museu Ethnographico de Berlim.

Estendendo mais a zona do muyrakytã, vem ainda nos mostrar a sua origem asiatica, onde a jade é tambem empregada para certos instrumentos musicaes, como nos diz Delafosse, no seu *Nouveau Cours de Minéralogie* : «la jade verte est au nombre des pierres sonores dont les Chinois forment des instruments de musique.»

A estes muyrakytãs tithophonos dão os Chinezes o nome de *King*.

Os Araucanos, esse typo da independencia e do valor, são os Karaibas dos Andes. Esta tribu, segundo a noticia de varios escriptores viajantes, que attravessaram a Araucania, tem muitos pontos de contacto com os povos Asiaticos e com os Normandos, e isso nos vem mais confirmar o Muyrakytã usado outr'ora por ella.

(1) Saffrag. *Nature*, 1876. L. II. pag. 405.

A sua theogonia é simples. Uma trindade governa o universo sob o nome de *Pilan*; o genio do bem, o genio do mal e o genio da guerra, chamam-se, então, *Meulen*, *Wancubu* e *Epunamum*. Admittem a immortalidade da alma e a sua transmigração, pelo que não se enterra um morto sem as suas armas e as provisões de bocca, para a vida d'alem tumulo.

Não será essa religião uma reminiscencia de Vishnu?

Miers (1) que viajou entre elles, nos diz ainda que as formas de suas casas, seu genero de vida, a natureza de suas emprezas, suas armas, faz com que se approximem muito dos povos que percorrem os steppes do norte da Asia.

A sua religião, os seus costumes e o uso de um instrumento de nephrite, parece que tudo nos quer mostrar reminiscencias de descendencia ou de contacto por longos annos com um povo Asiatico, se d'elle não descende.

Disse que os Karaibas participam do contacto asiatico e normando; o mesmo acontece com os Araucanos. Um uso commum entre elles é o conhecido entre os Scandinavos por *fraternidade de armas*, união semelhante á dos antigos gregos o *Hetaeria*. O *Lacu* dos Araucanos une dous homens *à la vie et á la mort*, torna-os amigos inseparaveis, dispondo-se um a morrer pelo outro se fôr preciso, participando ambos todos os prazeres, todas as dôres e todos os perigos que um ou outro soffra.

Na America do Sul foi, pois, a jade (nephrite) empregada como amuleto, como instrumento sagrado, e com as mesmas virtudes supersticiosas. Elle tem a mesma côr, a mesma densidade, offerece nos amuletos as mesmas formas e parece ter partido das mesmas jazidas do Turkestan, haverá então em tudo isso um jogo do acaso?... As conside-

---

(1) *Travels in Chile and la Plata*, London, 1826.

rações que até aqui tenho feito, não baseam-se em estudos hypotheticos, e sim n'um objecto palpavel, cuja natureza nos mostra claramente a sua origem.

Mais uma prova de que o muyrakytã foi importado da Asia, tenho no costume hodierno do Amazonas; o do *resguardo* ou *couvade*, dos francezes.

Do resguardo já tratei (1), por isso pouco accrescentarei. E' sabido que os indios do Brazil, como muitos povos antigos, teem por costume sempre que as mulheres dão à luz recolherem-se os pais á rede, indo ellas para o trabalho.

Será este costume, no Amazonas, um facto natural, por ter sido a dezoito seculos observado em varios povos ? Creio que não; porque entre os povos que se observa a *couvade*, todos tiveram contacto, mais ou menos immediato, com tribus do Imperio Celeste.

O muyrakytã vem tambem de Yunnan, e foi ahi que Marco Paolo, no seculo XIII, vio este costume, que todos os autores dizem ser chinez.

Será uma coincidencia; mas o que é exacto é que os que usaram e usam hoje o muyrakytã, tiveram e tem o costume do *resguardo*.

Ainda mais, a tribu de Yunnan, que tinha esse costume, era a dos *Miau-tze*, ou *filhos do sol* e as lendas dizem que os Uaupés são tambem *filhos do sol*, e isso concorda perfeitamente com a tradicção da serra do Arochi, em Monte-Alegre, que uma inscripção perpetúa. Torna-se mais frisante o facto pela palavra Arochi, que, em sanscrito, é *Sol*, ser a que hoje ainda denomina a serra, em que habitavam as Amazonas, segundo a lenda de Paytunaré, que pela tradicção e a historia usavam o muyrakytã.

Em resumo, o Muyrakytã tem origem asiatica, e foi introduzido no Brazil, por emigrações e por intermedio do povo que tomou depois o nome de *Karaiba*, no mar, de

(1) *Pacificação dos Crichanás*, Rio de Janeiro, 1883. pag. 157.

Galiby, nas Guyanas, de *Amazonas*, no Rio Amazonas, de *Muiscas*, em Nova Granada, de *Araucano*, em Atacama *Aymara* e *Inca*, no Peru.

A idéa da introducção, na Europa, da nephrite já tem sido combatida por alguns archeologos, que suppõem que outr'ora deveriam existir ahi jazidas d'esse mineral, esgotadas p los primeiros habitantes ou soterradas por alluviões modernas; mas a circumstancia de não se achar n'esse continente um só vestigio, apêzar das maiores pesquizas, junta a outra *de não estarem reunidos os objectos achados em um certo espaço*, que mostraria haver perto uma jazida, sim *dissiminados, seguindo uma linha que termina na Asia*, parece mostrar que razão ha a favor dos Asiaticos. Na America dá-se o mesmo facto.

Pelo que expuz, quero crer, que não só a nephrite como a jadeite têm no Brazil, como na America do Norte a sua origem entre os filhos do Hinduismo. Desde 1872 assim penso, pois que já então eu dava o Oriente, não querendo, por cautella, frisar qual a parte da Asia que em épocas prehistoricas lançou sobre o novo continente seus povos. Se, porventura, estudos ulteriores ou provas mais convincentes destruirem o que actualmente o Muyrakytã me affirma, serei o primeiro a curvar me, porque devemos sempre — *Veritate aductum aliquid operari.*

Tratada esta questão, como já foi no Congresso de Nancy, parecerá ser uma *chinoiserie*, entrar aindâ n'ella; mas tendo eu por fim vulgarisar as antiguidades que encontro no Amazonas, não faço mais do que mostrar a analogia que descubro na civilisação que ellas denotam, com a Asiatica e com a Normanda. Levantei o *Muyrakytã*, porque parece ser elle a unica prova palpavel que se póde encontrar para confirmar que entre a America e a Asia houve por muitos seculos laços de união.

Termino fazendo minhas as palavras do Sr. C. Shoebel:

«Tous ce qu'il nous est permis d'assurer d'une manière générale, et c la parce qu'il y a une preuve géologique bien constatée, c'est que l'élement asiatique c'est fait place dans les origines américaines. En effect, beaucoup d'idoles ornamentées qu'on a trouvées dans le Mexique et dans l'Amerique Centrale sont faites d'une roche inconnue au sol americain. Or ce te roche ou pierre qui est la néphrite, celle précisament qui est une varieté du jade chinois, n'est à l'état géologique que dans la haute Asie orientale e septentrionale. Les idoles americaines qu'on trouve faites de néphrite indiquaient donc la provenance asiatique du peuple américan qui les posséde, tout comme les idoles de la femme de Jacob indiquaient l'origine araméenne de la belle et rusée Rachel. L'histoire est est lá pour nous dire que les peuples importent dans leurs migrations les choses sacrées du sol qui fuit leur berceau, et qu'ils laissent volontiers á la terra dont ils vont prendre possession les dieux vaincus. Le mot attribué á Marcellus quand les Romains vinrent dans la Grande-Gréce: laissons aux Tarentins les dieux irrités, *Relinquamus, Tarentinis deos suos iratos*, explique, dans sa portée historique, la presence des idoles de nephrite sur le sol de l'ancienne Amérique: les envahisseurs y ont apporté avec eux leurs dieux aborigénes.» (1)

---

(1) «*Un chapitre d'Archéologie americaine*» Congrés de Luxembourg, I I. pag, 318.

VI

Os symbolos de Yang e de Yn, chinezes, ligados a Vctan e a um Muyrakytã Amazonense.—As Palafittes e o Teyupar Amazonense

Tenho até aqui me occupado, somente, com o muyrakytã de nephrite, que é, hoje, a unica prova material da passagem dos filhos de Budha para as terras Americanas, porém não posso deixar de, em capitulo especial, apresentar um outro monumento congenere que, me parece, não ter menos valor archeologico.

Excepcionalmente é feito de argilla cota, creio mesmo que da das plagas amazonenses, comtudo a sua fórma e os desenhos que o ornam lhe dão um logar aó lado dos muyrakytãs de nephrite, tendo, tanto quanto estes, peso na questão que nos occupa.

Se é de argílla cota, todavia, a sua fórma se liga ás de a'guns muyrakytãs e, como elle, é feito para ser trazido suspenso ao pescoço. Se não é de nephrite, tem, comtudo, em si figuras symbolicas que se prendem á patria desta, onde, em todos os tempos, os amuletos foram tidos como necessarios para precaverem de encantos.

É um amuleto amazonense e pertence á tribu dos Aroakys.

Quando se descobrio a America uma tribu numerosa, valente e ousada, se estendia do nordeste do littoral da America do Sul, entrando pelo Amazonas ia até o Rio Negro, e por isso tinha essa região o nome de —Reino dos Aroakys—. Essa tribu, dividida em malocas, existiu até fins do seculo XVII e pelos costumes, usos e dialecto pertencia á

raça Karayba, tanto que, querem alguns autores, que os karaybas das Grandes Antilhas descendam dos que eram filhos d'esse reino.

Esta tribu dispersou-se, dividiu-se e aniquilou-se com a invasão da civilisação portugueza. As ultimas reliquias estão hoje em Venezuella, na Guyana Ingleza, com o nome, adulterado, de *Arrowaks* (1) e nas cabeceiras dos Rios Uatumã e Yatapú, onde os encontrei em 1873, havendo ainda alguns descendentes no Rio Negro.

Deixo de tratar dos costumes e do historico desta tribu guerreira e conquistadora, porque já d'isso me occupei em outros trabalhos, (2) nos quaes os estudei detalhadamente e descrevi os seus uzos e uma necropole, vulgarmente chamada de *Mirakanguera.*

Esta necropole fica na margem esquerda do Amazonas, abaixo de S. José do Amatary e é limitada pelo furo Arauató.

D'essa necropole desenterrei diversas urnas mortuarias (iukaçaua), com ossos em decomposição e cinzas dos mesmos e, em uma d'ellas, encontrei o amuleto que nos serve de objecto ao assumpto.

Não descrevo aqui este amuleto, porque melhor falla o desenho junto: apenas direi que é de terra cota, bem trabalhado, tendo em ambas as faces, por gravura, figuras symbolicas; é furado no centro e ornado o circulo, que nas moedas é serrilhado, de uma linha gravada.

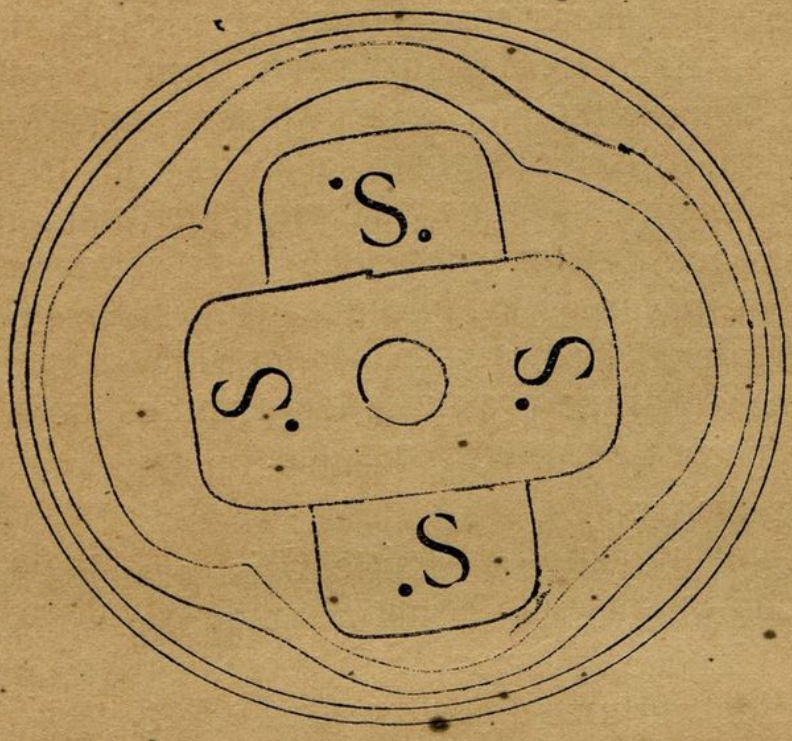
Era pintado de branco e preto, porque encontrei n'elle vestigios d'estas cores. Mede $0^m,065$ de diametro e $0^m,007$ de espessura. Para o seu tamanho é excessivamente lêve, pois pesa apenas 24 grammas. A boa escolha da argilla e

---

(1) Em Guadelupe são conhecidos por *Arroiagues*, porem Hovelacque já diz: *lingua* AREVAQUE *da Guyana Ingleza*, e assim se vae corrompendo pelas pronuncias estrangeiras.

(2) VELLOSIA. *Contr. do Mus. Bot, do Amaz.*, I 1888 pag. 73.—*Expl. do Amaz, Rio Yatapú*, 1875, pag. 52.

o seu bom preparo deu-lhe não só dureza como leveza para poder ser usado suspenso ao pescoço.



Este amuleto tem exactamente a fórma de alguns muyrakytãs de nephrite, que se encontram no Rio Tapayós, (Brazil), e em Cajamarca (Perú), onde são empregados a guiza de fusos.

Para muitos, esta peça archeologica poderá ser tomada, justamente, por uma rodella de fuso, sendo o furo central aquelle por onde passa o pontalete sobre o qual se enrola o fio depois de torcido, mas, entretanto, assim não é.

Qual a crença, ou quaes as virtudes que se ligavam a este amuleto não o sei dizer, nem a tradicção o diz, mas quero crer que as figuras emblematicas que o enfeitam não sejam filhas de pura phantasia. A fórma e os ornatos que tem não permittem que se tome isso por mero capricho intellectual, porque se prende e se filia á outras figuras symbolicas e a circumstancias que o unificam ao verdadeiro muyrakytã de nephrite que é a testemunha contemporanea

que confirma a passagem dos filhos da Asia para a terra de Colombo.

Por isso o dou por um amuleto e digo. que as suas figuras são symbolicas e analogas, se não identicas, ás do symbolismo Asiatico. Em primeiro logar é um amuleto, porque a fórma circular é a de alguns muyrakytãs de nephrite e essa fórma é tambem a do circulo symbolico da China; em segundo porque as figuras que estão no circulo são eguaes aos signaes symbolicos das inscripções asiaticas; em terceiro, porque o circulo que tem limíta e envolve as figuras; finalmente em quarto por ter sido usado suspenso ao pescoço e porque presumo ter tido as mesmas côres, branca e preta de symbolo asiatico.

Indaguemos :

A theogonia chineza admitte dois grandes principios, ou duas grandes fórças da natureza que, combinadas, produzem a *Unidade* suprema. São representados por um circulo dividido por uma *linha em forma de S*

Esses principios são: o *Yang* e o *Yn* ou *Yen*; um activo, outro passivo, e occupam os dois campos formados pela linha divisoria.

O Yang, a força creadora, a materia em movimento, é *masculo*, forte, quente, luminoso e fecundador, pelo que o céo, e tudo quando é grande e nobre fica sob a sua dependencia.

Assenta sobre um campo branco.

O Yn, a materia inerte e plastica, é *feminina*, fraca, fria, tenebrosa e productiva, tem a terra, a lua e as creações inferiores sob o seu dominio.

As côres azul ou preta o symbolisam, pelo que o espaço que occupa é preto ou azul.

Da união d'estes dois principios origina-se a existencia de todas as coisas e d'ella nasceram os espiritos *Ti* e *Che* que presidem o Ceu e a Terra, o pae e a mãe.

Assemelha-se a Baal e a Astoreth dos Chananeos.

Quando a acção do Yang se exerce sobre a do Yn, ou vice-versa, este facto è indicado por meio de um *ponto* (○) branco sobre o campo negro, ou por um preto (●) quando dá-se o caso contrario.

Ainda mais, devemos notar.

Quando izoladamente se representam as cousas submettidas a Yang, o principio masculo, como o Sol. (1) o fogo e tudo quanto é forte e pertence a uma esphera de ordem moral elevada, são as fórmas *circulares*, *ovaes* e as divisões impares que as indicam e, quando domina Yn, o principio feminino, como a terra, a lua, etc, são sempre as fórmas *quadradas* e *retangulares* (2) e os numeros *pares* que representam os factos de ordem superior.

Comparemos agora.

No amuleto vemos factos de ordem inferior, acções submettidas a Yn, representadas por dois *rectangulos* que indicam duas terras: vemos as linhas SS estabelecendo dois campos, que, se bem que encerradas pelas linhas rectas, de Yn, são fechadas pelos circulos de Yang.

Não se vê o symbolo chinez representado em absoluto, é verdade, mas apparecem izoladamente factos dos symbolos Yang e Yn bem caracterisados, existindo até os *pontos* á

---

(1) O Sol, no *Rig Vêda*, é a grande alma, a alma de todos os seres.

(2) Nos hyerogliphos mexicanos *Tal* ou *Tlal-li*, a terra, note-se que é, tambem, representada por um rectangulo que, segundo os signaes symbolicos que nelle se incluem iudicam se é cultivada ou bruta, se pedregosa, se de campos, etc.

direita dos quatro SS e uma só vez á esquerda de um, que nos mostram o resultado de acções que foram exercidas.

Se tomarmos as linhas serpentiformes isoladamente, tambem nos mostrarão o emblema da *vigilancia, poder supremo* e *soberano*, porque da união dos dois principios Yang e Yn nasce esse symbolo que intimamente se liga á ophiolatria e á platicephalia. D'esse symbolo vem o emblema do poder dos Nâgas, Imperadores Chinezes. É d'elle que sahem as serpentes e os dragões com chifres, alados, escamosos, que vivem nas regiões superiores como os enroscados vivem nas inferiores. (1) É a linha symbolica de quazi toda a Asia.

Se abstrahirmos os circulos de Yang ainda uma vez, e deixar só os sigmas izolados, teremos ainda o symbolo soberano, o S, representado quatro vezes, dois e dois, mas, como estejam guardados pelas rectas que formam a figura symbolica de Yn, em dois rectangulos diremos que cada um d'estes representa uma porção de globo, sujeito ao principio femenino, porque o symbolo especial que representa a *terra* como vimos é sempre um quadrado ou um rectangulo. Um, o superior, será portanto a Asia e outro, o inferior, a America, e os quatro signaes, outras tantas viagens d'aquella para esta. Todas estas viagens parecem indicar que o individuo que as fez voltava, pelo que são viagens de ida volta, sendo determinada a volta pelos *pontos*.

Em um dos sigmas se vê um ponto á esquerda e outro á direita, um superior e outro inferior e, parece-me que esse segundo ponto indicará uma outra viagem da qual não houve regresso.

Estabelecida a analogia com os syn bolos asiaticos e in-

---

(1) Nas lendas amazonenses ha dois mythos, um zoologico e outro astronomico, que se prendem a esse symbolo e á ophiolatria:—E' a crença na *mboya uaçu*, cobra grande, o dragão que vive enroscado nos lagos e no que vive no firmamento representada pela constellação *Serpentarius*.

terpretados assim os hyerogliphos do amuleto amazonense, passo a mostrar que tambem encontro analogias entre esses signos e Votan, o civilisador da America Central.

Sabemos pelo manuscripto tzendal noticiado pelo bispo de Chiapas D. Francisco Nunes de la Vega, (1) citado por Del Rio, pelo padre Brasseur de Bourbourg e pelo Conde de Charancey e outros, que o terceiro Votan, o Cham, escreveu um livro cujo fim foi provar descender de serpentes e *ser elle mesmo um Cham, uma serpente*, assim como « qu'il fit *quatre voyages* de Valum-Votan à Valum-Chivin et *quatre fois* de Valum-Chivim à Valum-Votan..... qu'il alla par la route que ses frères, les serpents, avaient tracée, qu'il y laissa des *signes* . . . . » (2)

Não serão essas quatro viagens de ida e volta as que estão indicadas no amuleto, como signal heraldico, exprimindo tambem o symbolo soberano ? Os signaes que deixou não seriam os que a nephrite perpetuou ?

As viagens do amuleto amazonense estão gravadas dentro de um rectangulo, symbolo da terra, e até essa circumstancia vem em meu auxilio para mostrar ainda maior affinidade e ligar esse amuleto a factos de vida de Votan.

Dizem Rivero e Tschudi (3) reproduzindo o que Cabrera

---

(1) Este manuscripto, escripto em lingua tzendal, tinha cinco a seis folhas e foi achado por Nunes de la Vega, em 1690, em uma *Casa lobrega* onde foram tambem encontrados idolos de nephrite que, querem alguns, representam um kalendario, indo parar depois ás mãos de D. Ramon Ordonnez y Aguiar, onde foi visto pelo dr. Paulo Felix Cabrera, em 1790. Não foi totalmente traduzido, apenas d'elle se fizeram extractos das partes mais importantes e que correm impressos nos trabalhos dos mesmos Ordonnez e Cabrera.

(2) Charancey, *Le mythe de Votan*, pag. 13.

Querem alguns autores que Valum-Votan seja a ilha de Cuba, e Valum Chivim outro logar mesmo na America, entretanto o mesmo Ordonnez e Cabrera, que traduziram o manuscripto dizem, nas noticias que dão, que o heroe americano passou, nas suas viagens, pela Babylonia, Jerusalém e foi até a Hespanha e diz, o primeiro, que *Chivim* é o paiz dos Heveanos, o *Chivim* da Escriptura Santa.

Naturalmente esses nomes não estão no manuscripto, porém elles deprehendem ar isso da leitura que fizeram. Supponho que elles tem razão, porque a nephrite nos diz que pela Asia Menor passaram emigrantes de Tolan que foram até Tolosa, na Hespanha.

(3) *Antiquités Péruviennes*, pag. 32.

e Ordonnez disseram, bazeados no que o proprio Votan escreveu: «Le titre ou frontispice de ce doccument consiste en deux *carrés* paralléles de differentes couleurs. l'un d'eux represente *l'ancien continent,* indiqué par deux figures verticales en forme de S; l'autre represente *le nouveau continent* acompagné de deux SS horisontales ∽∽ .

Para mim, Votan empregou esses quadrados intencionalmente, porque conhecia o symbolo Yn e por isso representou os dois continentes por essas figuras geometricas, como são representadas no amuleto pelos rectangulos.

Os seus SS, vertícaes, e os ∽∽, horisontaes, são os mesmos que apresenta o amuleto amazonense em qualquer posição que esteja. Alem disso, se no monumento archeologico que nos occupa os S S estão separados, separados tambem os empregava Votan sempre que fallava de um outro paiz:—«Lorsqu'il veut parler des localités qu'il a visités dans l'ancien continent, l'auteur les marque à la marge de chaque chapitre d'un S droit; lorqu'il s'agit du nouveau, il imploye le S horisontal (∽).» (2)

Os SS do amuleto podem representar tambem, alem de viagens, o symbolo do poder supremo, asiatico, a grande serpente, a *imagem de Votan,* sendo essa linha divisoria de Yang e de Yn a que certifica o seu nascimento, em Khotan, logar que deixou levando comsigo a nephrite, em amuletos, para proteger-lhe a viagem á America, fazel-o feliz, e indicar a sua passagem.

O symbolo chinez já foi encontrado, tambem, em Kopan (America Central), gravado sobre um altar, o que nos prova que se lhe ligava uma ideia religiosa como se liga ao amuleto.

Estes symbolos de Yang e de Yen que se encontram nos antigos vasos do culto chinez, quer o notavel americanista Dr. Hamy que remontem sómente ao seculo XIII da nossa era, porém com bem fundadas razões o Sr. Conde de Cha-

(2) Charancey, *Le mythe de Votan*, pag. 13.

rancey os leva para o fim do I° e os faz companheiros de Votan (1),

Os estudos que faço e a affinidade que encontro entre o amuleto amazonense e os symbolos de Yang e Yen, ligados às viagens de Votan, confirmam a opinião do illustre Conde, e me levam a crêr que elle veio para a America com os primeiros emigrantes.

Se não fôra um objecto sagrado, não seria recolhido a uma urna, com os despojos do morto, d'onde o tirei, dando-se mais a circumstancia de serem as urnas mortuarias pintadas com as cores branca, preta, vermelha e amarello, que são as côres symbolicas da China.

Devo ainda observar que entre centenas de objectos cerâmicos que me tem passado pelas mãos, ainda não encontrei em nenhum a perfeição que se nota nas urnas e nos objectos que se deparam na necropole de Mirakanguera.

A correcção dos desenhos, as fórmas symetricas, o bem lançado das linhas, a boa qualidade da argilla e o seu bom preparo, tudo nos mostra um povo adiantado na carreira das artes. A descripção dos objectos do Mirakanguera poder-se-ha ler em um outro trabalho meu. (2)

Abstrahindo mesmo da mudança do meio e do correr dos seculos, que deviam modificar o symbolo chinez naturalmente consorciaram-lhe outras ideias e a esse amuleto estão ligadas duas coisas importantes para o archeologo:— uma raiz symbolica asiatica e uma representação Votanica, isto é: o symbolo do poder supremo S e o naga ∽, symbolo de Votan, influenciado por um dos symbolos de Yang ou de Yn. como nos mostram os pontos S.

---

(1) *Rev. de la Société de Geographie.* 1889, pag. 144.

Devo lembrar que este Votan já foi o terceiro que chegou á America, tanto que elle mesmo diz: «ter seguido o caminho aberto por seus irmãos os serpentes e no qual deixou monumentos » Del Rio diz, combinando o manuscripto com o que diz Cabrera o mesmo segun lo as tradicções tzendaes que a chegada do primeiro Votan á America foi 290 annos antes de Christo. Ordonnez dá para a sua chegada 1000 annos, e o Codex Chimalpopoca 955 antes de Christo.

(2) *Velosia, Contr. do Mus. Bot do Amaz.* 1887, I e II vols.

Este amuleto, usado pelos Aroakys ha tresentos annos, mais ou menos, conservado entre as cinzas dos ossos d'aquelle que em vida o trouxe ao pescoço, esteve occulto por seculos debaixo da terra, mas apparece hoje, apezar de fragil por natureza, para sustentar o que o seu congenere, exposto ás intemperies, tem perpetuado com a sua dureza, isto é: a origem da civilisação americana transportada da Asia.

É a fragilidade da argilla que permitte n'ella se gravarem os symbolos, que vem de mãos dadas á nephrite provar que nas veias das raças americanas corre um sangue que tem globulos que nadam n'um plasma asiatico, permitta-se-me o dizer.

Para terminar este capitulo ainda mais algumas palavras.

Pela tradicção os muyrakytãs, de nephrite, foram usados pelas mulheres, porém os amuletos de argilla creio que foram trazidos pelos homens.

Quem m'o affirma é o facto de ter encontrado, o que nos dá assumpto para estas digressões, dentro de uma urna que tinha em relevo os orgãos sexuaes masculinos. O ser, entretanto, feito de argilla, supponho ser devido á falta de nephrite, e como n'aquella facil era gravarem-se os symbolos com exactidão, facilmente tambem foram elles assim perpetuados de geração em geração.

Não vi, porem, no Perú, me informaram que alguns muyrakytãs de nephrite discíformes, achados em Cajamarca, são ornados de figuras: e não perpetuará alguns d'elles os mesmos signos ou os mesmos symbolos de Yang e de Yn ?

Terminando este capitulo, no qual mostro as analogias que encontro entre o symbolo chinez e o amuleto brazileiro, não posso deixar de accrescentar, para esclarecimento, que apezar do Sr. Léon de Rosny, no Congresso de Nancy, negar que haja semelhança entre a lingua Chineza e a dos Othomis, uma das do Mexico, o Sr. Ampère, na *Révue des deux*

Mondes de 1853 affirma que ha muita affinidade entre ambas e se appoia, tambem, na *Dissertation sobre la lengua Othomy*, escripta em latim e hespanhol, no anno de 1845, pelo Sr. Manuel Crisostomo Naxera, que é da minha opinião.

Na tão debatida questão de emigração asiatica para a America «*c'est la preuve qui fait toujours defaut*», diz o mesmo illustre Sr. Léon de Rosny; pois bem, essa agora se apresenta, palpavel, para tirar a duvida, representada pelo muyrakytã de nephrite, confirmada pelos symbolos asiaticos gravados n'esse outro de argilla,

Em relação á lingua chineza chamo, tambem, a attenção do leitor para o seguinte facto. Existem no departamentoto de Lambaeque, no Peru, dois pueblos, o de *Eten* e o de *Monsefù*, distantes um do outro tres milhas, cujos habitantes fallam dialectos tão differentes que os de um pueblo não entendem os do outro, e, entretanto, ambos se entendem perfeitamente com os Chins que em grande numero afluem para o Peru.

Eten, no dialecto d'este pueblo, significa a mesmo que Tulan, isto é: *o logar onde o sol nasce*, nome que perpetua o que diziam os Toltecas. — que tinham vindo do *logar onde o sol nasce*. Que coincidencia é, ainda, essa de ter esse logar um nome que commemora a lembrança do logar d'onde sahiram os habitantes do Peru, que parece indicar ser o mesmo do dos Toltecas ?

Concluo dizendo que haverá simples apparencia entre os symbolos asiaticos e o brazileiro e nada de commum, mesmo, terão, porem aqui deixo registradas estas considerações para que o futuro melhor esclareça. Ponderarei, entretanto, que Marco Paolo nas suas *Perigrinações* ditadas em 1298, na cadeia de Piza, diz que ao oriente da China o mar estava coalhado de ilhas tão afastadas do continente asiatico, que demandavam para ida e volta um anno inteiro. Uma d'essas grandes ilhas era a terra de Fou-Sang, a America.

Depois de ligados os signos do muyrakytã amazonense ao symbolo chinez, devo ainda apresentar um facto que se prende á nephrite registrando um dado chronologico, na falta dum chronometro melhor.

* * *

Até aqui temos visto que a origem da jade é toda asiatica e que a sua patria é o Yuthian, assim como que só tem sido encontrada em artefactos.

Estes são celtiformes na Europa e antropomorphos e zoomorphos na America, e isso bem nos prova duas epochas distinctas de dispersão e dous estados de civilisação. Uma é prehistorica e outra pertence á edade media.

Encontram-se esses objectos espalhados, porem sempre marcando uma linha sobre a qual baseei a marcha das emigrações, que já vimos em um capitulo anterior.

A nephrite nos mostra duas epocas distinctas para as emigrações: uma moderna, para a America, indicada pela tradicção Votanica, no começo da nossa era; outra, a mais antiga, para a Europa, anterior aquella, que coincide com a da destruição do templo de Mercurio Canetus.

Só agora é que desta me vou occupar.

É sabido que nos tempos historicos grandes emigrações houve para a Europa e a que se deu então já se tinha dado em epochas prehistoricas. Diversas foram então as invasões, porem apenas tratarei de uma d'ellas, a introductora da nephrite que me occupa.

Assim como os asiaticos acompanharam a marcha apparente do sol para o Occidente, assim tambem a nephrite os acompanhou para perpetuar o facto a vir hoje, como testemunha contemporanea, revelar-nos o segredo que os seculos occultaram.

Em que epocha se deu o facto ?

Os autores francezes dividiram os tempos prehistoricos em epochas que denominaram da *pedra lascada*, e da *pedra*

polida, que os inglezes, porém, denominam *palaeolithica* e *neolithica*, tendo sido creada pelo Sr. Mortillet a *eolithica*, que caracterisa a do periodo terciario. Alem d'essas epochas temos *a de bronze* (bronsaldern), dos Normandos, que começa 1000 annos antes de Christo e acaba pelo seu nascimento, dando então começo a edade de ferro (jernaldern), que termina no fim do seculo 11.°

Dizendo que data do periodo prehistorico a introducção da nephrite na Europa, quero dizer que incluo n'esse periodo dados que se ligam quasi á éra christã e se emmolduram na chronologia actual, isto é, factos que contam apenas alguns milhares de annos e que se passaram poucos seculos antes do começo de nossa é a, por conseguinte já nos fins da epocha neolithica e na edade de ferro, quando já a agricultura começava e o boi, o cão, o porco estavam domesticados.

Levo a introducção da nephrite, na Europa, para o XV seculo antes da vinda do Messias, por conseguinte ha 4389 annos. Vimos que a nephrite e a jadeite ha 4526 annos é usada e apreciada na Asia, por conseguinte só 1137 annos depois do reinado de Hong-ti, isto é, no reinado de Wu-wang, na dynastia dos Chow, ella appareceu na Europa.

Estas epochas não precisam uma chronologia absoluta e e sim relativa.

A base que se me offerece para assim me exprimir são as *Palafittes* ou *habitações lacustres* dos lagos da Suissa descobertos pelo Sr. Fernando Keller, Presidente da Sociedade dos Antiquarios de Zurich. no inverno de 1853 a 1854 e, se me sirvo d'esses monumentos é porque a nephrite me marca ahi um longo estadio, depois de terem os retirantes deixado as terras de Yuthian.

Os archeologos suissos, mais felizes do que os normandos, que não poderam ainda determinar a sua edade da pedra, tiveram a ventura de achar as palafittes, cuja edade calculam pelas alluviões dos lagos. Nas explorações que se fizeram nas suas ruinas acharam, nos lagos de Bienne e

Zurich, *celtes* de nephrite, que para mim determinam o povo que levantou essas habitações lacustres. De diversas epochas são as palafittes, umas anteriores e Jesus Christo, outras da edade de ferro. O facto de não serem todas as habitaçõs feitas sobre as aguas dos lagos, e sim em maior numero em terra, vem-nos provar isso.

No norte da Italia e na Saboya encontraram-se muitas ruinas de habitações terrestres contemporaneas das lacustres, e é n'ellas que se encontram as provas da edade de ferro. Das duas uma: ou são contemporaneas as habitações e a agua destruiu o que a terra conservou, por conseguinte são mais modernas do que se suppõe, talvez posteriores ao nascimento do Salvador, contemporaneas das emigrações para a America, ou a nephrite foi usada por largos seculos que atravessou acompanhando o progressivo movimento da civilisação.

Se assim não foi, posteriormente houve novas entradas de emigrantes, anteriores á invasão d'aquelles barbaros que traziam ao pescoço o precioso amuleto que deixaram com a vida nos campos de batalha e sob as ruinas das muralhas dos templos que destruiram no terceiro e quarto seculos de nossa éra.

Foram da raça dos constructores das palafittes os que levantaram os monumentos architectonicos americanos que, se não deixaram estes na Europa, foi pela simples razão de que ainda os seus amuletos eram celtiformes (1) e lisos, emquanto que os que os trouxeram para a America ja os traziam ornados e esculturados, porque já tinham dado agigantados passos no progresso civilisador. Ainda assim, penso que tinham reminiscencias dos avoengos que a negra mortalha do tempo envolvia, porque achando-se elles, muitos seculos depois e já com costumes e lingua inteiramente

---

(1) O machado, que como utensilio, serve para o serviço domestico e como arma de guerra, foi considerado um dom divino, pelo que rendiam-lhe um culto particular e tomavam a sua forma para a dos amuletos.

differentes, no Amazonas, n'este construiram palafittes em tudo iguaes áquellas que as aguas encobriram por largos seculos.

Quero falar nos *teyupares*, que ainda hoje o viajante vê pelas margens dos paranãs, que circulam as ilhas que formam o archipelago do delta do gigante dos rios, e que os indigenas levantam pelos modellos legados pelos antepassados, que de geração em geração chegaram aos nossos dias. No lago Maracaybo, antigo Coquibacoa, haviam habitações lacustres encontrados por Ojeda, tanto que por isso deu lhe o nome de pequena Veneza, que originou o de Venezuela, que comprehende, hoje, todo o territorio d'aquella republica. Ainda hoje os Guaraunos (1) que se estendem desde o delta do Orenoco até Bolivar têm habitações lacustres armadas sobre os miritYzaes.

Não sei se algum élo unirá esse passado tão distante ao presente; não sei se aos lagos e rios do antigo imperio dos Toltecas existiram essas construcções lacustres, mas aqui deixo a analogia notada para que os adversarios da emigração asiatica digam:—mais uma coincidencia fortuita !

Os teyupares amazonenses como os pfahlbauten suissos são casas de paredes de madeira e cobertas de palha, assentadas sobre giráos e construidas sobre esteios e estacas (pilotis) que pela enchente das marés ficam debaixo d'agua, amarrando-se as canoas á porta.

São notaveis, em geral, essas casas, por um facto que não devo calar, o de serem todas construidas com os productos da palmeira *mirity* (Mauritia flexuosa Mart,). O assoalho, os caibros e as ripas do telhado são feitas do lenho externo do espique, as paredes externas são talas da parte

---

(1) *Guaraunos*, não é mais do que o *Karauna*, adulterado pela phonetica hespanhola, que de Karany fez tambem Guarany. Esta adulteração leva a dar-se uma interpretação errada ao nome, assim, em vez de ser o *Conquistador preto* será o *Guará preto*. Guará é o *Ibis ruber* ave paludal que nada tem que se ligue ao homem, entretanto muitos, sem razão, quererão que seja esta a verdadeira interpretação, por viverem esses relvagens em casas lacustres.

medullar dos longos peciolos das folhas, ligadas em fórma de esteira por cordoalha fina dos grelos das folhas. As portas são feitas das mesmas talas, porem, ligadas a mesma ripa do espique, por meio da mesma cordoalha e as janellas ou yapás semelhantes a venezianas, é um tecido das mesmas talas, ligadas ainda pela mesma cordoalha. O telhado é coberto pelas folhas. Os habitantes dormem em redes ou *makyras* de cordão do grelo da mesma palmeira.

Este uso dos teyupares lacustres parece remontar á epocha do muyrakytã, porque em todo o Brazil, em regiões lacustres, não se encontram habitações semelhantes.

Os indios Pomarys que vivem sobre as aguas dos rios e dos lagos não usam habitações fixas e sim fluctuantes. Fazem sobre duas ou mais canoas as suas casas e n'ellas habitam. No Peru as *balsas* são feitas da mesma forma.

Para mim as habitações lacustres da Suissa servem para nos mostrar o grau de adiantamento dos primeiros introductores de nephrite na Europa e marcar approximadamente a data da emigração asiatica.

Devo lembrar que semelhantes aos teyupares paraenses existem as habitações lacustres de Tcherkask, sobre o Rio Don, na Russia e as de Dorei, na Nova Guiné, assim como as das ilhas Celebes, na Oceania, estas ultimas descriptas por Dumont d'Urville. Estas habitações se ligam tambem á nephrite, porque os naturaes ainda fazem uso d'ella empregando-a em pequenos machados. Dir-se ha que a nephrite d'ahi não tem importancia porque na Oceania existem tambem jazidas e que serão estas exploradas pelos naturaes. Damour e Fischer dizem, é verdade, «qu'il y a toute certitude qu'il existe des gisements» que não se sabe aonde, devendo se notar, tambem, que a jade ahi é de duas qualidades, uma a de que ha jazidas, que é a *jade* conhecida por *Oceaniana* e outra que é a asiatica, differençando-se uma da outra pela densidade. Posto que pela côr e pelo brilho seja a jade oceaniana, muito semelhante á asiatica comtudo aquella

VII

Fórmas, côres e fabrico dos Muyrakytãs

Os Muyrakytãs são de varias fórmas, desde a cylindrica até á de figuras ornamentadas, tendo, porem, *sempre todos um ou dous furos,* para por elles se passar um fio que os conserve suspensos ao pescoço, e raros são os que na parte superior, em vez de furo, tem um entalhe para prender o fio, pelo qual se suspende.

São, sempre, feitos de uma rocha de grande dureza; assim, além dos de *nephrite, jadeite* e *chloromelanite,* ha tambem os de *diorito, dolerite, porphyro, petrosilex, serpentina, feldspatho, quartzo,* argilla etc, porem nunca são feitos de resina como os *tembetás,* que são ornamentos modernos. De todas essas rochas, as unicas que dão valor ao objecto são a nephrite e a jadeite porque todas as outras tem representantes na America e não apresentam cunho prehistorico e sim mostram um uso seguido ainda depois que faltou a importação da rocha preciosa. Faltando esta os povos fizeram o seu talismã com os mineraes mais apropriados e que encontravam á mão. Perdeu-se a rocha mas não desapareceram as crenças.

A fórma cylindrica é a mais vulgar, tanto que é commum na Europa, no Egypto e na America. A anthropomorpha é sempre a mais ornada e a que offerece maiores dimensões, como se encontra no Mexico e em Costa Rica; as zoomorpha e *celtiforme* são ornadas tambem, e tem uma representação que, parece, era mui estimada, a que figura um bactracio, pois é commum na America e na Asia.

tem a densidade mais elevada, vae de 3,09 a 3,31 emquanto que esta vae o de 2,94 a 3,06.

Ha ainda uma particularidade a observar-se. Em toda a linha migratoria da nephrite pela America e pela Europa encontram-se sempre os vocabulos *Kara* e *Ton* ou *tuna*, ligados á ella, e d'essa ligação não se exime a Oceania. Nas ilhas Hawaï, existe o *karaï* e o *Ton*, o primeiro com o significado de *poderoso*, e o segundo com de *agua*, *rio*, como na America e na Europa. Assim *Karaï Pahoa*, *e Karaï Mahou*, são nomes do deus Hawaiano e de um chefe, que foi baptisado á bordo da *Oceanie*, pelo Padre Quelen, como nos diz Dumont d'Urville, e *Tondano* é o nome de um rio e o dos seus habitantes, significando *homem d'agua*, de *ton*, agua, rio e *dano* homem. Assim como no *Don* ou *Ton* da Europa ainda existem habitações lacustres, no *Ton*, da Oceania tambem as ha e os seus chefes tem o tratamento de de Karaï.

O facto de não se ter, até hoje, achado jazidas d'essa rocha e só ser ella encontrada manufacturada, em objectos que serviam de amuletos, nos prova que os portadores dos *celts* das palafittes sahiram de Yuthian, como d'ahi sahiram os Karas que posteriormente introduziram os calchihuitls e os muyrakytãs, ornamentados, no Mexico e no Amazonas.

Aberta nos tempos primitivos a estrada migratoria, facil foi posteriormente a invasão dos exercitos Hunos, que foram, creio, os ultimos portadores do sagrado talismã para Europa.

Existem tambem os de forma lenticular como os achados em Alter do Chão, no Rio Tapayós e os de Cajamarca, no Perú, furados no centro, pelo que servem se d'elles para fuso. São lisos ou ornados de desenhos.

Estes muyrakytãs, lenticulares são contas, por assim dizer, de um rosario que se rebentou ficando umas na Asia, outras no Mexico, e algumas no Perù e no baixo Amazonas.

Alem da forma representada n'este escripto, pode-se ver uma congenere, do Mexico, na fig. 16 da Est. VI. que acompanha o artigo *Die mineralogie als Hilfswssenschaft fur Archaologie, Ethnographie* do Dr. Fischer, publicado em 1877.

João de Laet, citando Monardes, (1) já em 1647 disse: «Hos lapides variis figuris efformatos, alios piscuim, alias aviam capitibus aut psittacorum rostris similes, nonullos et rotundos sphaerularum forma aut etiam columellarum, omnes autem perforatos».

O Dr. Fischer possue um d'esses bactracios, achado em Troia (Asia Menor), que não só tem as as mesmas formas, como as mesmas dimensões e a mesma densidade do que eu possuo e achei no rio Yamundá. Esta coincidencia deve-se ao puro acaso, ou vem derramar luz sobre esta questão ?

Alguma idéa religiosa se prendia aos bactracios, pois, havendo outros animaes, era este o escolhido, não só na Asía, como entre os Nahuas, os Karaibas e as tribus do Amazonas.

É notavel a forma bactraciana, alem disso, por ser ella encontrada na Asia, em Troia, em Nova Granada, no Amazonas, em Surinam, Guadelupe e no Mexico. Que são élos da mesma cadeia temos a prova na circumstancia da forma especial que todos os amuletos teem; o serem celtiformes e representarem o bactracio, sempre, em posição de descan-

(1) Antuerpiani de *gemmis et lapidibus*, libs, II.

ço, sem braços e com as pernas encolhidas, como aqui represento e pode se ver entre os do Mexico, e que veiu figurado sob o n. 74 da Est. VIII do artigo do Professor Fischer, intitulado *Die mineralogie als Hilfswissenschfat fur Archaelogie, Ethnographie*, etc, (1) e outros que o mesmo Professor figura comparando com os meus, na analyse que faz dos meus trabalhos e tem por titulo: *Ueber dic Herkunft der sogennanten Amazonsteine, sowie uber das fabelhafte Amazonenvolh selbst. (2)*

Á essa posição ligar-se ha a alguma crença? Ou não figuravam os braços porque, superiormente, pouco são visiveis nas *Hilas* ?

Charençey e outros querem que seja o emblema habitual d'agua ou do elemento humido (1).

O mais bello e o mais perfeito exemplar, que vi, foi com esta forma e achado nas proximidades de Obidos, a mais de 60 annos, e que existia guardado, por uma mulher tapuya, em um santuario, occulto até das vistas da familia.

Só a influencia e o prestigio do Exm. Sr. D. Antonio de Macedo Costa, Bispo do Pará, poude fazer com que ella se separasse d'elle e me fosse communicado. Sobre elle dei uma noticia no *Jornal do Amazonas* de 19 de Julho de 1886.

Quanto á forma bactraciana devo tambem fazer notar que dos indios Tikunas que ainda vivem no Rio Içá, obtive um collar de amuletos representando perfeitamente sapos ou rãs, feitos caprichosamente do endocarpo osseo dos fructos da palmeira *Chambira*, o Astrocaryum vulgare de Martius.

Creio que a deificação do sapo liga se à crença de ter elle o poder de fazer chover e de ser tambem o protector das plantações, tanto que ainda hoje os indios do Oreno-

---

(1) Archiv. f. Anthrop. 1877. Bd. XII. pag. 177-214 e Bd. XIII. pag. 345-357.
(2) Archiv. fur Anthrop. 1879. Bd. XII. pag. 7—28. Taf. I.
(1) Whipple' *Rep. upon the Ind. tribus*, chap. III, pag. 40, Humboldt, *Vue des cordilleres*, pag. 32.

co (1) o fustigam quando elle não cede aos seus votos. Os Tikunas e os Konibos tem tal veneração aos bactracios, que o empalham e o trazem, como ornato, pendente ao pescoço, como era o amuleto, Essa crença vem do Turkestan, e estende-se até a Bosnia na Europa.

A religião dos Turcos, prohibe que se mate sapos, porque o *bactracidio* produz chuvas de pedra, que estragam as plantações. Affirmou-me isso uma mulher turca, filha da Hersegovina, casada com um turcomano asiatico.

Comparados os muyrakytãs amazonenses com os de Costa Rica (2) encontram-se muitas semelhanças, e vê-se que o mesmo gosto artistico presidiu á confecção de todos. Se entre os amuletos pequenos e de fórmas phantasticas a analogia é palpitante, não deixa tambem de apparecer comparativamente aos grandes. Estes, que accusam fórma de machado, são comtudo anthropomorphos, e filiam--se tambem á crença que tinha o artista amazonense.

Em Nova Granada alem das formas bactracianas, ha tambem as anthropomorphas. Em outro capitulo mostrarei as analogias que encontro entre os amuletos de Costa Rica e Nova Granada com os amuletos Amazonenses principalmente os modernos usados ainda hoje pelos indios Uaupés.

E' n'estas diversas fórmas, na correcção do desenho e na esculptura, que, desde a recta, só ou combinada com a curva, até ao circulo perfeito, applicadas a ornamentação, esculpidas em rocha de dureza extrema, que salta á vista o grau de civilisação que era preciso para o artista conceber e executar a sua obra.

A parte material do trabalho, a execução, ainda nos dá uma idéa do seu adiantamenro na arte de esculpir; porque, em uma época em que não haviam instrumentos apropriados,

---

(1) Mallien, *Hist. Univ. de, voy*, vol. XLI., 416. Letourneau, *La Sociologie*, pag 274.

(2) Bericht eine Anzahl Steinsculpturen aus Costa Rica von Dr. H. Fischer. Bremem, 1881.

e material capaz de ferir e gastar a nephrite; parece incrivel que pudessem executar as formas graciosas e delicadas que offerecem os seus ornamentos.

Esculpidos, perfurados, recortados e polidos, esses ornamentos ainda nos trazem á idéa a esculptura actual chineza, principalmente, se compararmos os pequenos *calchihuitls* mexicanos, com os objectos de marfim, que a industria Européa já imita.

Quanto á côr do Muyrakytã, varia; é branco-esverdeado, branco-azulado, verde-amarello, verde-azeitona, verde-esmeralda, verde-azulado, côr de bronze, e alguns com veias ferrugineas. Como já notou o professor Fischer, os de origem brazileira tendem mais para a côr amarella do que para a verde. E' exacto isso, e tem uma explicação. Em geral os que se obtem são os encontrados ao pescoço das mulheres tapuyas, e essas preferem sempre os mais claros, a que dão o nome de *conta de leite*, por assemelhar-se a outras do mesmo nome, e que são de vidro ou massa côr de leite.

O *leituario*, de Traz os Montes; a *conta leiteira*, da Beira Alta, não são mais do que muyrakytãs, filhos da reminiscencia supersticiosa da Asia e da falta da rocha primitiva.

A mesma crença portugueza, de que o uso d'essas contas, quando uma mulher amamenta, faz o leite augmentar, leva tambem a tapuya a regeitar o Muyrakytã verde pelo amarelado porque quanto mais claro fôr mais leite produzirá.

Mas, se os conhecidos na Europa, como no Brazil, são amarellos, eu os vi e possuo tambem os verde-azulado escuro, verde-esmeralda e verde-negro e o branco-azulado e cinzento.

Uma pessoa de minha familia possue um *Signo*, obtido em Loanda, Africa, por meu avô, quando ahi esteve como Governador General, feito de *jade* asiatica, cuja côr é perfeitamente igual a um dos que eu possuo, verde-escuro azeitona.

Cumpre-me tambem notar que os muyrakytãs zoomorphicos são sempre mais escuros do que os cylindricos, assim como os de forma de machadinhas *(Celts, Baetylias)* são ainda mais escuros do que os primeiros. Isso tambem concorda com os achados europeus, que quasi todos tem a forma de machadinhas.

A crença portugueza de hoje nas contas de leite, penso que è filha degenerada da do amuleto de pedra verde, introduzida em Portugal pelos hespanhoes que voltavam da America, depois da conquista do Mexico, ou deixada mesmo pela passagem da corrente migratoria asiatiaca que atravessou o sul da Europa, em epochas anti-Columbianas

A variedade que apresentam em côr os muyrakytãs é devida a que existe mineralogicamente na nephrite. Encontra-se no Museu de Friburgo uma collecção de amostras de nephrite, obtidas no mercado de Pekin, por um diplomata allemão, que estão classificadas por côres, duresa e peso especifico, que offerecem as côres seguintes : branco de neve, côr de leite, azul marinho e verde.

As côres dcs Muyrakytãs Amazonenses,, correspondem ás côres das figuras chromolithographicas, que se vê na obra do Professor Fischer, intitulada *Nephrit und jadeïte,* conforme indico na explicação das estampas, que esta acompanha.

Tratando das côres do Muyrakytã, que indubitavelmeute tem procedencia Asiatica não posso deixar de insistir n'um facto, sobre o qual toquei, quando na minha *Necropole de Mirakanguera* tratei da pintura da ceramica dos antigos Aroakyses, porque parece-me ser um uso que perdura entre os indigenas, perpetuado pela tradicção.

As côres usadas por todas as tribus indigenas Amazonenses para pintura da louça são sempre de origem mineral, e combinadas convencionalmente. Assim só uzam o *vermelho*, o *amarello*, o *branco* e o *preto*, quando pela variedade das argillas e ócas do valle do Amazanas, poderiam uzar a côr de rosa, a cinzenta, a roxa, a azul, a verde, a parda,

etc, se quizessem tambem uzar as côres vegetaes, que conhecem e empregam em seus tecidos, como já o fazem os tapuyos civilisados.

São as côres sagradas fundamentaes e symbolicas da Asia, as quaes uzaram os povos, cujos restos o archeologo descobre, e são ainda ellas as que os indios selvagens adoptam, e chegam mesmo aos civilisados.

Na Asia, e principalmente na China, as côres fundamentaes são cinco e correspondem á terra, á agua, ao fogo, ás mattas e aos metaes, assim como aos quatro pontos cardeaes.

Essas côres são: o *vermelho*, fogo e sul; o *preto*, agua e norte; o *verde*, mattas e leste, o *branco*, metaes, agua e oeste. O verde foi substituido pelo *amarello*, que corresponde á terra, ficando aquelle, privativo, apenas de certas dinastias. Essas côres desde o anno 2205, antes de Jesus Christo, até o anno de 264 de nossa era, isto é, durante as dinastias de Hia, (1) Han e Cheu, foram sempre as mesmas e se perpetuaram, havendo depois algumas modificações, em que entraram o azul claro e o azul ferrete.

O facto de apparecer na ceramica, antiColumbiana do Amazonas as côres symbolicas da Asia, não se prenderá tambem ao Muyrakytã ? Será simples coincidencia ? Creio que não: porque quem não deixava o amuleto, deveria tambem trazer comsigo ás suas côres symbolicas e convencionaes.

Passemos á ornamentação dos muyrakytãs.

Como fariam esses ornatos ? Que processo empregariam ?

E' ainda o estudo archeologico quem vem mostrar que na falta de instrumentos apropriados, elles tinham na natureza os meios de executar o seu pensamento.

Como se perfuravam os machados de diorito, como eram polidos, como se aguçava o gume, e como se faziam os en-

---

(1) O primeiro rei d'esta dynastia foi Yu, nome que tem a nephrite.

talhes, já o expliquei nas minhas *Antiguidades do Amazonas* á pag. 112 e 113, porem com mais detalhes aqui o farei, porque pelo mesmo processo eram feitos os Muyrakytãs, como já o foi provado com os chalchihuitls mexicanos de que atraz tratamos e que aqui represento.

Antes de por mim ser apresentado este processo ninguem o conhecia, e para provar que anteriormente n'elle ninguem tinha pensado, basta citar o que disse. em 1881, o Dr. J. Valentini, tratando dos chalchihuitls mexicanos. (1)

«I mean the unknown method by which the cuts were made, and also the instrument with which a perfect polish was secured. Nephrites and jadeites are of excceding hardness. Thy hold the sixth place in the record of mineralogist. It is reported that a piece of nephrit of 70 cub. cm. was subjected to a blow from a steel chisel set in an iron cylinder, and from the height of 35 cm. its fall upon the stone did not injury. On the contrary, the edge of the chisel was broken».

Eis o processo:

Assim como os machados de diorito são aperfeiçoados pelo attricto contra o diorito, assim tambem creio que os muyrakytãs de nephrite eram aperfeiçoados sobre outra rocha de nephrite.

Desbastava um pedaço de rocha, tirando-se lascas ao choque de outra pedra, até tomar o tamanho e a forma, approximada, que se desejava e depois era de aperfeiçoada n'uma corrente d'agua.

Levada a peça que se queria transformar em amuleto a uma rocha banhada por agua corrente, ahi pelo attricto se aperfeiçoava, indo ambas gradualmente se gastando, sendo os residuos constantemente levados pela agua. Aqui achatavam, alli arredonhavam, em outra parte aguçavam. Feito o contorno e assim polida toda a peça, vinha então outro processo, o de esculpir e perfurar.

---

(1) *Two Mexican Chalchihuits*, Worcestér. 1881. pag. 13.

N'este era emprega la a madeira, alguma fibra vegetal, tira de couro, ou a mesma nephrite com o auxilio d'agua e da ãrêia fina. Por meio de um berbequim ou simplesmente com as mãos e um pontalete de madeira perfuravam e faziam varios desenhos pelo encontro dos furos que destruiam a rocha.

Segura entre os pés, a rocha que se desejava ornar ou furar; applicavam um pontalete aguçado no ponto que se desejava, e fazendo-o girar entre as palmas das duas mãos abertas, ora para a direita ora para a esquerda, molhando sempre e addicionando-se n'esse ponto um pouco de areia, depois de insano trabalho e muitos dias de fadigas, conseguiam furar a peça de lado a lado ou até a profundidade que o ornato requeria.

Os furos eram feitos de um e depois do outro lado, a se encontrar no centro da peça, o que bem se nota examinando-se os mesmos. N'elles tambem se vê, com o auxilio de uma lente, as estrias deixadas pelo movimento giratorio do pontalete, acarretando os grãos de areia. Os desenhos em linha recta eram feitos pelo mesmo processo d'agua, fibras, madeira e areia, por attricto, mas em sentido horisontal, ou como um ferreiro emprega uma lima. Para os circulos, tão perfeitos, que em alguns se notam, haveria o mesmo processo dos furos, porem, empregando-se em vez de um pontalete solido, umôco, ou talvez mesmo o colmo de alguma gramminea, como o *bambu* ou *takuara*, que gastando a pedra só na parte solida, a deixa intacta na parte ôca da mesma.

Depois de prompto o Muyrakytã era polido, talvez com *o corundum*, mineral, abáixo do diamante, o mais duro, conhecido antigamente por *smyreis*, do hebraico *smir*, e que se encontra em varios partes da Asia, onde é empregado no polimento de gemmas preciosas.

No Mexico empregaram, para a amazonstone, a areia que chamam *Axalli*

VIII

O Tembetá e o Muyrakytã

Tendo escriptores antigos, e até modernos, confundido o Muyrakytã com o *Tembetá,* como ainda, não ha muito, confundiu o Director do Museu Nacional, (1) de passagem darei aqui, tambem, uma noticia d'este, para que se não continue a suppor que estes artefactos, muito differentes em forma, materia, idade e uso, designem um só.

O Muyrakytã, como vimos, é um amuleto, baseado em uma crença, com todas as suas virtudes; e um objecto até sagrado, como nos diz Humboldt, de nephrite e suas variedades e trazido *sempre suspenso ao pescoço* como o trazia Quetzalcohualt quando desembarcou no Mexico, emquanto que o *tembetá* è um adorno labial, ao qual não se liga nenhuma virtude.

Os adornos de pau, de osso, de pennas, de dentes, de espinho, etc, não tem o nome de *pedra de beiço* e sim outros conforme o dialecto.

Os d'esta materia, em geral, são collocados nas orelhas, no septo nasal, no labio superior, e quasi nunca no labio inferior. O primeiro é sempre da mesma pedra maravilhosa, da qual Plinio e Theophrasto, d'ella se occuparam, emquanto que o segundo é feito da materia prima que a tribu indigena tem a mão. Um é prehistorico, outro hodierno.

O Muyrakytã não se estendeu ao sul do Brazil porque não sahiu do Amazonas senão para ir ao Chile.

---

(1) Archivos do Museu Nacional do Rio de Janeiro, II, 1877, pag. 146.

Os estudos de gabinete levaram os historiadores a se basearem, uns nas informações de outros e sem critica e estudo pratico, confundiram assim objectos differentes, como é, por exemplo, a reliquia de um santo, como o annel que o saserdote traz no dedo.

Vejamos d'onde se originou isso.

O primeiro que denunciou o uso da *pedra verde*, porem labial, foi Pedro Alvares, (1) que diz que os Tupynambás «trazem o beiço de baixo furado, e mettem-lhe um osso grande como um prego : outros trazem uma *pedra azul ou verde*, e assobiam ¡ elos ditos buracos».

Lery, (2) diz tambem que os guerreiros usavam no labio inferior um osso ou uma *pedra verde*, o que levou o principe Maximiliano de Wied Neuwied, (3) tratando dos Botocudos a dizer, que os Tupynambás usavam *pedra nephritica* nos labios. O sabio Ferdinand Diniz (4) baseado nos historiadores,tambem diz que os Tupynambás usavam *pedra verde*.

Não ha duvida, os Tupynambás usaram a *pedra verde* porém mettida entre o annel formado pelo labio inferior, como um ornamento, e não a trazia *furada, gravada* e pendurada ao pescoço, como amuleto.

O *tembetá* é o *guimató* (5) dos Botucudos, porém de pedra e não de madeira, que os portuguezes denominam *batoque* e os hespanhoes *barbote, beçote, bezote,* que não é mais do que o moderno *tenttle* mexicano e não o *chalchuihuitl*. Confundir objectos diffe entes, só porque se diz serem de pedra verde, é um absurdo.

---

(1) *Navegação do Capitão Pedro Alvares Cabral*, escripta por um portuguez. No vol. II. da Coll. de Not. para a Hist. Geog. das Nac. Ultr. Lisboa, 1867. cap. II

(2) Hist. de l'Amer., Bruxelles, pag. 98.

(3) Voyage au Brésil, Paris, 1821, II. pag. 216.

(4) Sur l'usage de se percer la lèvre inférieure chez les Americains du Sud, Mag. pitt. vol. 18 pag. 138 e 390.)

(5) Sirvo-me aqui do termo *guimató*, que dá o principe Maximiliano na sua *Voyage au Brésil*, pag. 213, em vez de *guimuá*, que dá Accioly, na suo *Dissert. hist. ethn. e pol.*, publicada na *Rev. do Inst.*, porque penso que este enganou-se. Baseando-se n'aquelle que cita, diz que *guimuá* é a arruela do beiço, quando o contrario diz o mesmo principe, que esteve com os Botocudos.

Differentes em fórmas, e em materia prima, são os *tembetás*, quer os antigos, quer os modernos. São sempre claviformes ou discoides. Os mais lindos e mais antigos são os que eram usados pelos Tupynambás, cuja tribu hoje desappareceu, e que deram motivo a serem confundidos com os Muyrakytãs. Estes são verdes, mas um verde côr de oxido de cobre, e cuja rocha é beryllo e não *nephrite*. Esta é exotica e aquella indigena.

A sua antiguidade conhecida é de 300 annos mais ou menos emquanto que o muyrakytã veio para o Amazonas ha mais de dez seculos.

A noticia mais antiga que temos do tembetá é dada por C. Colombo, que viu, em 1495, alguns Karaibas que o uzavam (1). Posto que fosse uzado pelos Karaibas, senão eram prisioneiros Karanys, comtudo o seu *Karakoli*, não dispensavam, sendo alguns «de six pouces qui est attaché avec une petit corde au cou, et qui leur tombe sur la poitrine»(2) Este karakoli é igual aos que usam os chefes das tribus Uaupés.

Mais tarde o capitão Binot Paulmier de Gonneville, commandante do navio *Expoir*, que em 6 de Janeiro de 1504, esteve em Santa Catharina, na relação authentica que deixou nos registos do almirantado francez, diz que os indios (Karinys) tinham «os beiços furados, e os buracos guarnecidos de pedras verdes bem polidas e adaptadas». (3)

João de Lery, (4) tambem em 1557, vio na provincia do Espirito Santo os Tupynambás uzarem, quando meninos, o beiço furado trazendo pendente do furo um osso polido como marfim, e depois de adultos uma pedra verde comprida e roliça.

---

(1) Herrera, *Dec.* I. pag. 23.
(2) Migne, *Dict. d'Ethnographie*, 1853, pag. 233.
(3) *Rev. do Inst. Hist. e Geogr.* XLIX, 1886, pag. 347.
(4) Hist: d'un voyage faict en la tierre du Brésil, autrement dite Amerique etc. 1578. cap. VIII.

Schmidel igualmente, em 1585, vio o uso do tembetá entre os Guaranys (1).

Ha outros tembetás de quartzo leitoso ou opaco e de alabastro, que ainda hoje são uzados por tribus de Goyaz, Matto Grosso, Piauhy e do rio Tocantins, que tambem usam os de resinas, como a de Yutahy, (Hymenea sp.), porém, a nenhum d'esses se liga virtude ou importancia. Um é uma joia, por assim dizer, o outro um *fetiche*, quasi um idolo.

Castelnau representa um tembetá dos Chambioás, do Tocantins, igual a um que possuo da mesma procedencia.

Os Karayás, que são verdadeiros Karaibas, se dividem em Karayás proprios, em Chambioás e Karayahis, usando todos o tembetá, o que nos prova que se mesclaram ou adoptaram esse uso dos Karanys. Os chefes usam o tembetá grande de pedra, os filhos d'estes os feitos de conchas, e a tribu, em geral, os de madeira.

Mostrado, como está, que o *tembetá* não é de nephrite, que não tem importancia, que tem forma differente, acaba-se assim a duvida do seu valor archeologico, e não causará mais impressão sobre *o juizo d'aquelles que se occuparem do assumpto, o que poderia acarretar erros graves.* Levado um archeologo pelas informações de viajantes que não analysaram a pedra verde, alguns mesmos que não a viram, e escudado na opinião official de um estabelecimento scientifico, como é o Museu Nacional poderiam suppor que no Sul do Imperio fosse usada a nephrite, com o nome de *tembetá* e chegar a conclusões que por melhor fundamentadas, seriam sempre falsas, tendo por base um facto não veridico, como são as hypotheses do autor do artigo sobre os Tembetàs, publicado em 1877 nos *Archivos* do Museu Nacional.

Dou aqui uma prova d'essa confusão.

Um brazileiro notavel, o Dr. Gonçalves Dias, diz na sua memoria sobre *As Amazonas* (2): «Achar-se-hiam pos-

---

Hist. véritable d'un voyage, pag. 15.

(1) Rev. do Inst. Hist. Braz., 1855, XVIII, pag. 55.

suidoras de taes pedras por tirarem-nas do rosto aos que morressem em combates, a que era costume assistirem. . . » e mais adiante «pode d'aqui originar-se a tradicção—de possuidoras das famosas pedras verdes.»

Vê-se, qne, guiado pelos historiadores, Gonçalves Dias, fez as Amazonas, que usavam os muyrakytãs ao pescoço, tiral-os do rosto (labios) dos guerreiros. Só guiado pelo nome de *pedra verde*, confundiu a nephrite com o beryllo e fez existir no Amazonas um enfeite que é do sul do imperio.

Não ha um só auctor ou viajante que falle no *tembetá* tratando dos costumes dos gentios do Valle do Amazonas; todos se referem aos do Maranhão para o sul.

O padre Fernão Cardim superior dos jesuitas, e missionario na Bahia, escreveu em 1584, tratando das joias dos indios : «Usam estes indios ordinariamente, principalmente nas festas que fazem, de collares de buzios, de diademas de pennas e de umas *metaras (pedras que mettem no beiço de baixo) verdes, brancas azues*, muito finas e que parecem esmeraldas, são redondas e algumas tão *compridas* que lhe dão pelos peitos, e ordinario é em os grandes principaes terem um palmo e mais».

Marcgrafve (1) separa e distingue pelas côres esse enfeite, assim: «Viri labium inferius perfuratum habent et foramini immittunt lapidem aliquem aut crystallum seu smaragdum, vel jaspidem magnitudine nucis avellanae: vocant *metara* et si viridis vel coeruleus fuerit *metarobi* nominant.»

Métara, antes, *mbétara* é uma contracção de *Tembé-itá-ara;* de *Tembé*, labio inferior. *itá*, pedra, e a verbal *ara*, significando a *pedra que é do labio inferior*, e *metarobi*, antes, *métaroby*, é palavra composta de *metara* e *oby*, azul, verde, *a pedra verde que é do* labio inferior.

De *Tembetara*, fizeram *mbétara* e depois *mètára*.

Devo aqui abrir um parenthesis para tratar ainda uma

(1) *Hist. rerum nat. Bras.*; libr. VIII.

vez da etymologia do nome Muyrakytã. Houve quem se lembrasse de dizer que significava *pedra do chefe do povo*, de *mira-ki-itá*, que é um disparate, e posteriormente tambem traduziram por *pedra de gente*, de *mira* e *itan*, tambem, sem razão porque *mira itan* diz *concha de gente*,

Estas traducções já as bati em outro trabalho.

(1) Ultimamente appareceu a interpretação, de *conta de pedra*, ou *pedra de fazer contas*, *puêra itá*, tão desarrasoada como as outras. Vejamos. O muyrakytã é um objecto archeologico e data de epocas anteriores á introducção das *contas* no Brazil. objectos estes que os indios não conheciam. Usavam, é verdade, *sementes* e *grãos* furados, alguns muito semelhantes a contas, missangas, como as sementes de alguns *Cissus*, a que davam o novo de *poyr*, que os portuguezes fizeram *puêra*.

Este vocabulo, porem, não significa *conta*, foram os portuguezes que deram o nome indigena ás contas de vidros porque as achavam semelhantes ás sementes com as quaes elles faziam collares.

Não conhecendo os indios as contas, como poderiam chamar a um objecto *pedra de conta* ou *conta de pedra* ?

Puêra itá, significa *pedras de sementes* ou de *grãos* ou latamente *pedra* para fazerem-se *sementes*, porque *poyr* só significa *semente*, e *grão duro*, e não *conta* ou o ornamento feito do mesmo grão.

Dando-se de barato que os indios adoptassem o nome applicado pelos portuguezes, o de conta, significará *pedra de conta* e não *conta de pedra*.

De *muêra itá* nunca indio algum faria *muyrá kytã*, quando muito diria *muêritá* ou *muêritan*. Como os *muyrakytãs*, ordinarios, se assemelham ás contas de leite. procuram substituir os civilisados de hoje o *muyrá*, páo, madeira, por *poyr*, *puêra*, conta, e *kytan*, nó, por *itá*, pedra. Os indios do

---

(1) *Ensaios de Sciencia. Antiguidades do Amazonas*, Fasc. III. pag. 79

Tapayós, que são os que melhor conservam a pronuncia verdadeira do nheengatu, dizem, sem discrepancia, clara e distinctamente *muyrakytã* e não *puêra itá*, e assim todos os que conhecem o amuleto.

Fechando o parenthesis, continúo.

O padre Ivo d'Evreux, tratando dos costumes dos Tupynambás do Maranhão, diz que os de Mearim, eram conhecidos pelo appellido de *Pedras verdes*, nome tirado dos enfeites que traziam *no labio inferior*. Apezar de ser um ornamento labial, levado pela côr da rocha, o padre Ivo confundiu-a com o Muyrakytã, dizendo, «que as pedras verdes eram dotadas de muitas propriedades, especialmente contra as molestias do baço e frouxo de sangue» (1), virtudes que se não ligam a todas as pedras verdes, mas sim á nephrite, de que são feitos os amuletos.

Que não trata elle da nephrite *suspensa ao pescoço*, mas sim do *tembetá*, vê-se quando elle diz que: «a maior de suas ostentações era uma d'estas pedras verdes, de comprimento, pelo menos, de quadro dedos, e bem redonda.» O que certifica este trecho: «Outro Tupynambá, já muito velho, trazia uma pedra d'estas em seu *labio inferior*: era oval e tão larga como o concavo da mão e como a tivesse trazido por muito tempo ahi, sem nunca tiral-a, estava como que encaixilhada no seu queixo, já tendo a carne se dobrado sobre os bordos da pedra e tomado sua propria fórma».

O chronista frei Antonio Jaboatão, (2) que escreveu mais tarde, já não falla do *tembetá de pedra verde*, que era do norte, apenas diz, tratando dos Tamoyos: «que usavam *furar* o *beiço de baixo*, como os Tapuyos e Putyguares, e metter-lhe por dentro um osso com sua cabeça á maneira de prego, de sorte, que sahisse uma ponta comprida para parte de fóra, que tinham por um grande enfeite e o augmentavam nas suas festas com capas e carapuças de pennas de côres.»

(1) Ivo d'Evreux, *Voyage au Nord du Brésil*, Paris, MDCXV pag. 57.

(2) *Novo Orbe Seraphico Brasilico*. Lisboa 1761, Reimpressão do Inst. Hist. Braz. 1858. I. pag 27.

Por estas citações, vemos o muyrakytã, de nephrite, confundido com o *tembetá*, por serem alguns de pedras verdes, posto que de outra rocha, e tambem vemos que só os indios da costa do Maranhão para o Sul, usavam esse enfeite. Querem alguns que os Guayanás, tambem uzassem esse adorno; mas o que é certo é que os indios do Amazonas não tinham *tembetás*, posto que muitos uzassem enfeites de pennas, de dentes e de espinhas nos labios, porém só no labio superior.

João de Laet, (1) já citado, differençou bem os *muyrakytãs*, (amuletos) das pedras de beiço, (enfeites) a que deu o nome de *oripendulum*; diz elle: «Barbari qui Guianam incolunt, magni illos faciunt et solent *pyramidali* forma foraminibus indere sub inferiori labio».

O *tembetá* foi e é usado no labio inferior, d'onde se originou o nome d'esse adorno, como já dissemos. O labio superior tem o nome de *akuan*, pelo que não se poderá dar aos enfeites dos indios amazonenses o nome de *tembetá* porque dá logo a idéa de labio inferior; a dar-se nome terão os seguintes: *muyrakuan (2)*, *tanhakuan (3)*, *kanguerakuan(4)*, *haguerakuan (5)*.

Finalmente o tembetá é o adorno labial privativo dos homens Karanys emquanto que o muyrakytã foi tambem uzado pelas mulheres, Karaibas, e pelas pretendidas Amazonas, perpetuando-se a tradição até hoje, tanto que só ao pescoço de alguma mulher é elle encontrado, a não ser entre os Uaupés que o conservam, segundo a tradicção, como distinctivo de nobresa e de chefia.

Só fazem excepção algumas tribus da Africa.

Assim nas margens do Niger e em toda a bacia superior do Nilo são ellas as que furam o labio inferior, e, as

---

(1) *Loc. cit.*
(2) *Mbgra*, páo, *akuan*, o labio superior.
(3) *Tainha*, dente.
(4) *Kang*, osso
(5) *Ihague*, espinha

vezes, para poder admittir o ornato, que é de prata e claviforme, arrancam os dous primeiros incisivos. (1)

Para não alongar mais este trabalho farei só duas citações autorizadas,

Thevet (2) quando trata do tembetá diz : «les femmes et filles ne sont ainsi difformes, vray est qu'elles portent a leurs oreilles, etc.» Han Staden, occupando-se dos Tupynambás e da *pedra verde*, assim se exprime: «Quand ils sont devennus grands et en état de porter les armes, ils agrandissent *le trou et ils y introduisent une pierre verte;* ils placent dans la *lévre* le bout le moins large et cette pierre est ordinairement si lourde, qu'elle leur fait pendre en dehors la lèvre inférieure» (3)

Quando trata das mulheres o mesmo nos diz : «Les femmes. . . elles n'ont pas d'autre ornement que des espéces de pendants qu'elles attachent à leurs oreilles». (4)

Só com o fim de esclarecer toquei n'este assumpto, para que bem claro fique que o *tembetá* è feito *de materia prima indigena, é contemporaneo e não se lhe liga virtude alguma,* pelo que é essencialmente brazileiro, *e nada tem de commum com o muyrakytã.*

---

(1) Denhan et Claperton, *Hist. Univ. des voyages*, vol. XXVII. 416.

(2) *Les singularités de la France Antarctique*, 1876. pag. 166.

(3) *Hist. d'un pays situè dans le nouveau monde nommée Amérique*, 1837. pag 268.

(4) A mesma obra, pag. 271

IX

O Idolo Amazonico e os de Pensacola, coevos do Muyrakytã

Para mostrar a origem do muyrakytã procurando n'esse immenso labirintho, de differentes emigrações que do norte se estenderam para o sul, cruzando-se em varias direcções, subdividindo-se, fundindo se, e modificando a linguagem pelo contacto com povos de dialectos differentes, vejo-me forçado a tratar ainda do *Idolo Amazonico*, d'esse *Kurumu* Karaiba, porque vem reforçar as provas da origem da civilisação primitiva do Amazonas. prendendo-a ás de Pensacola, Mexico e America Central, trazidas do antigo continente.

Transcrevo aqui parte do que disse em 19 de Agosto de 1875, pelo *Jornal do Commercio* e que depois em avulso reproduzi.

Nas minhas excursões pelo rio Amazonas, procurando, sempre que os meus trabalhos me davam tempo, fazer alguns estudos archeologicos, tive occasião de fazer esta acquisição importante para a archeologia brazileira.

Todos os historiadores e naturalistas, que, desde a maior antiguidade, têm escripto sobre o Brazil, são unanimes em dizer que os nossos indigenas não tinham religião.

Pigafetta, companheiro de Magalhães, na sua *Viagem a roda do mundo*, diz que os indios do Brazil não têm nenhum culto; Lery affirma que os Tupynambás não tinham nenhuma religião, e assim todos se exprimem, servindo-me da phrase de Simão de Vasconcellos :

«Os indios do Brazil, de tempos immemoriaes, a esta parte, não adoram expressamente Deus algum, nem têm templo, nem sacerdote, nem sacrificio, nem fé, nem lei alguma.» (1).

Frei Vicente do Salvador, missionario bahiano, na sua *Historia do Brazil*, escripta em 1627, tambem diz: « Nenhuma fé tem, nem adoram a algum Deus; nenhuma ley guardam, ou preceitos, nem tem rey que lhe dê, e a quem obedeçam», e tratando da falta das lettras *f*, *l* e *r* que não existe no alphabeto indigena, isso confirma dizendo: o peior he que tambem carecem de fé, de ley e de Rey, que se pronunciam com as ditas lettras.»

Cumpre notar que os primeiros que disseram que os indios *não tinham fè, nem ley, nem Rey*, repetindo a phrase por ser expressiva, foram sempre frades ou padres, apossando-se d'ella alguns historiadores seculares, sem critica ou exame, pelo que da mesma forma se tem repetido até hoje.

Os missionarios, fanaticos, e interessados em apresentar almas conquistadas ao demonio para offerecel as a Deus, calumniaram sempre os pobres selvicolas e tudo n'elles era obra do inferno. Negaram-lhes honra, virtude, intelligencia e sobretudo religião e d'ahi veio a falta de fé, de lei e de rei, porque não pronunciavam o *f*, *l* e o *r*. Entretanto, se não tinham crença, nem respeito algum, são os proprios padres que se desmentem, dizendo que acreditavam na vida de alem tumulo e tinham chefes cujos nomes elles mesmo perpetuavam. Se não tinham Rei, como tinham os vocabulos *muruichaua* (rei), *tuichaua* (Principe *moakara* (nobre) e obedeciam ás leis, que interessavam os usos e costumes, que se perpetuaram até hoje ? Como não eram christãos, eram simplesmente brutos e irracionaes ! . . .

---

(1) *Noticias curiosas e necessarias das cousas do Brasil*, pelo padre Simão de Vasconcellos, da Companhia de Jesus. Lisboa, 1668, pag. 291.

Comtudo, nem todos resavam pela mesma cartilha.

Outros, como o padre jesuita João Daniel, que missionou no Amazonas, por espaço de dezenove annos, diz no *Thesouro descoberto no maximo rio Amazonas* (2), escripto pelo anno de 1797, que «os indios tambem idolatravam em idolos, e que com muita difficuldade largavam os ritos e costumes de seus-avoengos». Ainda diz mais: «As pedras todas tinham sua dedicação e denominação, *com alguma figura que denotava para oque serviam*» e entrando em provas, conclue que «deste facto se confirmou que o gentilismo da America era idolatra como o do mais mundo, e que só se differençava dos idolatras das outras partes em que os infieis das mais nações, por mais cultos e polidos, eram mais regulados e apurados no culto, adoração, templos e sacrificios aos seus falsos deuses; e que os Tapuyas, como mais selvagens e brutos, os adoravam e idolatravam nelles mais brutalmente, e com as poucas ou nenhumas cerimonias que permitte a sua innata rusticidade e barbaridade.»

Admittem, tambem outros, que entre algumas tribus existe uma idéa de immortalidade d'alma e da existencia de espiritos protectores, que se tornam bons ou máos, o que é exacto. O uso do enterro dos mortos com as suas armas, as provisões de boca, etc., o provam.

Os escriptores que leram o *Diario* do padre Christovão de Acuña ou Cunha, baseado n'elle, asseveravam que entre algumas tribus antigas do Amazonas havia o uso de idolos, sem, comtudo, até o presente ter sido encontrado algum, por onde se pudesse conhecer a verdade d'essas asserções, as fórmas que tinham os mesmos e aquilatar o gráo de adiantamento em que estavam essas tribus então.

Tive a ventura de ser eu o primeiro a encontral-o, pelo que dei logo á S. Exc. o Sr. Ministro da Agricultura, em 1874, uma tosca noticia.

---

(2) *Revista do Instituto Historico*, tom. 2, n. 8. 1858, pags. 480 e 484.

A theogonia hoje, como então, dos nossos indios, cifra-se em reconhecer um poder invisivel e creador do universo, mas ao qual não rendem nenhum culto, e na crença de espiritos que tomam fórmas corporaes para praticar o bem ou o mal. O *korupira*, espirito das florestas; o *yurupari*, o espirito dos máos sonhos; a *anhanga*, o espirito dos mortos, e da caça; o *maty-taperê*, o espirito perseguidor do viajante, o *yuru-tahy*, espirito da noite, a *yoára*, nympha dos igarapés, a *boya açu*, a mão d'agua, bicho do fundo (1), e tantos outros nos provam esta asserção com as suas innumeras lendas. Temidos por todos não recebem comtudo culto algum.

Esta crença estende se mais longe, vai a crear para todo o ser, quer animal, quer vegetal um espirito que vulgarmente è chamado *Cy*, mãi. A esta creação algumas tribus, ainda hoje, não rendem culto, mas em certa época do anno a demonstram com festas acompanhadas de libações que fazem.

Em algumas tribus assisti a ellas. Entre os Mauhes ha a festa da *Vê-periá* ou da tokandyra; os Parikis tem o seu *Bodú;* os Mundurukus festejam a mãi dos animaes, os Uaupés e os Chirianas tem os seus *dabukurys*, etc.

Esta crença, porém, não os leva a fazerem idolos, como outr'ora, que, havia ume especie de anthropolatria.

Baseados n'esta crença, que por tradição chegou até hoje, os indios dos seculos XV e XVI, a exemplo, é fôra de duvida, de povos mais adiantadss em civilisação, fabricavam idolos de pedra de que se serviam em certas ocasiões. Como o dos antigos Egypcios, tinham elles não sò fórmas humanas como de certos animaes. Convém aqui transcrever a a passagem do padre Cunha que vem no seu *Nuevo descubrimiento del gran Rio de las Amazonas*, escripto em 1639 e publicado em Madrid em 1641.

«Adoram idolos, que fabrican con sus manos, attribuyendo a unos el poder sobre las aguas, y assi les ponen por

(1) Vide o méu Relatorio sobre o *Rio Tapajós*.

divisa un pescado en la mano; a outros por valedores en suas batallas.

«Dizem que estes Diozes baixaron del cielo, para acompanarlos, y hazer-les bien; no uzan de alguna cerimonia para adorarlos, mas antes los tienem olvidados en un rincon para hasta el tiempo que los han menester; y assi quando han de ir a la guerra, llevan en la prôa de las canoas e idolo en quen tienen puestas las esperanças de la victoria; y quando *salen a hazer sus pesquerias, echan mano de aquel, aquen tienen entregado el dominio de las aguas;* pero ni en unos, ni en otros fian tanto, que no reconozcan puede aver otro mayor».

Expressa-se assim o companheiro do capitão Pedro Teixeira, sem nenhum descrever, apezar de tel os visto, como se deprehende de outros trechos do citado *Diario*. Depois da passagem da expedição de Pedro Teixeira, foi se perdendo este uso com o derramamento da luz do Evangelho, não só pelos jesuitas hespanhóes (1657), como pelos carmelitas portuguezes (1695), porque os missionarios queimavam e atiravam ao rio os idolos, que eram uns de madeira outros de pedra, como diz o mesmo padre Daniel: «desejando afundar com ellas (pedras) por uma vez a sua cegueira e cega idolatria».

Com effeito, de então para cá, nunca mais foi visto um só idolo, nem encontrado soterrado, o que prova que eram não só excessivamente então raros, como desappareceram destruidos pelos missionarios.

É verdade que entre as tribus descendentes dos Karipis ou Guaranis não existiram idolos, porem, esse facto não se deu entre os que tiveram por avoengos os Karas, porque foi entre os seus descendentes, Omauas e outros, que os padres Acuña e João Daniel viram os idolos. Todos aquelles que seguiam as *leis*, hoje de Yurupari, antes de Izi ou Boskan, isto é, todos aquelles que tinham *fé* no Muyrakytã, e obedeciam a um Muruichaua, (rei) tiveram idolos. Ainda

hoje os *Canaranas* ou *Kachararys* do Alto Ákeri, no Rio Purús tem os seos idolos, em uma grande casa de palha, completamente immersa em trevas de fórma circular que serve de templo, edificada no centro de uma praça, completamente limpa, a ponto de não crescer nem uma só graminea, onde só chegam os homens, sendo expressamente prohibido as mulheres não só entrarem no templo como transitarem pelo espaço limpo.

Esses idolos são de varios tamanhos, e de argilla invernisada. Tem a fórma de um longo vaso rematado por uma cara, em relevo sobre a cabeça da qual assenta o gargallo que forma uma corôa ou capacete.

Attribuem vida, a esses idolos tanto que se lhes fazem offerendas de comidas e bebidas e até, as vezes, ficam doentes (Kaçuby), pelo que são retirados das filas em que estão dispostos, junto ás paredes do templo, para serem conduzidos para floresta atè ficarem sãos.

Os Karayós ou Guarayós, dos hespanhoes, seguem as mesmas crenças. O Sr. Coronel Labre diz: (1) «Esta tribu se mudara para aqui de Huatchaputhsúa, em cujo templo conservavam guardados muitos idolos e enfeites de plumas de passaros..... e vasilhame de louça grosseira: vi entre a louça, vasos com caras humanas em relevo...»

Descrevendo o templo dos Guarayos, assim se expressa: «A casa que serve de igreja, tem forma elipsoide, prendendo se as gotteiras ao sólo, cujas madeiras e palhas da cobertura colam-se á terra, e em sua parte interna, unindo a cobertura, levanta-se, em toda a circumferencia, uma pequena muralha de barro até á altura de 0,^{m}45 tocando á cobertura, que está ligada ao solo, como fica dito, esta pequena muralha lateral serve para evitar a entrada das aguas pluviaes e vedar o ingresso de animaes immundos no recintho do templo».

---

(1) *Itinerario de exploração do Amazonas á Bolivia.* Belem, pag 26.

Esta é tambem a construcção do templo dos Kachararys, differençando-se na fórma que, é circular.

O Sr. Labre não considera idolos os vasos de argilla com caras humanas, e só os de pedra e madeira, semelhantes aos que viu entre os Araúnas, porem, posso affirmar que, esses vasos são tambem verdadeiros idolos porque o cidadão hespanhol D. Eugenio Gattierrez Solana, que é digno de toda a fé, e, que a muitos annos vive entre elles, nas lides do seu commercio, me garantio que o eram quando me presenteou com um d'estes idolos. N'essa occasião me deu sobre os usos, costumes e ritos minuciosas informações filhas da longa pratica que tem entre elles.

O templo dos Kachararys e Karayós, o numero e tamanho dos idolos, a sua fórma, os vasos que existem em torno d'elles, a escuridão da casa, tudo me leva a aparental-os com os *idolos e os vasos de terra cota de grandes dimensões que estavam com figuras symbolicas em uma casa especial* (casa lobrega de Votan) *em que se guardavam figuras* (Chalchihuitls) *de pedras verdes e mussisas*, que o bispo D. Nunes de la Vega, queimou em Huehuetan, em 1691.

Os Kachararys e os Karayos, tem a tradicção de Votan e filiam-se á emigração Nahua, como depois veremos.

É preciso não confundir-se os verdadeiros idolos com algumas figuras de barro cozido que se encontram. que não passam de ornamentos de igaçáuas ou brinquedos de crianças, como inda hoje os indios fazem, passando para os que ignoram, por idolos, como são muitos dos da Ilha de Marayó.

Entre as tribus que o padre Cunha vio com idolos, devia figurar tambem a das pretendidas Amazonas, se então existisse no mesmo logar onde foi encontrada por F. Orellana, porque julgo quo a essa tribu pertenceu o idolo de que trato.

Como vê-se pelo meu Relatorio sobre o rio Yamundá, foi o *muyrakytã* que me levou a descobrir o lugar da séde das Amazonas; pois bem, o idolo de que vou tratar é con-

temporaneo delle, tem uma duração de mais de tres seculos.

O conjuncto do idolo é uma allegoria, baseada em costumes de animaes e na crença da mãe dos mesmos.

Compõe-se de duas figuras, um *carniceiro* procurando devorar um *chelonio*. Tem de altura 0,^{m}185, de largura 0,^{m}7 e de comprimento 0,^{m}15, comprehendidas ambas as figuras.

Assentada sobre uma tartaruga (Podocnemis), uma onça (Felix) com as garras das mãos segura um enfeite de fantasia, que suspenso pela lingua passa por cima da cabeça da tartaruga e pela parte posterior do pescoço, onde se encostam os dentes da maxilla inferior da onça.

A tartaruga que, pela fórma do casco, se aproxima mais de um jaboty (testudo), tem um longo pescoço erguido perpendicularmente terminando em uma cabeça, que pelas fórmas e posição affasta-se inteiramente das de todos os chelonios. Procurando achar analogia entre esta e a de algum outro animal, não encontrei, o que faz-me crêr que a fantasia guiou a mão do artista, que na figura da onça não desprezou caracteres que a tornam bem conhecida. Tanto a fantasia guiou o artista que além do enfeite que mencionei, ainda ornou o pescoço da mesma tartaruga com uma coleira, enfeitada de uma grega. A fórma da cabeça é alongada, plana na parte inferior e semi-convexa na superior, afilando-se para o focinho.

Este tem latteralmente saliencias que indicam beiços levantados pela pressão interna dos dentes, e pela parte superior vai terminar na altura do frontal, que fica encoberto pela lingua da onça. Os olhos affectam a fórma de um semi-circulo, com a parte convexa para cima. O pescoço e a cabeça do chelonio apresentam fórmas angulosas, de que se resentem tambem os da onça. Tendo a cabeça a fórma semi-globulosa dos carniceiros do genero *Felix*, tem comtudo as maxillas longas e tão abertas que entre ellas forma-se um angulo recto. Se affasta-se no comprimento a maxilla, a

fórma, porém, dos dentes caninos e mollares caracterisam o carniceiro.

Tão exacto foi o artista ahi que até deixou, na maxilla superior, vasio o lugar onde se implanta o canino inferior. Um descuido teve, comtudo, nos incisivos, marcando só quatro em vez de seis. A fórma das narinas, a posição das orelhas, a collocação dos olhos e mesmo a fórma do pescoço se approximam das do terrivel habitante das selvas. A posição do corpo e das extremidades angulosamente trabalhadas approxima-se da dos quadrumanos, tendo porém as mãos as dos carniceiros, com as suas cinco garras. O aspecto geral é o de uma onça, *yauareté* dos indigenas. A cauda, infelizmente partida, pela porção que existe mostra ter sido levantada.

A pezar da incorrecção do desenho, e da fantasia do artista, vê-se que era habil e observador da natureza. O costume que têm os carniceiros do genero *Felix* de virem annualmente, no mez de Setembro, época em que estão no cío, ás praias devorarem as tartarugas, levou o artista a escolhel-o para o symbolo do deus de suas pescarias, procurando a *mãi* da onça, como mais poderosa, para subjugar a das tartarugas, que da pesca são as mais productivas, por lhes fornecer não só a carne, como os ovos, a gordura e o casco, que, então, até para ferramenta servia.

Que era um idolo das pescarias, não só denotam as formas, como confirmam dous furos feitos na parte posterior obliquamente a sahir na inferior, para por elles passarem-se cordas afim de ser ligado á prôa da montaria, (canôa). Têm estes furos de diametro 0,015. O que admira é a perfeição que existe em todo o trabalho feito em um só pedaço de serpentina.

Este idolo, no seu genero o primeiro achado em plagas brazileiras, pelo seu estylo pareceu-me a principio poder ser peruano e transportado para o Amazonas, porém, o mesmo e a historia encarregaram-se de tirar-me esta presumpção.

Que não foi esculpido por aquella geração andina, que esculpio tantos outros encontrados na terra de Manco Capac, o costume que elle representa o prova. Aquelles que esculpiram os idolos que se tem encontrado no Perú, não podiam fazer este; porque nas *punas* das *sierras* não se encontrando as *charapas* (1) nem as *charapillas* (2) não podiam saber que as onças devoram as tartarugas.

No Perú só se encoutram estes chelonios nos rios que cortam a montaña, isto é os departamentos do Amazonas e de Loreto, que são o Maranhão, o Huallaga, o Ucayaly e o Yavary. A historia, pelo padre Cunha, ainda nos certifica, porque foi só depois de passar estas regiões, que elle vio povos com idolos para pésca, caça e guerra, o que não estranharia se conhecesse este uso.

Comparando e estudando o que ha escripto sobre idolos do Perú, nada encontrei que com o de que trato se aproxime. Castelnau nas nas suas *Antiguidades do Perù* nada apresenta que se lhe assemelhe. E' tão antigo que nem Alexandre Rodrigues Ferreira, que explorou o Amazonas em 1787, dá noticia destes idolos.

Representa, pois, o de que trato e de que a figura melhor dá a ideia, um idolo daquelles vistos pelo padre Cunha, e que preso á prôa das canôas protegia a pesca e nos mostra o gráo de adiantamento em que estavam os indios então na arte de esculpir, que hoje decahio. A comparação deste idolo com os muyrakytãs, ainda mais me certificou ser elle comtemporaneo das *mulheres guerreiras*, porque o estylo é o mesmo, assim como o desenho (3).

Comparando a grega ornamental do enfeite, que passa sobre a cabeça da tartaruga, com as da louça de barro que encontrei soterrada, encontrei uma igual, como se póde vêr na estampa que acompanha o meu relatorio e que tem o n.° 20.

---

(1) *Yurará* tartaruga, (Podocnemis expansa) Amazonas.
(2) *Trakayá* (Emis tracajá).
(3) Vide o meu *Relatorio do rio Jamundá*, que já foi publicado em inglez.

A decadencia da arte entre os naturaes do Amazonas foi grande, mas ainda a crença nos animaes e plantas protectoras não se estinguio, Ainda ha quem leve algum pé de *tayá*, (1) na prôa de sua montaria, para ser feliz a pesca, como vi.

Este achado importante para historia e para a archeologia, vem nos mostrar que muito ainda o genio trabalhador do brazileiro philosopho tem de fazer para illustrar a patria querida.

Enviando ao meu illustre amigo o Dr. Henrique Giglioli, Director do Real Muzeu Zoologico e Vice-presidente da Real Sociedade Anthropologica e Ethnologica de Florença, photographias e mais tarde uma copia modellada em gesso sobre o original, pelo notavel esculptor brazileiro Almeida Reis, disse elle, criticando o meu opusculo, em uma das sesões da mesma Sociedade, em presença de S. M. o Imperador do Brazil (2);

«Il Signor Rodrigues é altrimenti giustificato nel credere che l'idolo da lui illustrado *non fosse peruviano*: ho avuto sotl ochio centinaia di idolo del Perù, e non vidi mai nulla di simile fra essi. Ma debbo pero far notare la singolare semiglianza che passa fra idolo amazzonico e certe scolture rinvenute nel Messico, in Nicaragua e specialmente sulla isole Zapatero e Pensacola, che sono rozze figure umane scolpite in pietra e sormontate da effigie di

---

(1) Planta da familia das *Aroideas* do gen. *Calladium*.

(2) Arch. per. l'Anthrop. e l'Ethnol. VII fasc, I. sob o titulo *Lo studio del ethnologia al Brasile* pag. 4. Foi publicado em avulso.

O professor Henrique Fischer, nos *Archiv fur anthropologie*, de 1882, a pags. 438—443, deu uma noticia circumstanciada deste idolo, acompanhada de uma bem feita xylographia, assim como o sr. Richard André, no n.º IX, da *Revista da Sociedade Anthropologica* de Vienna, de 1880, deu tambem uma outra porém, com observações inexactas. A *Revista anthropologica* do Rio de Janeiro, a pag, 3, tambem delle se occupa publicando uma outra xylographia, feita expressamente para esse artigo, que foi aproveitada posteriormente nos *Archivos do Museu Nacional*, de 1885.

animali carnivori in alto di divorar loro la testa, precisamente como fa il yaguar alla testuggine (molto anthropoideo) nell'idolo brazilano.

Ultimamenti nello sfogliare la stupenda opera de Bancroft, (*The natives races of the Pacific states of North America*), ritrovai al principio del quarto volume le figure di alcuni di quegli idoli degli antichi Nicaraguensi.

Questo aumenta anzichè diminuire l'importanza del la scoperta del signor Rodrigues, portando assai piu ad Oriente di quanto si sapeva, le tracie di quelle civiltá che illuminarono le coste Occidentali del Nuevo Mundo dal Messico al Chile.»

Com effeito, lendo eu a obra de Bancroft, á pag. 49 do mesmo 4.° volume (*Antiquities*) encontrei um idolo de Zapatero representando uma onça, (yauara-été) que, posto não esteja devorando animal algum, está, comtudo, assentada sobre um pedestal, na mesma posição em que está a do meu idolo, e, a pags. 49 e 50 outros dous de Pensacola, dos quaes o segundo representa um jacaré (aligator) devorando um homem, tendo a posição da onça do idolo Amazonico, principalmente a dos braços e pernas. Esta semelhança, identificando o pensamento de dous povos muito distantes, vem, depois dos argumentos que tenho feito, provar que o povo de Pensacola e do lago Nicaragua ou *Cocibolca*, dos naturaes, veio ao Amazonas.

Uma objecção poderá apparecer. Poder-se-ha dizer que os idolos da America do Norte eram gigantes em relação aos Amazonenses, mas, direi que nos centros ficariam os grandes, por não serem transportaveis, cujas imagens se esculpiriam entretanto em pequenas dimensões para poderem acompanhar aquelles que se afastavam, aventurando-se aos mares. Assim como temos, hoje, as figuras dos Santos mais ou menos de tamanho natural nos templos, temos tambem as pequenas imagens, que transportamos nas nossas malas

de viagem, não deixando essas pequenas de se identificarem com as grandes.

Aquelles que acompanhavam os navegantes, para se não perderem, tinham orificios proprios para serem presos ás embarcações cuja derrota protegiam, e estas como eram estaveis, não os tinham, por se não fazer necessario.

É a cruz que trazemos pendente ao pescoço por uma argola, mas que não deixa de ser a imagem d'aquella que se ergueu no Calvario, que não tinha argola alguma.

Deixando esse ponto, continuarei.

Sabemos que Quetzalcohualt, o *senhor por excellencia*, (1) por conseguinte o *Kara*, que conduzia ao pescoço o *Tlaquimilolli*, o envolucro contendo o amuleto sagrado, o *idolo de pedra verde*, quando desembarcou em Panuco sahira do sul de Florida, tinha estado em Cuba, segundo nos diz Intlilxochitl, Las Casas, Torquemada e Brasseur de Bourbourg. Não seria em Pensacola, que elle esteve? Está averiguado que os Toltecas iam até o Mississippi e que quando o Chefe Nahua entrou no Mexico tinha deixado o sul da Florida, onde está situada essa cidade na qual se encontram os idolos de serpentina, rocha esta tida por sagrada pelos mesmos Nahuas.

Quando chegou a Cuba, tinha deixado a sua patria *Tula* ou *Tulân*, o lugar onde o sol nasce. Já tratei desta palavra dando as traducções que se tem feito e agora, ainda delle me occuparei, para mostrar a sua origem asiatica. Tulan, que a traducção mexicana diz que é o *lugar onde o sol nasce*, não é mais do que um palavra sanskrita *T'lau*, modificada pelos Arabes, que significa *o nascer dos astros, o lugar onde os astros se levantam*, o *Oriente*. Em arabe vulgar *o nascer do sol é T'laú chchems*.

Vê-se pois que a origem da palavra americana, identica á europea, tem uma origem asiatica. *Tula*, ainda, é

(1) Sahagun, *Hist. da N. Espana*, livr. X. cap. 20.—Las Casas, *Hist. Apol.* etc. III. cap. 20.

T'lau ou *Teloh*, com a pronuncia modificada, mas conservando o sentido.

De Teloh veio Tula, Tulé, Tulan, Toulon, Toulouse. Os philologistas não admittirão a mudança, mas perguntarei eu: será possivel que *Dia* e *Den*, tenham a mesma origem que *Jour*? A' primeira vista, nada tem de commum, entretanto, é a mesma palavra. De *Div* que os arabes fizeram *ïoum*, veio o *dies* latino, donde *diurno*, que os italianos fizeram *jiorno* e os francezes *jour*, como os inglezes pronunciando o *i*, do *dies*, com o som de *ai* fizeram *day* e *dew*. Os Slavos de Dies, fizeram *Dino*, que o Russo mudou em *Den*. Si houve mudança do *T* para *K*, em Tolan para Kotan, houve tambem a mudança de *D* para *T*, quando os allemães de Div e Dies fizeram *Tag*. Parece que entre *Tag*, *Dia* e *Jour* ha mais differença que entre *Teloh*, *Tula*, *Tulan*, *Kotan* e *Votan*.

Sabemos tambem que os Nahuas estiveram por muitos annos de posse das margens do lago Nicaragua, onde os seus descendentes, no tempo de Oviedo, eram conhecidos por *Niquiras*.

O idolo de que trato companheiro e contemporaneo do muyrakytã, sepultado no mesmo jazigo d'onde ambos desenterrei, vêm hoje ainda unidos fazer ver que, se não foi esculpido no Brazil, marcharam juntos pelas Antilhas ou pelo mar dos Karaibas para o Amazonas, um pendente ao pescoço, protegendo, pelas suas virtudes sobrenaturaes, a marcha; outro na prôa das canôas fazendo applacar-se as ondas e ser abundante a pesca.

O mytho protector, symbolisado por animaes; a idéa de que tudo quanto cobre a terra tem uma mãe protectora e poderosa, que existe entre as tribus Amazonenses, nos vem da Asia e da America do Norte. Na mythologia asiatica e nas linguas primitivas sempre a divindade foi expressa por um vocabulo feminino.

A rã e o sapo e mesmo a tartaruga, entre os Nahuas representava papel importante, tanto que foi ella que substi-

tuio a cabeça de Hunahpu, pelo que se esculpio n'ella os olhos deste, que são representados pelas pintas que tem sobre a cabeça.

Para mim è fóra de duvida, que os esculptores idólatras de Pensacola e de Nicaragua, foram os mestres do esculptor brazileiro.

Não temos base para garantir que o idolo fosse esculpturado no proprio rio Amazonas, ou se alhures, apenas podemos affirmar que foi encontrado soterrado no mesmo lugar do muyrakytã, perto do lago *Kurumu* (Deus das aguas) e que se os nossos indios hoje não são todos idólatras pela descoberta do rio-mar, os do Amazonas o eram ainda.

A rocha de que é feito o idolo tambem nos presta um auxilio, e confirma que o uso d'esses idolos no Amazonas foi introdusido pelos Karaibas-Nahuas, que o trouxeram ou transportaram o seu material.

A rocha de que é feito é a *steatite*, *o speckstein*, denominada tambem *serpentina*, rocha que se não encontra no Amazonas, pelo menos no seu extenso valle. A que é commum, é o grés e nas região das cachoeiras o diorito, ou o syenito, de que em geral fazem os machados.

Apenas no Rio Capim encontrei uma especie de machado de mão, que está hoje no Museu de Florença, feito de uma steatite grosseira.

A coincidencia de ser o idolo da região das pretendidas Amazonas, feito da mesma rocha de que são feitos os seus similares de Pensacola, e o facto de ser a steatite uma rocha apreciada pelos povos Toltecas, que o tinham por petrificação da carne humana, como nos refere De Nadaillac e outros (1), tudo isso confirma as analogias que até aqui apresentei entre os tres povos, fazendo-os ramos de um só tronco ethnico.

---

(1) *Amérique Préhistorique*, pag. 161.

Em um outro trabalho occupei-me de uma outra emigração que houve tambem para o baixo Amazonas, a dos descendentes dos povos da Vinlandia, os constructores dos *Aterros sepulchraes*, de Marayó, dos *kjockenmoeddings*, (sernambys) mas esta, parece-me que occupou apenas o littoral e o baixo Amazonas, e só muito mais tarde chegou e cruzou-se com outra geração que descendia tambem do tronco asiatico.

Os seus vestigios são de Obidos para baixo, e na margem opposta.

O que é exacto, e não se póde duvidar, é que vestigios existem das duas immigrações.

A normanda, cruzada, que nos legou os *aterros sepulchraes*, os *sernambys*, as fórmas de alguns machados e de alguma ceramica e a asiatica, *Nahua* ou Karaiba, que nos deixou os *muyrakytãs*, os *idolos*, as *inscripções*, os nomes de alguns lugares, as lendas e certos costumes.

Se uma absorveu, ou fez desapparecer a outra, é um mysterio, o que de mais positivo se me offerece é que a immigração sahida da America Central foi maior e mais demorada, porque vinculou mais profundamente o que lhes era proprio. Não duvido que, como forçosamente as vindas para o Amazonas foram em differentes epocas, e os troços que aqui chegavam eram tambem de ramos differentes da mesma arvore, o povo Vinlandico não fosse puro, e sim mesclado com o do Mexico, pelo que deixasse ao lado dos costumes de Odin os de Votan.

Tanto no Mexico houve a mescla com o povo da Vinlandia, que se encontram muitissimas palavras Nahuas que são Scandinavas, pouco modificadas ou mesmo puras, tendo ainda o mesmo significado. O Padre Brasseur de Bourbourg cita um grande numero d'ellas. (1)

---

(1) Congrés de Nancy. I. pag. 448.

E sabido que os povos do Mexico e da America Central pelas diversas migrações, para todos os lados, subjugando uns, vencendo outros, mais tarde vencidos, iam-se cruzando, e se modificando, não só em usos como em linguagem e com o correr dos annos, só ficaram vestigios emmaranhados. Não havendo no Brazil nada escripto, tendo sido as primeiras tradicções despresadas pelos primeiros missionarios e viajantes, hoje nos vemos em completa escuridão, acerca dos povos que para o Brazil immigraram.

Comtudo o que nos deixou pegadas mais profundas que o estudo descobre, foram os Nahuas e os Karaibas, estes já desligados d'aquelles, como já divididos tambem estavam os primeiros, e longe da raiz commum que ficara em epocas muito anteriores na Asia.

A descendencia dos povos da Vinlandta nos deixou, é verdade, os aterros sepulchraes e os sernambys, porem como pontos destacados sem tradicção alguma, emquanto que a dos Nahuas nós deixou em torno do muyrakytã, monumento authentico, as lendas, a tradicção, os usos, as inscripções e mesmo o typo humano.

Estudando, hoje, melhor a questão, vejo que a raça que predominou, pelo menos em certa região, isto è do Rio Tapayós ao Rio Içá ou Putumayo principalmente na margem esquerda do Amazonas, foi a de origem asiatica, porque só n'essa região se encontram elementos que nos levam para esse berço commum da humanidade.

Os restos caracteristicos de costumes normandos, estão fóra destes limites e dirigem-se para a foz do Amazonas e para o littoral, O *sernamby* da Taperinha, está fóra e abaixo do Tapayós, apenas o do *Páo mulato* está na região, mas, esse mesmo na margem direita do Amazonas.

E' verdade que no lago Paru, existe um aterro sepulchral, justamente na região do muyrakytã, mas esse comparado com os de Marayó é muito differente e attesta ou-

tros constructores não só pela maneira de enterrar os mortos, como pela forma e pintura da ceramica.

A marcha dos póvos que nas minhas *Antiguidades do Amazonas* estabeleci, presumo ser exacta, porem hoje vejo que distinctos foram elles.

O das inscripções, foi o que deixou as lendas, que trouxe o Muyrakytã, e os idolos, mas não foi o que fez os *aterrros* nem os *sernambys*.

Um esculpia, outro edificava, aquelle seguia as leis de Votan, este venerava Odin e Quetzalcohuatl.

Esta confusão que se encontra para o baixo Amazonas, entre costumes de filhos de dous simi deuses, encontra-se tambem no Mexico, onde apparece o *Odon* ou *Oton* deus dos *Otomis* e dos *Oton-Chichimecas*. Para mim a influencia Nahua veio do Panamá pelas Guyanas, e Nova Granada ao Amazonas e a dos Normandos pelas Lucayes, Antilhas e Orenoco, uma por terra outra por mar, isto em varias epocas, por grupos mais ou menos puros ou mesma já distinctos, como o dos Karaibas, que foi o mais moderno.

O que é real, é que o Muyrakytã, apezar de todas as transformações porque passaram as populações de então até hoje se conserva, rodeado ainda de veneração, que a poranduba indigena perpetùa, e. é elle a unica chave que entreabre a porta por onde se póde chegar á verdade.

E' elle a palavra magica, o *Sesamo*, dos contos orientaes.

O que se deu êntão, e, o que nos deixaram, é o que se dá hoje.

Formulemos uma hypothese. Supponhamos que d'aqui a 2000 annos, se não houvesse a historia, o Amazonas ficasse desconhecido e que então apparecesse um archeologo, sem um fio, sem uma tradicção o que poderia dizer?

Encontraria no mesmo local o machado de pedra e o de ferro; a louça da India, com a porcelana franceza e os vasos de terra cota; a arma Colombiana, e a ponta de fle-

cha de silex; os cemiterios e as iukaçauas, e um mixto de usos e costumes, que não poderia descriminar se esse uso pertencia a tal raça ou qual a que predominava.

Assim quasi nos achamos hoje. O machado de pedra, por exemplo, sem o exame geologico não nos serve para o estudo, porque entre os prehistoricos achamos os hodiernos, feitos da mesma rocha, com as mesmas fórmas e com as mesmas dimensões, a ponto de se não poder distinguir uns dos outros.

Não temos remedio se não ás apalpadellas, com muita circumspecção e probidade, do meio d'esse baralho, irmos separando o que nos parecerem naipes, para com novos elementos e novas descobertas, irmos completando, ou modificando, a se achar e formar o baralho.

E' obra do futuro e para muitos trabalhadores, porque o que nos parece hoje uma verdade, mais tarde novas descobertas nos mostrarão que estavamos em erro; e dever é, pois, do homem probo, que trabalha para o conhecimento d'ella, ser o primeiro a mostrar que ia em caminho errado para não transviar aquelle que o seguir.

O muyrakytã e o idolo estão neste caso, são os unicos monumentos, cuja authenticidade é incontestavel e que filia-o a civilisação da America prehistorica á Asia; são as mais valiosos, por serem uma prova material, sobre o qual pode a chimica, a mineralogia e a archeologia fazer os seus estudos; toda essa importancia, porem, pode de um para outro momento, diminuir logo que se descubram no Brazil jazidas de nephrite.

Não perderá todavia completamente a sua importancia porque ainda assim, ficam as formas, os prejuizos que ha sobre elle, o seu emprego e as lendas, que nos perguntarão: se era um uso antocthone, e se foi fei feito de rochas do paiz, porque razão perpetuam elles uma tradicção asiatica que intimamente a si prendem ?

Fica a duvida que é peor do que todos os desenganos.

X

O Dr. A. B. Meyer e a questão da nephrite

A jade, geralmente fallando, que tinha sido tratada por muitos autores sob differentes nomes, sem que merecesse d'elles outro interesse, a não ser o mineralogico, de 1874 para cá, entretanto, entrou em nova phase apresentando-se com a sua verdadeira natureza, que a chimica havia precisado, separando as suas especies e dando-lhes definitivamente as denominações de nephrite, e jadeïte.

Tomou então lugar saliente na Archeologia, tornando-se a chave que abre as portas que occultam a origem do povo americano.

O sabio professor Fischer o apresentou no scenario Europeu, como producto do Oriente, quando o obscuro autor destas linhas apparecia em campo aberto, desenrolando o estandarte que guiou a corrente migratoria, que, com a nephrite, se estendeu pelo Amazonas, pela America do Norte, tendo a sua extremidade preza ao solo que foi berço da humanidade.

A' medida que as provas se amontoavam, mostrando quo as unicas jazidas de nephrite e de jadeïte, existem no centro d'Asia, maior vulto tomava a questão; porem, em 1883, as aguas começaram a se turvar e d'ellas sahiu um adversario da idéia, que tantos proselytos tinha, contestando a nossa opinião e affirmando, como outros já o haviam pensado, que na Europa e na America tambem devem existir jazidas de ambas as rochas.

Na Europa o unico batalhador era o Conselheiro Dr. Henrique Fischer, Director do Museu Mineralogico de Fri-

bourg, em Baden, e como para elle convergissem as palmas e os louros que iam os estudiosos offertando, appareceu o Sr. Dr. A. B. Meyer, (1) Director do Museu Zoologico, Anthropologico e Ethnologico de Dresde, apresentando-se adversario systematico de Fischer.

Se não fora á questão da nephrite levantada por Fischer, e por mim, o Sr. Meyer talvez não apparecesse, porque até então estava entre os illustres desconhecidos, e ninguem se occupava da nephrite, sob o ponto de vista que me occupa.

Com a sua conferencia de Março de 1883, publicada sob o titulo *Die Nephritfrage kein ethnotogisches Problem*, appareceu para ser logo batido por Fischer.

D'ahi em diante appareceram alguns pequenos escriptos seus, combatendo a origem asiatica da nephrite e da jadeite e assegurando, sem provas, que devem existir jazidas na America, baseado, talvez no que disse La Condamine e nas informações dadas a Humboldt.

Teima por teimar, porque, em trabalhos successivos que desmoronam os seus castellos, Fischer, com sua palavra autorisada, provou, sempre, que razão alguma tinha o Dr. Meyer. Ultimamente, para produzir effeito de occasião, annunciou que tinham descoberto *jazidas de nephrite* em Alaska, na America do Norte, cujas amostras tinha examinado.

Corre a noticia, mas, depois sabe-se e prova-se que as amostras que lhe serviam de base foram objectos trabalhados, e que as jazidas encontradas pelo Commandante Jacobsen, a que Meyer se referia, não eram de nephrite e sim de *amazonsteine*.

Na sua *Nephritfrage*, de 12 de Novembro de 1883, diz

---

(1) Os escriptos que tem sobre a jade são os seguintes:

Konigl. ethnographisches museum zu Dresden. Leipzig. 1882–83; *Einneuer Fundort von Nephritin Asien.* 1883; *Die nephritfrag kein ethnologisches Problem* 1883; *Der Sannlhaler Rohnephrifund.* 1883; *Ein zweiter Rohnephrifund in Steiermark.* 1883; *Das jabeitbill von Gurina ii Gailthal* (Karnthen.) 1883; *Uber die Nephritfrage.* 1883; *Uber Nephrit und ochnliches material aus Alaska*, 1884.

que ha jazidas na America, porem, sem dizer de que substancia, se *nephrite* se *jadeïte*.

Depois, quando trata especialmente de cada uma das especies, em um lugar refere-se á jadeïte em outro no *Catalago dos Antiquarios de Frisa*, á nephrite. Com que prova o que diz ?

As informações do Dr. Meyer são como as do *talisman* africano, do Museu Britanico, todas falsas.

Todos os seus artigos posteriores foram sempre analysados pelo meu finado amigo Fischer (1) e vantajosamente combatidos ficando sempre provado que Meyer e seus sectarios, como Arzruni, (2) pisam em terreno falso, apresentando um problema que se não resolverá, o de existirem jazidas de nephrite na America e na Europa.

O encontro dos artefactos de nephrite em Alaska prestou um serviço, veio mostrar mais uma balisa a que se prende a corrente migratoria e confirmar a marcha que dou dos filhos do sol, para as aguas do Amazonas.

Para que se faça ideia da antiguidade da nephrite, sem que nunca fossem achadas as jazidas, basta dizer-se que o seu apreço data de épocas muito anteriores a Christo e que tendo centenares de autores d'ella tratado, nenhum determinou o seu leito geologico, fóra da Asia. Era tão apreciada na Europa que «elle resta longtemps l'object de superstions dont il subsiste des traces. Les Germains la portaient en guise d'amulets, como nos diz Zaborowski, no seu *Homem prehistorico*.

Os Museus guardam em suas collecções objectos de nephrite e jadeïte, principalmente *celts*, todos de procedencia Asiatica, posto que alguns achados na Europa, para onde foram em epocas anti Colombianas.

---

(1) Leia-se o que disse o Dr. Fischer no *No jahrbuch f. minoralogie.* 1884, Bd. II. pag. 324 e 327 e no *Beilage gur Allgeimcinen Zeitung*, de 18 de Abril ae 1883 e em outros trabalhos.

(2) *Nene Beobachtungen am nephrit. und jadeite* (1883).

Depois de 1494 da descoberta da America, novos contingentes d'essa rocha foram levados para a Europa; porem apezar de todos os esforços, nunca nas duas Americas se encontraram as jazidas. Entretanto, da descoberta do Amazonas, em 1544, da do Mexico, em 1508, para cá já decorreram quasi 400 annos, e n'esse longo estadio os missionarios, as aventureiras *bandeiras* portuguezas e hespanholas, cortaram os sertões, destruiram mattas, e captivaram os naturaes, carregaram suas riquesas e principalmente os hespanhóes, se empenharam em descobrir as jazidas dos *chalchihuitls* ou das pedras nephriticas, que levavam para Europa, em obras, a trocarem por ouro, porque quasi que a seu peso eram là adqueridas.

Como não acharam ? A civilisação tem envadido todos os centros e mesmo aquelles em que dominam os selvagens, estão mais ou menos conhecidos, notando-se que os indíos trazem, sempre, o que encontram no seu solo, para permutarem com os brancos e por elles, alguma noticia havia de haver.

Se pela conquista do Mexico se não descobrio, muito menos hoje.

E' inadmissivel o seu querer que tenham se extinguido as jazidas, ou os blocs esparsos. Porque não se extinguiram as da Asia, exploradas a milhares de annos ?

A nuvem de pó que levanta o Dr. Meyer, tem uma grande utilidade, é a de dar mais importancia e valor á questão da nephrite, dando lugar a que se procurem jazidas, com afan, sem que nunca appareçam, provando assim que razão tinha Fischer e tenho eu, em affirmar que os muyrakytãs são importados, e que a origem da civilisação Americana é Asiatica.

Adiante mostrarei com provas ethnologicas; com as lendas, com as tradicções e com a linguistica, que o muyrakytã sahe no Amazonas d'uma veia cuja arteria vae ao coração da Tartaria.

Depois da desapparição da jade, na America, e do esmeril, com que a trabalhavam, isto é, depois que deixou de ser importada, tornando-se rara, começaram então os naturaes a fazer os amuletos de amazonstone, no Mexico, em vez de jade verde, de quarizo, para substituir a jade branca, ou das rochas que tinham ao seu alcance, na região em que habitavam. D'ahi vieram os *calchihuitls* Mexicanos, a falsa nephrite, os *nanacys* dos Uaupés, e os talismans, do endocarpo dos fructos de palmeiras, de algumas tribus do Amazonas e do Orenoco.

Já no reinado de Mocteuzuma ou Montezuma, isto é, pouco antes da descoberta da America, foi que os esculptores da cidade do Mexico souberam que nas provincias de Tatotepec e Quetzaltepec, havia uma especie de areia ou de esmeril muito proprio para polir a pedra, pelo que, segundo Diego Duran (1), o rei Montezuma, attendendo ás queixas que haviam de não consentirem, os habitantes d'aquellas provincias, que tirassem a dita areia, levou-as referidas queixas ao seu concilio, o qual determinou que se enviassem mensageiros á mão armada a Tetotepec.

Depois de lutas os habitantes consentiram e se fizeram tributarios do rei e da cidade do Mexico.

Estes chalchihuitls, de falsa nephrite, por muito tempo passaram confundidos com os de jade, e só ultimamente pela analyse chimica se differençaram.

A rocha mais vulgarmente, então, empregada, foi que denominaram *amazonstone* (2); porque muitos objectos achados, trabalhados, suppunha-se que sahiam do Rio Amazonas, e eram usados pelas Amazonas, quando n'esse grande rio não só não existem jazidas, que me conste, como ainda não vi um só fragmento ou objecto feito d'essa rocha, acha-

---

(1) *Hist. de las Indias de la Nueva Espana.* vol. I. Cap. LVI. pag. 454. Edic Ramirez, Mexico, 1867.

(2) Uma variedade de orthosia colorida pelo oxido de cobre.

da em seu valle. O illustre Dr. Meyer, convicto ou não, baseado não sei em que, affirma, comtudo, que jazidas de nephrite devem existir na America e que os objectos levados para Europa, não são oriundos da Asia e sim Americanos.

Convem, entretanto, fazer notar, que nos dous ultimos seculos, nem um só pedaço de rocha bruta foi achado na America, e o que se encontra, rarissimas vezes, são artefactos mais ou menos bem trabalhados, todos affectando as mesmas fórmas dos Asiaticos.

Porque razão, encontrando-se estes, que deveriam ser mais raros, não se encontraram as rochas, nem os blocs ou fragmentos ?

A jade é rocha dos terrenos primitivos, encontra-se nos leitos de talchisto, facil é, pois, n'elles a sua procura.

Ou a extracção d'essa rocha nos tempos idos foi tão grande que deu consumo, não só às jazidas como á suas raizes e até aos mais insignificantes blocs ou fragmentos ?

Ou é rocha de tão facil decomposição, para desapparecer em pouco tempo ? Se assim è, porque não desappareceram as da Asia e não se decompuzeram os objectos trabalhados que se encontram uns soterrados e outros expostos ás intemperies ?

Ou o tempo só tem o poder de actuar sobre as da America ?

Como todas as florestas Americanas não estão derrubadas, como a charrua e o arado ainda não sulcaram todas as suas terras, affirma-se que sob essas florestas existirão as jazidas.

Admitamos, por hypothese, que assim seja; mas, porque razão se liga ao muyrakytã, pelo menos no Amazonas, e no Perú, tantas circumstancias que o prendem ao solo Asiatico ? Cemo objecto archeologico, cumpre submettel-o a provas ethnologicas, e essas são unanimes em dar lhe por patria o continente da terra da pedra de que trata o livro

de *Josué*, quando no versiculos 2 do capitulo V diz: «N'aquelle tempo disse o Senhor a Josué: Faze umas faquinhas *de pedra* (1) e circuncida segunda vez aos filhos d'Israel». Fac tibi cultros lapideos et circumcide secundo filios Israel.

A propria nomenclatura de alguns lugares, da região do Muyrakytã, è homophonica de lugares e cousas que se prendem a Asia pelas linguas. Dirão: meras coincidencias! Mas, porque motivo, em todo o Brazil, não existem essas coincidencias ligadas á outra rocha, ou a outro artefacto? D'onde vem essa unidade de predileção entre os povos da America e os da Asia por essa rocha, ligando-lhe virtudes e preferindo-a para amuleto?

Porque não se tem encontrado no seu immenso territorio o muyrakytã, senão no valle do Amazonas e, isso mesmo, em limitada região, que se prende á Costa Rica, á Guatemala, ao Mexico, á Nova Granada, e ao Peru pelos affluentes do Amazonas, onde a pictographia perpetua factos, que deveriam ser notaveis, e certamente não exprime outra cousa mais do que os marcos de uma corrente migratoria, como já o disse?

Este itinerario, que da California, pelo Mexico vem ao Amazonas pela America Central, ou pelas Lucayas, Antilhas, Orenoco e Magdalena balisado por objectos de nephrite, que por todo esse trajecto vão se prendendo ethnicamente á Asia, nada exprime?

Procure o illustre Director do Museu de Dresda, conscienciosamente, resolver o problema; prove-nos mineralogica e chimicamente a natureza da nephrite das jazidas, que por

---

(1) Em 1871 o PadreRichard, hydrogeologo, depois da sua viagem ao MonteSinai, á Galgala e á Palestina, apresentou á *Academia de Sciencias de Paris*, algumas facas de pedra, achadas por elle no tumulo de Josué, descoberto anteriormente, em 1863, em Tibneh pelo sr. Guerin. A versão dos *Setenta*, diz que as facas que circumcidaram os Israelitas foram guardadas por Jusué e que pela sua morte foram com elle enterradas.

Posto que sejam historicas essas facas, pela authenticidade do achado no tumulo, quero crer, comtudo, que ellas são de *silex lascado* e não de nephrite, pelo que não sejam as mesmas de que se serviu Josué.

ventura forem encontradas na America, que emquanto por esse caminho elle procurar a verdade eu pela ethnologia reunirei tambem materiaes, que provarão que não sem razão, Fischer e eu, avançamos as nossas opiniões que já tem muitos sectarios.

Veremos a quem o futuro dará a palma da victoria.

Até á morte de Fischer todos os argumentos que foram apresentados, pelo Dr. Meyer, foram destruidos valorosamente; hoje poderão estar de pé, porque ninguem lhe tem ido ás mãos, na Europa, porem aqui na terra da *Pedra das Amazonas* fico eu na estacada, reunindo os materiaes que das atalaias me cheguem para provar o contrario.

Note-se agora, um facto que não acredita muito o Director do Museu de Dresda. Não obstante existir a opinião de Meyer, desde 1883, quando se reunio pela sexta vez o *Congresso dos Americanistas*, em 1886, em Turim, a 15 de Setembro, no terceiro e quarto dia de sessão, tratou-se da questão da jade ou da nephrite, apresentada pelo Sr. Barão de Baye. que adoptou a opinião do Sr. F. W. Putnan, Conservador do Museu de Peabody, sem que ao menos o nome do Sr; Meyer fosse citado (1).

O illustrado professor Putnan tinha apresentado uma memoria á *Sociedade historica de Massachussets*, acerca de varios objectos de jadeïte achados em Nicaragua e Costa Rica, sendo de opinião, depois das analyses chimicas que fez, que esses artefactos tem *o mesmo peso especifico* e a *mesma côr da rocha Asiatica.*

É de parecer tambem, que os objectos foram *levados á America já feitos e por uma emigração Asiatica.*

«N'y a t'il pas lieu de supposer que les possesseurs primitifs de ces instruments en jadeïte sont venus de l'Asie, et qu'une partie de l'Amérique a été habitée par un peuple

(1) Baron de Baye, *Congrès intern. des Americanistes*, 6me *Sess. Turin*, 1886, pags. 33 it. 37.

parti du continent Asiatique ? » Pergunta o Sr. Barão de Baye, repetindo o que diz o Sr. Putnan.

A Sociedade adoptou o seu pensar; pelo que, é mais um batalhador em favor da minha opinião, tão sustentado pelo meu finado amigo Fischer, de saudosa memoria, e levada a esse congresso pelo meu amigo o Sr. Condé Stradelli.

Está a questão n'este pé, sendo por todos tratada pelo lado chimico, procurando-se identificar as substancias pelo lado das analyses, e por esse meio provarem-se as emigrações pre-Colombianas, do velho para o novo continente.

Eu estudando os muyrakytãs faço o que os outros não têm feito, escudo-me na ethnologia e na archeologia, que nas suas subdivisões apresentam um cortejo imponente, que levam os amuletos do Amazonas, atravez dos tempos idos e da raça Votanica pelos filhos do sol e das serpentes da America Central, para os seus progenitores descendentes das serpentes Kalinaga e *Ananta*, a qual sustenta o mundo, e de Ixwaku, o fundador da raça do sol, sahido do umbigo de Manu.

Alguns destes descendentes são os *Kari-aks*, das costas de Alaska, unico povo hyperboreo que tem a tradicção de ter sahido do Occidente, e que habita a região em que se encontraram os amuletos de nephrite que deram lugar a exhibír-se o Sr. Dr. Meyer.

XI

Observações sobre a arvore monogenica dos povos que tinham a tradicção do muyrakytã

> Les religions de la haute et de la moyenne Asie se frayèrent de bonne heure un passage dans les contrées les plus occidentales de cette partie du monde.
>
> Creuser. *Religions de l'Antiquité*, II. pag. 5.

> Quoi qu'il en soit les premiers habitants de l'Amérique sont sûrement provenus du vieux monde; et ils ne descendant nullement des singes americains.
>
> Haeckel, *Histoire de la création*.

A arvore genealogica que apresento basea-se no encontro e no uso do muyrakytã de nephrite, isto é, os povos n'ella mencionados usaram esse amuleto e nas regiões em que habitam os seus descendentes, elle tem sido encontrado, o que tem dado lugar a que se affirme, como o Dr. Meyer, que devem existir jazidas d'essa rocha na Europa e na America.

Liga-se, sempre, a essa rocha, pelos estudos que fiz, o *sol*, a ophiolatria, a platicephalia, a estoleca, a çarabatana, o uso do veneno e as radicaes *Kur* ou *Kar*, *Par*, *Tun* ou *Ton*, *Tol* ou *Tul*, que, nos dialectos de todos esses povos, tem sempre o mesmo significado, mesmo quando modificados pela phonetica peculiar.

Esta arvore completa a que apresentei a pag. 13, baseada na derivação do vocabulo sanskrito *Ap*, que produziu, mesmo na alta antiguidade do muyrakytã, o *Pàrô* e o *Tuna*.

Em ambas as arvores se vê, pelos galhos, os dous caminhos que tomaram as caravanas das hordas que em diversas épocas, com lingua e costumes mesclados, desfraldaram as suas bandeiras no planalto da Grande Tartaria. Partiram umas para o Oriente, outras para o Occidente e as caravanas foram nos primeiros tempos successivamente balisando o seu roteiro com marcos, de nephrite, os quaes se perpetuaram com os referidos vocabulos, apezar da multiplicidade das linguas, dos costumes e das crenças que appareceram.

Na America, e principalmente no Brazil, onde se espraiaram as ondas invasoras, a civilisação decahiu e voltou à barbaria, porem, alem do muyrakytã, os immigrantes deixaram entre os actuaes indigenas, as tradicções, o physico e certos habitos que retratam perfeitamente o typo Asiatico.

Posto que a conformação craneana esteja muito modificada e se ressinta dos cruzamentos, todavia, por atavismo, ás vezes, apresenta todos os caracteres da raça Mongolica.

A platicephalia muito concorreu para deformar naturalmente a cabeça, porque, por heriditariedade, com o correr dos annos, o que nos primeiros tempos foi artificial, passou a apparecer natural, não com o desenvolvimento que a mãe artista conseguia fazer a prole apresentar, mas, com as modificações physiologicas que a natureza sabe, nos seus mysterios, imprimir ás suas obras. Tanto a natureza procura perpetuar a obra humana, que, segundo Tschudi, um feto tirado do ventre de uma mumia achada em uma *huaca* de Huichay, a duas leguas de Tarma, tinha a mesma disposição platycephala da mãe.

O estudo comparativo que tenho feito em milhares de indios de diversas tribus, sempre me tem mostrado typos, de ambos os sexos, que seriam tomados, em qualquer parte, uns por Turcos outros por Chinezes ou Japonezes.

Os caracteres da raça amarella são bem pronunciados nas tribus Karaibas, apezar dos grandes cruzamentos. As-

sim as proeminencias das faces, o achatamento do nariz, a côr da pelle, o bridamento dos olhos, a dureza do cabello, o rarefeito da barba de pellos hirtos, a excacez e a dureza dos pellos do bigode, a estatura, a musculatura, o tamanho e a conformação dos pés e mãos, etc, tudo nos mostra um typo Mongolico modificado pelo meio, pelo cruzamento e pelo tempo.

O estudo craneometrico que tenho feito me levou a caracterisar os actuaes selvagens do Brazil em tres grandes raças, que se dividem em ramos, da forma seguinte:

1.ª Raça KARAIBA
(Valle do Amazonas.)

Char. *Susbrachycephalo, platycephalo, megazema, mezorhino, prognata.*

Indice cephalico 78°—81°.

2.ª Raça KARINY
(Littoral e sul do Brazil.)

Char. *Dolichocephalo, platycephalo, megazema, platyrrhino, prognata.*

Indice cephalico 75°—80°.

3.ª Raça TAPIYA
(Centro do Brazil)

Char. *Dolichocephalo, scaphocephalo, megazema, leptorrhino, prognata.*

Indice cephalico 73°—78°.

No Valle do Amazonas, não fallando das tribus que eu chamo TUPYNAMBARANAS, isto é, d'aquellas resultantes de cruzamentos de Tupynambás com Karaibas ou Tapiyas, como

a das que pelo Rio Madeira chegou à ilha que hoje tem esse nome, existem entre os Karaibas algumas Tapiyas puras, nas cabeceiras de alguns affluentes da gigante arteria fluvial.

Emfim, o muyrakytã está ligado a typos que são afins da raça Mongolica.

Todos os naturalistas têm observado a semelhança que ha entre as duas raças e para isso basta citar somente o que diz Castelnau: «Il est difficile encore aujourd'hui de distinguer sous le rapport physiologique quelques uns des peuples de l'Asie avec les sauvages de l'Amérique.»

Para completar este trabalho falta o estudo anthropologico, que virá mais tarde, com o dos Karinys ou Guaranys, por ser assumpto de um escripto especial.

Como se vê da arvore monogenica, admitto duas invasões notaveis, da mesma origem, para as tribus Karaibas comprovadas pela nephrite, e que chegaram á America por caminhos diversos, em épocas differentes, divididas em hordas, com linguas já tambem differentes, porem, ligadas pelas mesmas crenças, que como vagas se succediam umas pelo Oceano Pacifico outras pelo Atlantico.

Uma das grandes vagas rebentou nas praias da Alta California, e rolando depois até ao Peru desfez-se nas suas encostas indo a ressaca até ás areias do deserto de Atakama e a outra impellida pela corrente equatorial arrojou-se sobre as Lucayas e Antilhas e despedaçou-se nas ilhas.

Os povos trazidos pela primeira internaram-se, levantaram os Mounds, e descendo chegaram successiva e periodicamente ao Mexico e Guatemala onde deixaram os *teocallis* Os atirados ás ilhas pela segunda vaga, n'ellas se estabeleceram uns, com os seus *Chimés*, filhos do sol; passaram á Florida outros, onde esculpturaram os idolos de Pensacola, e atravessaram o Golpho chegando ao Mexico ainda outros, que tiveram de conquistar o paiz aos que já d'elle se tinham apoderado, pela invasão do Pacifico, e construiram Palenque.

As lutas que se deram, depois de uniões, occasionaram a marcha de um ou mais corpos que foragiram para a America do Sul onde as vias naturaes, os *parus*, como o Magdalena, a facilitaram, fazendo attingir as *yuncas* de Cundinamarca, nas quaes se derramou o culto do Sol.

A vaga que arrojou-se sobre os rochedos das costas do Peru, dividiu-se; uma parte fixou-se ahi, e levantou as *chulpas*, outra montou as cordilheiras e alcançou as *punas* do lago Chucuito onde fundou Tiaguanaco, o magnifico fóco dos adoradores do sol e ergueu as suas *huacas*.

Com o correr dos annos dirigindo-se mais para o Sul as ondas que vinham do norte, impellidas por outras mais modernas encontravam-se com as que, então, para alli caminhavam e do choque resultava a divisão, que se espraiava para os lados do Beni e do Amaru-Mayu (1). Seculos se passaram, por isso, para essas hordas, todas filhas do mesmo sol e descendentes das mesmas serpentes de Yuthian, quando se encontravam eram desconhecidas e portanto inimigas.

D'esse encontro os filhos de Bochicha, como mais numerosos dominavam os de Pachacamac e o elemento quiché ou kichua, rompendo as hostes Aymaranas obrigou o levantamento de bandeiras independentes, que buscaram as vertentes da *montaña* para ahi, livres, viverem com seus *kurakas*. Deixaram as *nevadas* pelo calor das florestas com o qual se aclimaram modificando, pelo novo meio, por conseguinte o typo e os costumes.

Então pelas cabeceiras do Guaviare, do Parôuan do Pastaza, do Morona, do Napo, do Putumayu, assim como pelas quebradas do Hualaga, do Apurimac, do Parô, do Ucayale, do Yavary do Yuruá, do Purús e do Madeira, do Guaporé, Mamoré, e do Pylcomayu, estabeleceram-se as correntes migratorias dos differentes povos, e n'esses rios

(1) Madre de Dios.

se fixaram, não erguendo, talvez, mais ao seu Deus, monumentos por lhes faltar então o material e por preverem ser a todo momento desalojados por novos invasores. Se levantaram templos, o que era natural, estes foram destruidos pelo tempo porque só o poderiam tel-os feito de madeira e palha.

As *miracemas* (1) que se davam do Sul para o Norte, para o Tunguaraguá, operavam-se tambem pelo Yapurá, Guainia, Içana, Uaupés, Yamundá e Orichimina, que desciam do Norte.

Da luta constante formaram-se novas tribus que tomaram novos destinos. Algumas, em vez de descerem para o Sul, tomaram para Leste, e cahindo no Guaviáre, no Metacuyo, no Urá sahiram no Yuyapárô, hoje Orenoco, do qual se appossaram e seguindo o seu curso foram dar ás Antilhas onde encontraram os velhos Tainos. Travou-se a luta e os povos da terra firme, que em ondas desciam, apparecendo no littoral por elle estenderam-se as suas conquistas para o Sul. Divididos, com diversos nomes, foram de Maracaybo até ao Amazonas, onde ergueram os *Aterros sepulchraes*, contemporaneos da Necropole de Mirakanguera. Seus descendentes foram posteriormente denominados Karaibas e Aroakys e pela descoberta do Pará os de Marayó conhecidos por *Aroans*, tiveram o nome de Nheengaibas, dado pelos Tupynambás, que estavam com os civilisados.

Quando Kari Manco Capac com sua irmã Mama Oello (1) chegaram a Cuzco, já os Kichuas e os Mayas (2) dominavam as suas alturas.

Chamando-os a si, adoptou a sua lingua e obrigatoriamente vulgarisou-a entre os que conquistava, que já pelo isolamento, pelo meio e pelo cruzamento a tinha modificado. Para si e para os escolhidos da côrte, que tinha formado,

---

(1) Bando migratorio, de *mirá* gente, *cema*, sahida.

(2) Manco Capac e sua irmã, é uma reminiscencia do mytho Mexicano *Ometecutli*, o sol e *Ome-ciuhatl* a lua, sua irmã e mulher.

guardou á sua, a que melhor lembraria a terra de seus avós, aquella que tinha o vocabulo *kari* que exprimia o seu saber, o seu poder e a sua qualidade de estrangeiro.

Um facto se deu até hoje. As tribus do Norte atravessavam o Amazonas e embrenhavam-se para o Sul, levando ante si os que procuravam chegar ao grande rio e tomando-lhes os lugares faziam com que retrocedessem avançando para o centro do Brazil.

Nos primitivos tempos as miracemas da America do Norte atiravam para a do Sul os povos que se reuniram aquem e alem dos Andes, vindo depois os Yncas, com as suas conquistas espalhal-os, e nos nossos dias as invasões espanholas, pelo Norte e pelo Oeste, e as portuguezas pelo Amazonas levando tudo a ferro e fogo, fizeram com que aquelles que não quizeram se sugeitar ás algemas do captiveiro, que as bandeiras de resgate conduziam, descessem as serras, e entrassem pelas mattas, procurando abrigo e liberdade nos sertões do centro do Brazil.

Assim do Norte atravessavam o Amazonas, os Omauas, os Karipunas, os Kamayurás e os Auetês, indo estes até o Xingu e muitos outros, como os Nahuás, que subindo o Rio Yuruá, dividiram-se em *Kachinahuás, Yaminahuás, e Uakanahuás.*

Esse novo descimento migratorio, obrigado pelas conquistas Yncasicas, quando se aproximava do Amazonas, tinha de retroceder e abandonar os caminhos percorridos porque encontravam-se com outras hordas mais possantes que descidas dos affluentes do Norte demandavam os do Sul. Os Aymaranás encontravam-se com os Mayos, com os Nahuás, com os Quichos e com os Tupynambaranas, os quaes vinham tambem corridos do littoral e procuravam refugio nas aguas do Amazonas. Foi assim que, pela descoberta da America, encontrou-se o elemento linguistico tupynambá estendido pelo Amazonas, por todo o littoral, mesmo pelas Antilhas, Paraguay e Bolivia, e pela mesma

forma entraram os elementos Antisianos para o centro do Brazil e os Bogotenses para o valle do Amazonas.

Pela lingua dir-se-hia que todas essas tribus eram Tupys ou Apiabetés, entretanto assim não o era, porque genuinas miracemas Tupys desmanteladas já tinham descido pelo littoral e se intrincheirado para as bandas do Rio da Prata. No meio das tribus Karaibas e Nheengaibas, apparecia o fallar do Tupynambá aprisionado, alliadó, cruzado ou foragido. Quando elles eram numerosos se aldeiavam as sós n'um ponto, no caso contrario conviviam com seus kariuas n'outros e assim por toda a parte appareciam mesclados, fazendo suppor que todas as tribus eram verdadeiramente Tupynambás ou que os Karaibas eram ramos d'estes. Assim foram parar no alto Xingu os Bakairis e no alto Capim e Pindaré os Tembés, que foram viver entre outras tribus karaibas, que para ahi tambem tinham immigrado.

Constituiam, é verdade, uma grande nação, mas composta de ramos differentes, que foram subjugados de um lado e alliados por outro.

A união que parecia existir era, às vezes, interrompida pelas guerras que, entre si, haviam, mas, que foram sempre tomadas por discordias familiares e não por odio de raça, pelo que os povos, que, por assim dizer, circulavam os chamados Tapiyas ou Nheengaibas, que occupavam o centro do Brazil, eram tomados por um só povo oriundo de um só galho e d'ahi veio dividir-se nos ramos Karaibas, Galiby, Omagua, Tupy, Tupynambá e Guarany.

Entretanto, se pela lingua apparente, havia affinidade entre estas divisões, pelas raças se distinguiam algumas. Assim como os que eram Karinys se refugiavam em terras karaibas, assim estes se introduziam, por conquistas, nas d'aquelles, com quem se mesclavam.

Uns correram para o Sul, outros para o Norte, estes refugiaram-se no Amazonas e aquelles internaram-se pelo centro do Brazil de maneira que destroçada a numerosa

nação Tupy por toda a parte apareciam os seus vistigios Pela separação os descendentes constituiam novas familias que se tornaram estranhas e inimigas, a ponto de umas desalojarem as outras. Assim na marcha do Norte para o Sul os Tupynaês, nos diz Gabriel Soares, chegando ao littoral da Bahia, d'ahi expulsaram os Tapiyas, que correram para o centro, e tomaram posse de seu terreno, mas, correndo os annos appareceu uma nova horda, então de Tupynambás que atravessando o Rio S. Francisco, cahiu por sua vez sobre os Tupinaês, que tomaram o mesmo caminho dos Tapiyas, obrigando estes a se retirarem mais para o centro. Assim successivamente em todo o littoral as tribus se succediam e se dividiam. Foi assim que os Tupys, tomaram differentes nomes, e se mesclaram com os Karaibas.

Os Karaibas prisioneiros dos grandes centros karinys, adoptaram o seu fallar em quanto que estes cahindo em meios de dialectos differentes conservaram o seu, mas modificando-o tambem.

Gonçalves Dias bem disse: «Assim que—nem todas as tribus do littoral eram *tupys*,—nem todas as do interior—*Tapuyas* (1).

Foi isso que nos levou, quando tratamos da lingua geral, a dizermos que abrangia ella quasi toda a America do Sul.

Posteriormente aos Yncas as conquistas hespanholas atiraram para o Amazonas novos contingentes, como o dos Omauas, e outros, que aterrorisados fugiam espavoridos vindo completar a mescla. Pelo Sul chegaram ao Amazonas, descendo pelo Madeira, os Tupynambás, que depois de fugirem á persiguição dos portuguezes em 1541 quando vingavam a morte de Aleixo Garcia se tinham aldeiado com os Chirihuanos, na Bolivia. Perseguidos depois ahi pelos hespanhóes desceram e se aldeiaram na ilha, hoje conhecida por, dos Tupynambaranas. Levandoos missionarios ao

(1) *Obras posthumas. Brazil e Oceania* VI. pag. 54.

seio d'estes o tupy que apprendiam nos collegios do Pará e do Maranhão, fez com que tribus karaibas ainda hoje o fallem, e d'ahi o estropiamento e a vulgarisação da lingua.

Entre os Uaupés, por exemplo, nação composta de muitas tribus com dialectos diversos e de ramos differentes, hoje mesmo entre si quasi não fallam senão tupy ou nheengatu. Os Mondurukus e os Nauhás, actualmente ligados, apezar de terem dialectos muito differentes, comtudo entre si só fallam o mesmo Nheengatu, o que se dá tambem entre os Parikys e Aroakys.

Assim se derramaram e se confundiram tribus, vindo a luta pela existencia obrigar ainda mais o fraccionamento das tribus, que fatalmente tiveram de se isolar, para poderem prover a subsistencia.

Não podendo ser agricolas, já pelo receio de desalojamento, já porque as roças denunciariam as vivendas, tornaram-se nomades e a procura da caça os levava para onde esta abundava.

Esta fusão de raças, anthropologicamente fallando, tem feito com que distinctos naturalistas, tenham, bascados na lingua, grupado indios que ethnicamente se afastam.

Segundo a tradicção e as lendas era sempre o muyrakytã o ramo de oliveira, o talismã que mostrava o parentesco e que estabellecia as uniões pacificas e que mostrava quaes eram os filhos do sol enlaçados pelas serpentes de Votan.

Os factos que se deram outr'ora virificam-se hoje.

Não ha ainda vinte annos que muitas tribus existiam estabellecidas na parte baixa do Madeira, Purus, Yuruá, Yavary, e Rio Branco, mas que foram levantando os acampamentos, subindo as cachoeiras ou internando-se pelas florestas, indo parar á Bolivia, e ao Peru onde dizimados existem hoje unidas a tribus estranhas, deixando desertas as plagas que habitaram, como acontece com os Nahuás, que já estão no Yuruá, ligados aos Katukinas.

Como ondas, umas após outras, annualmente subindo

por esses rios os *seringueiros* e os *cauchêros*, que se iam apossando das terras, ante esses invasores os indios fugiam á medida que elles avançavam, até que chegando ás raias do Peru e da Bolivia, não podendo avançar, como Brazileiros, os indios se fixaram em terra estranha, deixando os seus costumes e adoptando os d'aquelles por quem eram recebidos depois de caminharem centenas de leguas.

Foi assim que a tribu Tikuna, tornou-se Peruana, e a dos Makuchys e a dos Aroakys ingleza.

Entre a escravidão que lhes offerecem os Karaibas civilisados, preferem a barbaria e a morte que lhes dá a independencia.

Os nomes dos povos que apresento, são de nações que comprehendem numerosas tribus formadas de cruzamentos com uzos e costumes differentes, algûmas inimigas irreconciliaveis e que estão estabelecidas, hoje, em centros Karinys.

Sei que este estudo vae de encontro a opiniões de alguns homens notaveis por seu saber, mas, tendo sido feito baseado em observações proprias, n'uma parte do scenario dos acontecimentos, incompleto, como reconheço que é, não deixará comtudo de chamar a attenção dos que com suas luzes e maior numero de factos e observações, poderão esclarecer a verdade da questão.

A nephrite, semente asiatica, foi que produzio esta arvore, que confirma o que o Revd. Blas Valera, (1) disse a trezentos annos baseado na tradicção do seu tempo. Díz elle, valendo-me da citação do Ynca Garcillaso de la Vega:

Cette race d'hommes cruéls dénaturez, est fortie du Mexique, *à ce que l'on tient & a peuplé depuis toute les Contrées de* Darien *& de* Panamá, *d'où elle a passé plus avant dans ces grandes Montagnes que d'un côté aboutissent à Sainte Marthe, & de l'autre au nouveau Royaume de* Grenade.

---

(1) Blas Valera escreveu, em latim, uma *Historia do Peru*, cujo manuscripto se perdeu em 1596, salvando-se alguns cadernos que foram parar em 1600, ás mãos de Garcillaso, por intermedio do jesuita Pedro Maldonado Saavedra.

Devo, agora, fazer algumas observações sobre os nomes Colhuas ou Collahuas, e Chans ou Chis, que se encontram nas tradicções americanas e ligados, ainda hoje, a algumas tribus platycephalas, que se julgam descender do sol e das serpentes.

Em ambas as Americas esses nomes exprimem sol e serpente, não só entre os povos do Mexico e America Central como entre os Andinos.

Assim *Cham, Chi, Chih, Chichi* e *Ci* entre os Muizkas, os Guahivos, os Karaibas, e em quasi todos os dialectos dos Andes querem dizer sempre a *luz da luz*, a *mãe da luz*, a *creadora*, a *origem das raças* e *sol*. O mesmo significado tem entre os *Chans, Chamitos* ou *Tais* do Imperio de Burmah.

Chi, no Celeste Imperio, ao passo que quer dizer *raça, tribu, familia*, nasalmente pronunciado, *Chin* ou *Tsin*, como no Mantchu, significa *sol*. Em Chinez, *Chi-tsu* é o avô da raça, o sol.

D'esse *chi* originam-se muitos nomes de localidades, e tribus do Mexico, da America Central, patrias dos adoradores do sol, como os Chans ou Colhuas que tem, tambem, o nome de Chichimecas.

Vemos, por exemplo, o nome Chile ser o mesmo de uma provincia do norte da China, que parece ter sido perpetuado na America pela semelhança que existe no clima dos dous paizes, e como recordação da mãe patria. No Chile, do Celeste Imperio, as montanhas, pelo inverno se cobrem de gelo e os rios se tornam innavegaveis pela neve, o que se dá tambem, no Americano. Penso, por isso, que o nome dado ao paiz conquistado por Almagro e Valdivia, não se deriva de *Title*, nome de um passaro semelhante ao Tordo, como querem, e sim do mesmo Chi, que perpetua o nome dos antepassados.

Este Chi, é o mesmo *Chin, Tsin* ou *Thchin*, Mantchu, que deu nome á *China*, vindo este nome do de *Tsina*, ou *Thchina* dado depois da dynastia de *Tsin*, o filho do sol.

E' natural que, aquelles que se julgam descender do sol, se denominem Chans, Chens ou Chis, como nome de familia.

As diversas maneiras dos povos pronunciarem estes nomes, me parece ser uma abbreviatura do sanskrito *Aruchi*, (aru-chi) luz que se espande, os raios do sol, o sol. Chi vem da radical *Ush*, queimar, faiscar, esquentar.

No Arabe, no Assyrio, no Chaldaico, *Chen* e *chi* indicam o sol, assim como o *Cham*, ou *Ham* biblico, o filho de Noé, segundo a Vulgata, quer dizer, tambem, *Calidus*, *Calor*, (1) do *Hammon*, hebraico, *ser quente*, que os Arabes, de Argel, fazem *H'ami*, queimar sem chamma. Vem, d'ahi, nas diversas linguas asiaticas traduzir-se o sol por *Cham*, *Chamesce*, *Chamescho*, *Chanch*, *Schams*, *Schains*, etc.

Devo observar que a aspiração forte e especial da palavra Cham, rigorosamente, pelo genio das linguas orientaes dá o *Ham*, o *Am*, o *Kam* e o *Cham* como tambem algumas outras linguas dão o som de *Ts*, *sh*, *ch*, e *thch*.

Que povo seria, pois, esse a quem a tradicção americana liga a sua origem ? Existiria n'elle algum ramo d'aquelle a quem Noé disse:

«*Maledictus Chanaan, servus servorum erit fratribus suis* ? »

Não affirmo, apenas, apresento algumas coincidencias que ligam o nome Cham á jadeïte e á nephrite.

Sabemos que as principaes jazidas de jadeïte estão ao norte de Bamá e em Yunnan, entre 25° e 26° gráos de latitude e sabemos, tambem, que no Imperio de Burmah na provincia de *Aracan* existem os Tais, Chans ou Chamitos.

Estes ainda hoje amam as joias e não dispensam os amuletos, seriam elles os introductores dos amuletos de jadeïte e dos *Kings*, no paiz dos *Araucus*, na Araucania ?

O certo é, que, quer no Mexico, quer no Perú, a tradicção diz que foram uns Chans, filhos do sol e das serpen-

(1) *Biblia sacra vulgatae editionis Sixti V. Pontificis Maximi. etc* Paris, 1882, CC.

tes, os introductores das pedras verdes, da jadeïte e da nephrite, que até hoje só na Asia existem. Christovão Colombo quando chegou á Cuba, encontrou entre os Tainos não só os amuletos, Chimés, de jadeite e nephrite, como a tradicção do Cham, biblico, exactamente como nos refere a Escriptura (2).

Devo chamar, tambem, a attenção para o facto de ser o nome Taino, da tribu encontrada por Colombo, que usava os *Chimés* igual ao da tribu que ainda existe em Burmah, uzando tambem amuletos de jadeite. Esse nome se prende tambem a *Tain*, o creador da theogonia Chineza, aquelle que poz no mundo Pançon e Pançona, o primeiro casal, que appareceu sobre a terra. Dessa descendencia não virá o se considerarem *nobres* os Tainos americanos ?

A America, como na Asia, Cham e Tain, indicam um povo do origem solar e que usou amuleto de jadeite e de nephrite, os quaes sendo pelos Tainos denominados Chimés, tem o mesmo nome que o de Cham, quando escripto em linguagem yerogliphica. Cham ou K M lê-se *Chmé*, segundo Champollion.

Devo dizer ainda alguma cousa sobre outra analogia que encontro entre Cham e o Chile.

Vimos que, em Burmah, existe a provincia de Aracan, que é uma reminiscencia da Arach, ou *Araca*, de Ptolomeo, cidade fundada por Nemrod, e filho de *Chus* e neto de Cham, e, não serão os *Araucos* vestigios de vergonteas d'alguma semente d'esses que levaram para as planicies de Sennaar aquelle nome e o uso de talismans e amuletos ?

O planalto do centro d'Asia, nos tempos biblicos constituia uma só região cruzada pelos *clans* migratorios que se fixavam aqui e alli, se expatriavam por lutas fratercidas ou pelas que se dão pela existencia e essa dispersão de povos comsigo conduzio os amuletos de nephrite de Kashgar e Khotan e os de jadeite de Bamá e Yunnan, que hoje

(2) Clavigero, *Storia del Mexico*, IV. *pag*, 16.

surgem do solo americano, onde por seculos estiveram sepultados. para, como balisas, nos guiar illucidando a questão da origem dos povos do Novo Mundo.

Independentemente ou unidos os povos da Mongolia, e da Tartaria passando por Burmah, arrostando todas as vicissitudes de uma longa jornada, chegaram á America, como os Kalmouks, que, no reinado de Catharina, em cinco mezes, em numero de 600 mil sahiram da Russia para chegarem á China, depois de fazerem 700 legoas de marcha (1).

Sobre a origem asiatica dos Chans, não o nega o Dr. Gosse, que estudou os craneos achados por Weddell e Castelnau, porque na sua *Dissertation sur les races du Perou*, (2) criticando Rivero e Tschudi elle nos diz que os *Chincas*, do Peru, são Asiaticos.

Elles tinham o culto da serpente, como o tiveram no Brazil entre outros os Manáos, os Barés, e os Kueuanás.

Assim como os Mesrains chegaram á Ethiopia porque não chegariam os Chans, como Karaibas, á America? O que admirá se

«Ab his divisae sunt gentes in terra post diluvium?»

---

(1) Quatrefages, *L'Espéce humaine*, *oag.* 135—137.
(2) *Mem, de la Societ. d'Anthrop. I. pag.* 160.

FIM DA PRIMEIRA PARTE

ERRATA

PAG.	LINHAS	ONDE SE LÊ	LEIA-SE
VI	3	destinguil-a	distinguil-a
5	9	motivou	motivaram
5	12	Presa a	Presa á
5	24	lhe	lhes
5, 19	26 34	muyrakitã	muyrakytã
5	27	modificadas;	modificadas:
6	11	estes	este
7	2	varios	varias
7	7	Bourboug	Bourbourg
7	13	(1)	(1) A nota d'esta chamada acha-se á pag. 9 sob o mesmo numero.
8	26	poder;	poder,
13	29	ATK	ATL
14	11	Ê	E
14	25	o	a
16	15	polos	pelos
16	(1)	*Anez meriodionale*	*Amér. Méridionale*
19	15	de	do
22	13	callecções	collecções
22	22	etnographia	ethnographia
23	7	dirigi	prestei
26	8	recuillait-on	recueillait-on
31	34	nauha-quiché	nahua-quiché
34	9	nèprhite	nephrite
35	13	tor	ter
36	33	tambetá	tembetá
37	3	sililicato	silicato
37	31	porem.	porem,
38	2	nos, falsos	nos falsos
40	4	(1) muyrakytá	muyrakytã
41	28	qne	que
43	10	norte	norte,
43	13	Hyrcanino	Hyrcaniano
43	14	bifureção	bifurcação
43	14	sul	sul,
43	22	volta	volta,
43	23	sul	sul,
44	23	Tapayos	Tapayós
45	8	prehistorica	prehistoricas
45	9	Votn	Votan

PAG.	LINHAS	ONDE SE LÊ	LEIA-SE
45	15	Tiuhuanaco.	Tiuhanaco,
48	7	lhas	ilhas
48	9	escrevem com as	escrevem com *t* as
48	28	platiciphalia	platicephalia
49	19	vennues	venus
49	(2) 1	Re mithe	Le mithe
53	(1) 2	...de Asie	de l'Asie
61	(1) 3	ne	de
61	(1) 4	dada	nada
62	28	Astecas	Aztecas
63	9	Originaram	originadas de
64	28	Porque os	porque quando os
64	30	Divina	Dwina
70	15	Sua	Suas
70	16	als	al-
70	30	Cançados	cançadas
71	(3) 2	Conquistado	Conquistador
76	16	Trombetas	Trombetas,
79	10	Amazonaseo	Amazonas e o
80	7	muyrakytã	muyrakytãs
80	28	littophonos	lithophonos.
84	2	cla	cela
84	16	terra	terre
104	10	ligar-se-ha-a	ligar-se-ha
104	13	*Hilas*	*Hylas*
108	25	ás suas côres	as suas côres
111	6	uo	uso
112	5	saserdote	sacerdote
113	17	petit corde	petite corde
119	15	oreiles	oreilles
123	9	mão	mãe
125	33	recintho	recinto
126	21	Karayos	Karayós
127	36	8	9
130	3	estinguio,	estinguio
130	20	sotl	sott
136	1	E	É
136	15	Vinlandta	Vinlandia
137	16	Lucayes	Lucayas
137	18	mesma	mesmo
137	32	tradicção	tradicção,
141	4	jadeïte em outro	jadeïte, em outro,
141	26	d'amulets,	d'amulets»,
142	13	adequeridos	adquiridos

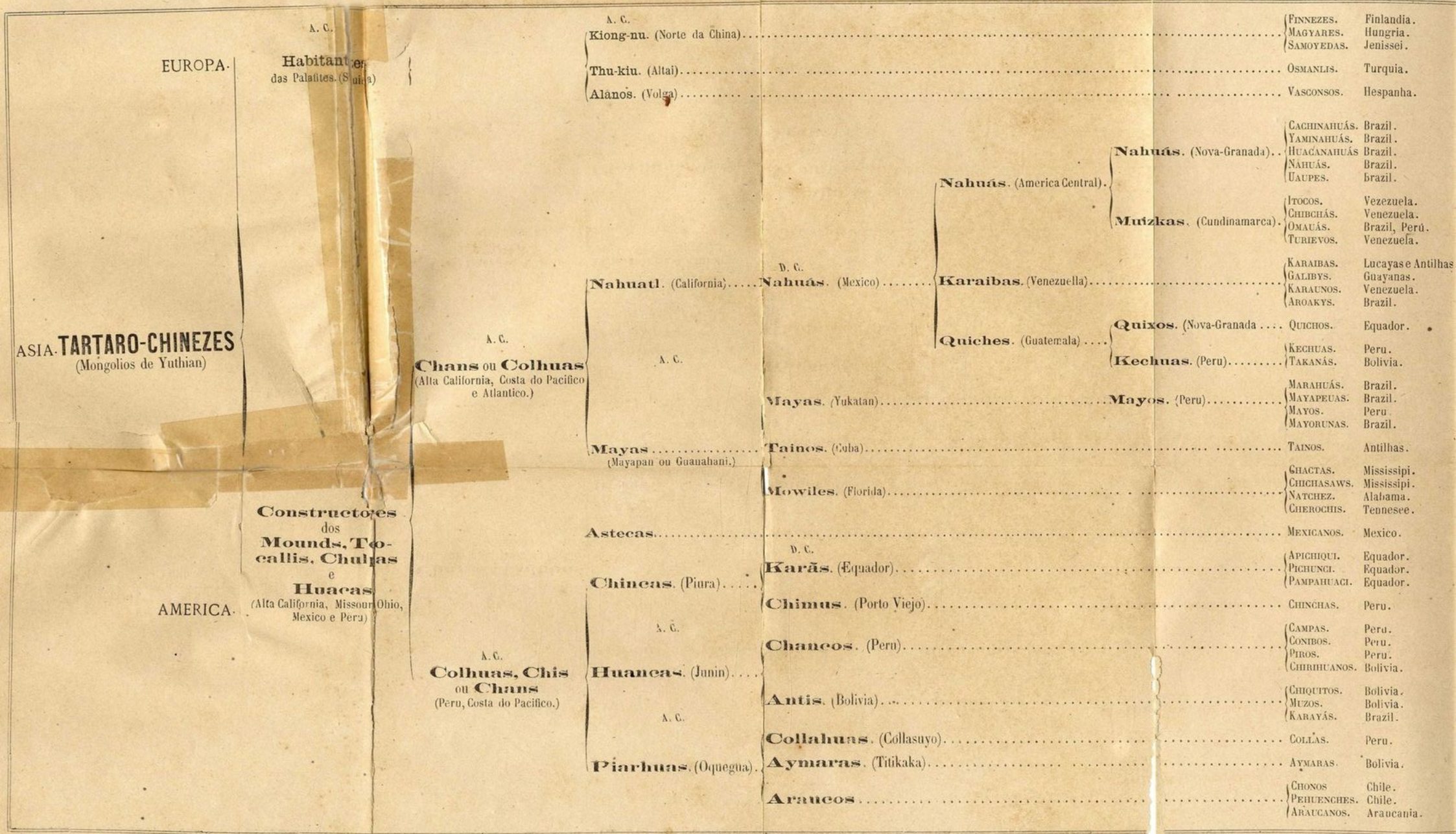
PAG.	LINHAS	ONDE SE LÊ	LEIA-SE
142	14	envadido	invadido
142	16	indios	indios
144	33	Cemo	Como
151	1	a das que	a que
152	28	do Parôuan	do Parôuan,
152	31	do Javary	do Yavary,
157	7	Nauhás	Nahuás
157	9	Nheengatu	Nheengatú

Alguns outros erros, como *Nauhas* por *Nahuas*, escaparam, mas que o leitor, benevolo, desculpará.

ARVORE MONOGENICA dos povos que têm a tradicção do culto das serpentes, do sol e do Muyrakytã

POR

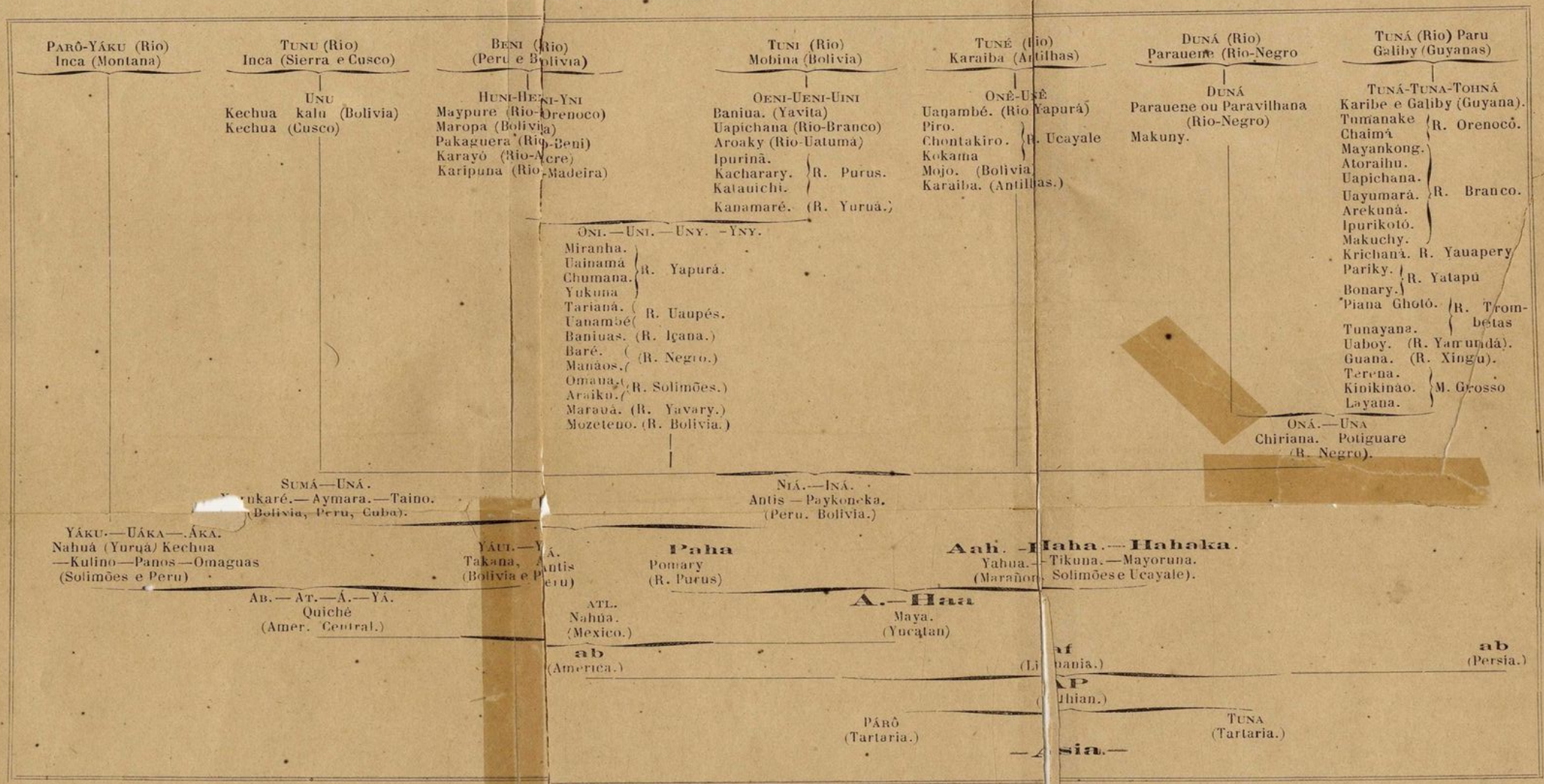
J. BARBOSA RODRIGUES



QUADRO MONOPHYLETICO ou arvore Genealogica das tribus que tem a tradicção do Muyrakytã pela qual se vê linguistica e geographicamente a marcha das emigrações

POR

J. BARBOSA RODRIGUES



N.B.—Os vocabulos são extrahidos das obras de Castelnau, D'Orbigny, Weddell, Martius e dos vocabulos originaes tomados entre os indios pelo Autor.

AMAZONAS
GOVERNO DO ESTADO

Comunicado

A disponibilização (gratuita) deste acervo, tem por objetivo preservar a memória e difundir a cultura do Estado do Amazonas e da região Norte. O uso deste documento é apenas para uso privado (pessoal), sendo vetada a sua venda, reprodução ou cópia não autorizada. (Lei de Direitos Autorais – Lei n. 9.610/98.

Lembramos, que este material pertence aos acervos das bibliotecas que compõe a rede de Bibliotecas Públicas do Estado do Amazonas.

Contato

E-mail : acervodigitalsec@gmail.com

Av. Sete de Setembro, 1546 - Centro
69005.141 Manaus - Amazonas - Brasil
Tel.: 55 (92) 3131-2450
www.cultura.am.gov.br

Secretaria de
Cultura